# OBRAS POETICAS
DE
# PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO,

DEDICADAS
AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
D. THOMAZ DE LIMA
E VASCONCELLOS BRITO
NOGUEIRA TELLES
DA SILVA,

*Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c.*

---

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVIII.
*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

# D. THOMAZ DE LIMA E VASCONCELLOS BRITO NOGUEIRA TELLES DA SILVA,

*Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c.*

# ILL.^MO E EXC.^MO

# SENHOR

*SENDO a Poeſia hum dos grandes Monumentos, em que, a pezar da voracidade dos Seculos, ſe nos conſervão as memorias das brilhantes, e famoſas acções de tantos Heróes, que jazerião ſepultados no eſqueci-*

*men-*

ILL.MO E EXC.MO

# SENHOR

*SENDO a Poesia hum dos grandes Monumentos, em que, a pezar da voracidade dos Seculos, se nos conservão as memorias das brilhantes, e famosas acções de tantos Heróes, que jazerião sepultados no esqueci-*

*men-*

*mento, se não tivessem havido Homero, Pindaro, Virgilio, Horacio, Camões, e outros, que com seus Poemas lhes immortalizárão os Nomes, incitando-nos ao mesmo tempo a imitarmos as virtudes, que os fizerão dignos de louvor, e a fugirmos aos vicios, com que a ignorancia corrompe nossos corações. E sendo igualmente certo, que a imitação destes Poetas he o mais seguro meio para com facilidade conseguirmos esta maravilhosa Arte, seria huma especie de deshumanidade negar á Patria, que tão anciosamente appetece o seu adiantamento, as Obras de meu Irmão Pedro Antonio Correa Garção, onde, con-*

*for-*

fórme a opinião dos Sabios, póde a Mocidade Portugueza achar muito em que instruir-se, assim na pureza, e graça da locução; como no sublime dos pensamentos. Persuadido deste objecto, e não menos dos incessantes rogos de innumeraveis pessoas, me resolvi a dallas ao público. Porém como era preciso buscar hum Protector, cujo merecimento authorizasse o da mesma Obra, lembrei-me que V. EXCELLENCIA, tanto pela sabedoria, de que he dotado, como pelo desejo, que tem da utilidade pública, não recusaria esclarecer, e honrar com o Nome de Mecenas o Author deste pequeno Volume. Digne-se pois V. EXCEL-

LEN-

*LENCIA de o tomar debaixo da ſua Alta Protecção, e de acceitar eſte ſinal do reſpeito, e veneração, que lhe conſagra.*

De V. EXCELLENCIA

O mais obſequioſo, e reverente criado

*João Antonio Correa Garção.*

# AOS LEITORES.

A Obrigação, que nos foi imposta de recebermos a edição das Obras de Pedro Antonio Correa Garção, que furtivamente se pertendião dar ao público, desculpará a desordem, e os muitos erros, que nellas descubrirão os intelligentes, e que não foi possivel comprehender na Taboa das erratas, e das emendas. Sendo as mesmas Obras bem acceitas, como esperamos, teremos o gosto, que hum dia appareção dignas do nome de seu Author, do desejo de seus Amigos, e da estimação de honrados Compatriotas.

Do-

DONA MARIA por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar, em Africa Senhora de Guiné, &c. Faço saber, que Eu hei por bem fazer mercê a Dona Maria Anna Salema, viuva de Pedro Antonio Garção, do Privilegio exclusivo por tempo de dez annos, para que só ella, ou quem tiver faculdade sua, possa mandar imprimir, precedendo a necessaria licença da Real Meza Censoria, a Collecção das Obras, que em Prosa, e em Verso deixou escritas o sobredito seu marido, debaixo das penas do perdimento de todos os Exemplares, que forem achados aos Transgressores, a beneficio da mesma viuva, e de duzentos mil reis de condemnação, ametade para o Denunciante, e a outra ametade para o Hospital Real de S. José: E esta Provisão se cumprirá, como nella se contém, e valerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação Livro Segundo, Titulo Quarenta em contrario. De que se pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregárão ao Thesoureiro delles a fol. 288. do Livro Terceiro de sua Receita, e se registou o Conhecimento em fórma no Livro trinta e tres do Registo geral a fol. 302. A Rainha Nossa Senhora o mandou por seu especial Decreto pelos Ministros abaixo assinados do seu Conselho, e seus Desembargadores do Paço.

Tho-

Thomé Lourenço de Carvalho a fez em Lisboa a dezesete de Junho de mil setecentos setenta e oito annos. Desta quatrocentos e oitenta reis, e assinar mil e seiscentos reis.

*Antonio Pedro Vergolino* a fez escrever.

*Antonio Freire de Andrade Enserrabodes.* *José Ricalde Pereira de Castro.*

Por Decreto de Sua Magestade de 3 de Junho de 1778.

*Antonio José de Affonseca Lemos.*

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes quinhentos e vinte e oito reis. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

*Dom Sebastião Maldonado.*

Registada na Chancellaria Mór da Corte, e Reino no Livro de Officios, e Mercês a fol. 316. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

*Jeronymo José Correa de Moura.* Nada.

OBRAS

# OBRAS POETICAS DE GARÇÃO.

## SONETO I.

Quem de meus versos a lição procura,
Os farpões nunca vio de Amor insano,
Nem sabe quanto custa hum vil engano
Traçado pela mão da Formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura,
Fuja de ouvir contar tamanho dâno,
Que a desabrida voz do Desengano
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que ha-de chorar, vendo patente
Em tão funesta, e lagrimosa scena
O cadafalso infame, e sanguinoso.

Verá levado á morte hum innocente;
E condemnado á vergonhosa pena
O mais fiel amor, mais generoso.

*A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos.*

## SONETO II.

LUtando com mil sustos, mil pezares,
Com desprezos, enganos, e rigores,
A teu rosto gentil, olhos traidores,
Templos lhe consagrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a mares
Degollavão as victimas Amores;
Ara cruel! suspiros, mágoas, dores
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marília de mudar-te o dia;
Têas, secure, pyra, vasos, fogo
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triunfou, triunfou a tyrannia;
Mas a pezar do altivo desafogo
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.

## SONETO III.

EM magnifica scena à fantasia,
Entre festões de estrellas radiantes,
Teus angelicos olhos triunfantes,
Gentil Marilia, me mostrou hum dia.

O Sol de teus cabellos se esparsia
Por columnas, e frisos rutilantes;
Aos pedestaes atados mil Amantes,
Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,
Voavão Esperanças, e Desejos,
Co'as Graças abraçadas, c'os Amores;

Mas retinindo hum silvo, de repente
A cortina cahio; males sobejos
Só mágoas vi depois, só vi temores.

# SONETO IV.

OS antigos Poetas fabulando
Inſpirados por Deoſes ſe fingírão,
Com o Olympo ſonhárão, e mentírão
A falſos Numes torpes aras dando.

Eneas pio ao Bárathro levando
Ver Eliza outra vez lhe permittírão;
E humas ſombras, que ávidas o vírão,
Memorárão o caſo miſerando.

Para honrar do ſeu canto a melódia,
Procurárão deſta arte engrandecella,
E quaſi forão tidos por divinos:

Eu mais fama darei á Poeſia,
Se hum inſtante ſonhar, Marilia bella,
Que são dos olhos teus meus verſos dinos.

A'

*A' mesma Senhora.*

# SONETO V.

CAntar Marilia ouvi tão docemente,
Que o coração, prostrados os sentidos,
Imaginou, que até pelos ouvidos
Seus olhos o assaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,
Quaes entrão n'alma os olhos seus movidos
Com formoso desdem, quando rendidos
Piza desejos mil tyrannamente.

O poder milagroso da harmonia,
Que no peito em triunfo campeava,
Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao Carro fatal atado andava,
Se era vella, ou ouvilla não sabia,
Sei que os novos grilhões não estranhava.

*A' mesma Senhora.*

## SONETO VI.

SE, eu soubera, Marilia, que vivia
O doce Amor nos olhos teus formosos,
Em meus sublimes versos numerosos
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orfeo co' a força da harmonia,
Dos ingremes outeiros pedregosos,
As altas faias, álamos frondosos
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Náo cuides que vans fábulas invento,
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,
Do peito sinto o coraçáo fugir-me.

Antes, senáo me engana o pensamento,
Farei que o Mundo todo namorado,
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

# SONETO VII.

CHeios de espeça nevoa os Horizontes,
Espantosas voragens vem sahindo!
Foi-se o Sol entre nuvens encubrindo,
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos Montes,
Os incautos Pastores aturdindo;
E engrossados os Rios vão cubrindo
Com embate feroz as curvas Pontes.

Com medonho estampido pavorosos
Os longos écos dos Trovões soando,
A rezar nos puzemos temerosos.

Parou a chuva; correm suçurrando
Os torcidos regatos vagarosos;
Não me atrevo a sahir, fico jogando.

## SONETO VIII.

Se, Beliza gentil, pudéra crer-te
Exposto a todo o mal, todo o tormento;
Esperára, voando o pensamento,
Com suspiros, e lagrimas mover-te.

Ousado commettêra, em fim, render-te
Sem a pena temer do atrevimento,
Pois para ter desculpa o meu intento,
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,
De desprezos, traições, e tyrannias,
Que sonho cuido ser quanto deséjo.

E nem á luz de teu sereno rosto,
Com que meus tristes olhos alumias,
Posso crer que te vejo, se te vejo.

# SONETO IX.

AO som da Fonte-santa, que corria
N'alva borda do tanque debruçado,
De cansados desejos, já cansado,
O triste Coridon adormecia:

Em doce sonho imaginando via
De Beliza gentil o rosto amado,
Que na trêmula vêa retratado
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,
Em váo aperta a limpida corrente;
Em váo lhe está com lagrimas dizendo:

Se folgas de que morra hum innocente,
Porque foges de mim, Ninfa, sabendo
Que Amor me mata, quando estás presente?

# SONETO X.

QUal a manſa Novilha, que innocente
Pelas pontas de louros enramada,
A duro ſacrificio vai puxada,
Sem temer a ſecure reluzente;

Só conhece que morre, quando ſente
O frio gume na cervís cravada,
Então; mas tarde já, deſenganada,
Ao Ceo ſe queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos
Voão meus rudes innocentes verſos,
Sem merecer deſprezos, nem rigores;

Quando os virem porém enſurdecidos,
Quando forem pizados, e diſperſos,
Debalde eſpalharão triſtes clamores.

A' Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyxas.

# SONETO XI.

AMor, que mil ciladas me tragava
Lá de trás de huma verde gelozia,
Com huns pequenos olhos me feria
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a fréxa, que voava
Já roto o pobre coração sentia,
E o sangue, que das vêas me corria
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo
Arrançar da ferida os passadores
Cravados dentro n'alma me ficárão.

E desde então, que sempre os olhos vejo,
Esses olhos pequenos, e traidores,
Que para me matar, me não matárão.

A'

*A Senhora D. Elena Filippa Xavier Navarra.*

## SONETO XII.

Comtigo, Lydia, moráo os Amores,
Moráo as Graças, Lydia na verdade,
Que no reino de Amor a liberdade
Sempre viveo sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,
Amor as armas tem na claridade;
Como ha-de voar livre huma vontade
Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguem solto se vê, se chega a ver-te;
Por mais livre que traga o pensamento,
Ha-de amar-te, servir-te, e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento;
Pois inda que quizera não querer-te,
Nunca livre me vira, nunca izento.

# SONETO XIII.

E Spargindo dourados resplendores
De teus annos, angelica Maria,
Nasce o ditoso, o suspirado dia,
Dia das Graças, dia dos Amores.

Junçada a terra de orvalhadas flores,
Em sinal de prazer, e de alegria,
Das frautas alternando a melodia
Trávão corêas Ninfas, e Pastores.

Pelas concavas fragas retinindo
O brando som de versos sonorosos
Teu nome estão os montes repetindo.

E os Satyros campestres cobiçosos
De ver os olhos teus, teu gésto lindo,
Se pendurão dos álamos frondosos.

SO-

# SONETO XIV.

AMigo Frei Joaquim, assim te eu veja
Vigario de Pondá, ou Taprobana,
Assim voltes a barra Tagitana,
Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o Ceo, assim proveja,
Que farto de charão, e porçolana,
Tragas veste, calção de linha Ousana,
Por Soli-Deó na tóla huma bandeja.

Assim Naire montado n'um Camêlo
Arrastando as gualdrapas pela rua,
Passees por Lisboa a passapello:

Assim digas, assim por vida tua,
A quem sabes que adoro com disvelo,
Que est'alma dantes minha, agora he sua.

Aos

*Aos Annos do Coronel de Artilheria Frederico Weinholtz.*

# SONETO XV.

COm soquete, lanada, e botafogo
Armado vi Amor; tinha assestados
Em platafórma cem canhões dourados,
Com que ao Mundo fazia hum vivo fogo.

No serviço cruel, sem desafogo,
Fervião seus alígeros soldados,
As balas erão olhos magoados,
O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos damnos,
Que he isto? lhes bradei, Moços traidores?
Surrindo me respondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao gésto lindo, q' aos ardores
De Filis se rendeo, hoje faz annos;
Tão bom dia festejão os Amores.

## SONETO XVI.

O Louro Chá no Bûle fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açucár em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado;
O gado feminino rebanhado
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a meza está de enxaropar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,
Com teus discretos ditos alegrar-nos.

Se vens, ou chia chuva, ou berra o vento,
Não póde a longa noite enfastiar-nos,
Antes tudo será divertimento.

# SONETO XVII.

DEpois de atar o pobre barco Algido,
Algido peſcador do Tejo undoſo,
Em quanto o bravo Noto proceloſo
Revolve as negras ondas inſoffrido;

Entre limoſas lagens recolhido,
De Dinamene o nome ſaudoſo
Na liza boia de hum Chinchorro algoſo,
Suſpirando, entalhou co' anzol torcido:

Depois tres vezes o beijou, dizendo:
Quaes ſerenão teus olhos meus pezares,
Teu nome o mar ſerene: e ao mar o lança:

Súbito o Ceo azul ſe ficou vendo;
Desfaz-ſe a branca eſcuma pelos máres;
Adormecem os ventos em bonança.

## SONETO XVI.

O Louro Chá no Bûle fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado;
O gado feminino rebanhado,
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a meza está de enxaropar-nos
Só falta que tu queiras, meu Sarment
Com teus discretos ditos alegrar-no

Se vens, ou
Não pode a longa
Antes tudo

## SONETO XVIII.

VEjo na vasta scena do futuro
Do tragico Destino a face acceza!
E de Espectros cobrir a redondeza
O nebuloso Ceo, o Pólo escuro.

Rasgar-me o peito, e coração seguro
Da torpe Inveja a barbara fereza:
Da fome crua, esqualida pobreza
Em vão fugir deséjo, em vão procuro.

Náda valo, constancia, e soffrimento;
Monstros feros, Cerastes assanhando,
Paciencia, e valor põem a tormento.

O que mais he, que a vida prolongando
Se ceva, e nutre o meu entendimento
Do espectáculo fêo, e miserando.

# SONETO XIX.

N'Uma ſonora roda, que girando,
Deſmancha de ſeus raios a figura;
Com delicada mão de neve pura
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando
Co' a doce boca de rubim procura;
Mas Amor, que ciladas aventura,
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados ſobre as azas meus Deſejos
O Capitão ouſado vão ſeguindo
Thé que a molhar o fio ſe inclinaſſe.

Bradou Amor; roubárão-lhe mil bejos:
Vê o triſte os ladrões ir já fugindo,
E pede-me que o furto lhe entregaſſe.

## SONETO XX

AO brilhante poder do santo fogo
De teus formosos olhos vencedores,
Que do suave Tyrse são senhores,
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço, e rôgo,
Se podem commover-te meus clamores,
A quem chora da Sorte os desfavores,
Sem que em lagrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina
Do teu, e nosso Tyrse, a que se dôa
Da mofina, e miserrima pobreza;

E qual Tyrse na Cithara divina
Teu lindo rosto angelico apregôa,
Cantarei de tua alma a gentileza.

*Ao Senhor Theotonio Gomes de Carvalho, Socio da Arcadia.*

# SONETO XXI.

A'Nte meus olhos anda Amor voando,
Não cruentos virotes espargindo;
Mas triste, e magoado o rosto lindo
Lagrimas crystallinas derramando:

Não ousado, e soberbo; humilde, e brando
Esmola pede a tenra mão abrindo:
Se lhe digo que espere; alegre, e rindo
Me vai mil esperanças amostrando.

Metto a mão na algibeira, acho só versos;
De versos, me diz elle, quem se veste;
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os Fados tens achado adversos;
Mas pede a Theotonio que te empreste
Hum Dobrão de seis mil e quatrocentos.

*Aos Annos do Senhor Theotonio Gomes de Carvalho.*

## SONETO XXII.

SAlve formoso Dia, alegre Dia!
Que os olhos viste abrir a Tyrse amado;
Sempre sejas feliz, abençoado,
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que as tuas horas alumia,
Mil vezes torne ao Téjo prateado;
E o rôxo Sol no carro seu dourado,
Atropelle os Frizões da Noite fria.

Formoso alegre Dia; pois nos déste
Hum limpo coração, amparo, abrigo
Da espantosa, miserrima pobreza!

Que dadiva do Ceo não nos trouxeste!
Ah! que hum amigo, e na desgraça amigo
Não o póde fazer a Natureza.

*Aos Annos do mesmo Senhor.*

# SONETO XXIII.

NÃo te direi que as Graças, q' os Amores,
Com suave prazer, doce alegria,
Salvando, caro Tyrse, o teu bom dia,
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi, q' as Ninfas, q' os Pastores
Atroando a fragosa serrania,
Com singela, campestre melodia,
Cantão os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras, e pungentes,
Na choça estão de Corydon cantando
A triste Mãi, os filhos innocentes:

Não ao som de aureas Lyras modulando;
Mas com devotas lagrimas ardentes
Pela vida de Tyrse ao Ceo clamando.

*Ao mesmo Senhor.*

## SONETO XXIV.

NÃo louves, caro Tyrse, a rouca Lyra
Do rude Corydon, triste forçado,
Que á tosta da Galé afferrolhado,
Se deseja cantar, chora, e suspira.

O lasso pensamento nunca tira
Do duro remo, do grilhão pezado:
Se se lembra do seu antigo estado,
Attonito, e frenetico delira.

O mar a cada instante lhe apresenta
Tragicas scenas de futuras mágoas,
Mergulhando entre as ondas a Esperança:

E só tu, qual Santelmo na tormenta,
Sereno tornas o furor das aguas,
Lhe dás alegres mostras de bonança.

# SONETO XXV.

*Cor.* FAze versos, meu Tyrce, a linda Clara
Teus versos quer ouvir, teu doce canto.
*Tyr.* Mas que versos farei, que possão tanto,
Que branda torne minha sorte avara?

*Cor.* A luz dos olhos seus formosa, e clara
Foi quem n'alma te deo fatal quebranto.
*Tyr.* São o doce veneno, são o encanto,
Com que Amor as cadeias me prepara.

*Cor.* Teus ais magoados, teus fieis ardores
Poderão abrandar tanta dureza:
Suspira, que bem ouve os teus clamores.

*Tyr.* Se suspiros abrandão a belleza,
Brandos espero ver, cheios de amores,
Os olhos, em que vive esta alma preza.

*Ao P. Francisco José Freire da Congregação do Oratorio, e Socio da Arcadia, mandando-lhe pedir tabaco Hespanhol.*

## SONETO XXVI.

QUaes as portas de Jano afferrolhadas
Onde preza mugia a Guerra dura,
O esfaimado nariz o coice atura
Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobrancelhas carregadas,
Com torvo gésto, fêa catadura,
Sorvo, e torno a sorver; e a mão já fura,
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

De balde o marrafão empurro, e metto;
Alojado na brexa o mormo grosso,
Com hum rodeiro maço atocha o taco.

O remedio será corno, ou espeto,
Se me não mandas já por esse môço
Do macio Hespanhol louro tabaco.

SO-

# SONETO XXVII.

N'Uma Galé Mouriſca afferrolhado,
Ao ſom do rouco vento, que zunia,
Sobre o remo cruzando as mãos dormia
O laſſo Corydon pobre forçado.

Em agradaveis ſonhos engolfado,
Cuidava o triſte, que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lilia branda via
Talhar c'o branco peito o mar ſalgado:

De vella, e de abraçalla cobiçoſo
Eſtremeceo, tentando levantar-ſe,
E os fuzís da cadêa retinírão:

Acordou ao motim; e pezaroſo,
Querendo á rude chuſma lamentar-ſe,
Só mil ſuſpiros, ſó mil ais lhe ouvírão.

*A' Calva do Padre Antonio Delfim, amigo do Author.*

## SONETO XXVIII.

ERA alta a noite, a Lua prateada
Já no sereno Ceo resplandecia;
E a corrente do Téjo parecia,
De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella, destoucada,
Descalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de huma loisa, que se abria
De medonhos Espectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros
Esfaimadas Raposas; na Floresta
Lhe respondião Môchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delfim na testa
De finado cabello alguns milheiros.

*Ao Padre Delfim.*

# SONETO XXIX.

FOi-se embora o Delfim! Como ficámos?
Ah tyranno Delfim, que nos deixaste!
Comtigo o prazer, nosso nos levaste,
Por ti affliƈtos sem cessar chamamos.

Em vão cançadas lagrimas choramos:
Desta pobre choupana te enfadaste?
Depois que a nossos olhos te negaste,
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!
Da triste noite os fúnebres horrores
Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo são dos mudos em dissabores!
Agua fervendo para nós he fria,
O Chá de tres mil reis, he Chá de dores.

A

*A' Calva do mesmo.*

## SONETO XXX.

AO pellado Eliseu a rapazia
(Enxâme de formigas inquietas)
Com apupos, batendo-lhe palmetas:
Ergue-te, ó calvo, em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria,
E deitando a correr, as çapatetas
No calcanhar tangião castanhetas,
Cujo som pelas ruas retinia.

Assim, crêca Eliseu, Delfim Antonio,
Fugiste de entre nós a passapello?
Parece que foi cousa do Demonio!

De cada vez te falta mais cabello:
Clerigo calvo, he Clerigo bolonio;
Mas ainda assim, tomáramos nós vello.

*Ao Padre Delfim.*

# SONETO XXXI.

Não se paga de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso gado;
O campo, que do gêlo foi crestado,
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se he verdade,
Que este Cirio te deve algum cuidado,
Não estejas em casa encoquinhado;
Foge, foge da misera Cidade.

Estes campos te esperão com mil flores;
A Fonte santa seus crystaes desata;
Sem ti o nosso pranto se não secca.

Desprezas o agazalho de Pastores?
Pois se de apparecer aqui não trata,
Fazemos-lhe sequestro na Rebeca.

*Ao fogo que houve em Alcantara n'um grande monte de tojo, alludindo á Calva do Padre Delfim.*

## SONETO XXXII.

POr entre crespas terras de enrolado
Negro fumo, o clarão se despargia
De hum incendio voraz, que á vista ardia
Do Dono da fogueira descorado.

Soavão os rebitos golpes do machado,
Com que a Mestrança intrépida batia:
A pezada caldeira retinia:
Estava immenso povo embasbacado.

Architavão as bombas sequiosas:
Marcha em fileiras a guerreira gente:
Nunca no Céo se vio Lua tão alva!

Co' reflexo das chammas luminosas,
Brilha do Tojo a tumida corrente;
Qual brilha do Delfim ao Sol a calva.

*Ao Padre Delfim.*

# SONETO XXXIII.

QUem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo,
Olhos azues, as faces mui rosadas,
Castanhas as melenas estiradas,
E na burnida testa hum pouco calvo?

Quem mo trouxer aqui a são, e salvo,
Certo, não perderá suas passadas:
Na verdade, que ha horas minguadas!
E deixei-o fugir? sou hum papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,
Se conhecem hum Padre rabugento,
Que gosta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como hum vento;
Vai pregar hum escrito a São Vicente,
E põe outro na rua de São Bento.

*A' Calva do mesmo.*

## SONETO XXXIV.

COm a mão na rabiça, e cō' aguilhada
O colono Villão os bois picando,
Abre o comprido rego, a terra arando,
Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,
Rebenta a verde cana levantando;
E no quente Verão, do vento brando
Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores
Lanção por terra os esquadrões viçosos;
Da carnagem cruel nenhum se salva:

Assim andão Demonios malfeitores,
Ceifando nas cabeças de tinhosos;
Assim Delfim a tua se fez calva.

*Ao Padre Delfim.*

# SONETO XXXV.

*M.el* A Ppareceo o Padre Antonio; estava
Escondido n'um côvo de gallinhas;
Para caber metteo-se de gatinhas,
E nem que pinto fôra assim piava.

*Eu.* Quem? o Padre Antonio, que tocava
Diversos minuetes, e modinhas,
Cuja calva em funções de Ladainhas
Entre cinzentas crôas alvejava?

*M.el* Esse mesmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado?
*M.el* Certo atravessador, que mui contente,
Entre capões o tinha pendurado;

Mas vio, que lhe dizia toda a gente:
Como está manso pelos pés atado;
Se o soltarem, vai dar a São Vicente.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXVI.

TAmbem me lembra a mim, que já tiveste
Mais cabello na calva luzidia;
E me lembro tambem, de q'algum dia
De vir comnosco estar gôsto fizeste:

Nem me esqueço de quando nos tangeste
(Por final que cigarra parecia)
A rebeca, que a todos aturdia
Até que coutadinho endoudeceste.

Desgraçado Delfim! Eras bom homem.
O mofino do moço deo-te olhado,
Foi o mesmo que ver-te Lobishomem:

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só gostas de comer o que elles comem,
Depois de digerido, e transmutado.

*A' Calva do Padre Delfim.*

## SONETO XXXVII.

Por Cerastes, e Gorgonas lançada,
Do mirrado Cassinni à sombra fria,
Passa do lago Averno a gritaria
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneraveis Deosas avexada
Teme não rompa ſedo o claro dia;
E acossada dos cães freme, assovia,
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvada vaga assim de rua em rua,
E ao som medonho da infernal calceta
Subito quebra o somno mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua
Para traçar o giro de hum Cometa,
Que ha de crestar a grenha a todo Mundo.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XXXVIII.

INda a vermelha Aurora somnolenta,
Os olhos esfregando, mal abria
A dourada Manhã, e a luz do dia
No Téjo se encostava macilenta.

Das nuvens o theatro representa,
Iris formosa, que fugir se via
Do socegado mar da Trafaria,
Triste final da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, sèis, e oito vezes
O inquieto Delfim por mim chamava,
Os lombos despegando-me do leito.

Fallou, tocio, tocou, e em taes revezes,
Quando cuidei que socegado estava,
Fez-me os versos fazer, que tenho feito.

Ao

*Ao Padre Delfim.*

# SONETO XXXIX.

Qual saudosa Mãi, que da ribeira
Bradando afflicta, em lagrimas banhada
Co' amado Filho, de quem era amada,
Vê da praia fugir a não ligeira.

Tal nossa saudade verdadeira
De te não ver aqui desesperada,
Sente que da afflicção a alma cançada
Está chegando á hora derradeira!

Tristes, mudos, afflictos, e chorosos
Huns para os outros, nem se quer olhamos:
Que longos são os dias invernosos!

E se ás vezes as trombas levantamos
Pelo Padre Delfim, delle saudosos
Huns aos outros a medo perguntamos.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XL.

QUe he delle o Cabeção do P. Antonio?
Onde tem o chapeo, mais a bengalla?
Francisca, vê se podes apanhalla:
Fugir-nos se intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do Demonio;
Espera, escuta, se resona, ou falla:
Acordaste-lo? Valha-te huma balla;
Pois perdeo duas Missas Santo Antonio.

Deos te salve, Delfim, muito bons dias:
Queres Chá, ou Café? A Misses Rosa
Tem ordem de fazer-nos as fatias:

Quanto esta manhã fresca he deliciosa,
Quanto de Inverno são as noites frias,
Para nós tua vista he saborosa.

*Ao Padre Delfim.*

# SONETO XLI.

AMigo Padre Antonio, a Fonte-ſanta
Sem ti não vale nada: deſcontentes
Convidados, amigos, e parentes,
A todos má triſteza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me ataranta
Ouvir ſúpplicas tão impertinentes:
Huns dizem, que virás; outros, que mentes;
Que deixaſte o bordão, que tezo canta:

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,
Magotes, e magotes de mulheres,
Humas aſſim aſſim, outras caraças:

Sége te mandarei, ſe ſége queres;
Não te peço ſenão, que agora faças,
O que fizeſte já n'outros Prazeres.

*Ao Padre Delfim.*

## SONETO XLII.

AMigo, fallo sério, saudosos
Pelo nosso Delfim todos chamamos,
A's portas, e janellas perguntamos,
Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos,
E crestados do pranto que choramos:
A's mangas sem cessar nos assoamos,
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente
De teus velhos amigos, coitadinhos,
Que sem ti Sol não achão, que os aquente.

Quaes pião pela Mãi os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados, e vizinhos.

SO-

## SONETO XLIII.

NA solitaria praia a ruiva arêa
Com a luz da manhã resplandecia;
De inquietas estrellas se cubria
O fundo pégo, que sonoro ondêa.

De branca espuma na cerulea vêa
O gado de Protheu sulcos abria;
Glauco da barca as redes desprendia,
O lanço consagrado a Galatêa.

Mas suspendeo as Chinxas assustado,
Vendo boiar do Téjo n'agua pura
O Coral rôxo, o Mûrice dourado.

Ouve huma voz bradando: „ Quem procura
„ Profanar este dia consagrado
„ Da engraçada Cotina a formosura?

*Aos Annos da Senhora D. Maria Eufrasia.*

# SONETO XLIV.

PIzando mil estrellas radiantes
As celestes Virtudes vem descendo:
Com as candidas mãos crôas tecendo
De louro não, de immensos Soes brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes
O Tempo voadór estão prendendo;
A' longa eternidade obedecendo
Quietos os aligeros Instantes.

Do fulvo Téjo as Ninfas q'admirárão
A luz, que pelas aguas se estendia,
Humas ás outras com prazer lembrárão,

Que as eternas Virtudes neste dia
Para habitar, dos altos Ceos baixárão,
No coração heroico de Maria.

SO-

# SONETO XLV.

Hontem ſe foi daqui Nize formoſa,
Nize noſſo prazer, noſſa alegria:
Tornou-ſe em fêa noite o claro dia;
Cubrio-ſe o Sol de ſombra pavoroſa.

Até a clara fonte ſaudoſa
Inconſolaveis lagrimas vertia:
E a tarde, que mil ditas promettia,
Oh quão triſte nos foi, quão amargoſa!

Neſte eſpanto fatal hum deſgraçado,
Que por Nize em amor todo ſe inflâma,
De Nize tão cruel aſſim ſe queixa:

Se o Mundo todo fica tão mudado,
Quando foges de quem em vão te chama;
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

*Aos Annos da Senhora D. Camilla.*

## SONETO XLVI.

DOze vezes o Sol com ſeus fulgores
De teus annos dourou, Camilla, o Dia;
E doze vezes cheios de alegria
Empennárão as ſettas os Amores.

Croada a Primavera de mil flores,
Pelos campos aromas eſpargia:
O meſmo Ceo de eſtrellas ſe cobria:
Brilhavão da Virtude os reſplendores.

Jazem na freſca relva os armentíos;
E os Paſtores tocando nas avenas,
Modulão o teu claro naſcimento:

Murmurão brandamente os alvos rios;
Correm ſonoras fontes mais ſerenas:
Tudo reſpira em fim contentamento.

*A huma Senhora, a quem o Author chamava sua Mãi.*

## SONETO XLVII.

COmigo minha Mãi brincando hum dia,
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a amalla:
Ditoso se tal arte não soubera,
Não me custára a vida não lográlla.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubera agora desejalla,
Nem de tão louco amor enlouquecêra.

*A Jeronymo Henriques de Sequeira.*

## SONETO XLVIII.

DOutor Henriques, o Garção doente
Vai-ſe achando peor, a febre atura;
A face cada vez eſtá mais dura,
Tratando mal de mim toda eſta gente:

Cuido que vejo a fouce reluzente
Na deſcarnada mão da Morte eſcura
Ante os olhos girar, e a má figura
Bem certa de vencer, moſtrar-me o dente.

Hum bando de atrociſſimos peccados
Rezenha eſtão fazendo em outra parte,
Terço de Tabareos mal encarados:

Que poderei fazer ſenão chamar-te?
Teu Nome, ſe me livras de cuidado,
Cantando eſpalharei por toda a parte.

SO-

# SONETO XLIX.

Tres vezes vi, Marilia, de alva Lua
Cheio de luz o rosto prateado,
Sem que dourasse o campo matizado
A linda aurora da presença tua.

Então sobindo á serra calva, e núa,
De hum ingreme rochedo pendurado,
Os olhos alongando pelo prado,
Chamava, mas em vão, a Morte crua.

Alli commigo vinhão ter Pastores,
Que meus suspiros fervidos ouvião,
Cortados do alarido dos clamores:

Tanto que a causa de meu mal sabião,
Julgando sem remedio minhas dores,
Por não poder-me consolar, fugião.

## SONETO L.

LAcaios, e mulheres, filhos, criadas,
Todas clamando estão pelas fogueiras,
Quaes grirão marafonas regateiras,
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas
Lhe mostro sem pataca as algibeiras;
Ellas, que são ladinas, e matreiras,
Trazem papel, e pennas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peça
Para cabeças, ou barrís dinheiro,
Que o Luiz irá lá a toda a preça.

Que remedio! Despacho hum caminheiro,
Pois temo, que me queimem a cabeça,
Ou me ponhão por masto no terreiro.

# SONETO LI.

Já de trás do casal vem resurgindo
O Pedro, e Fr. Joaquim; eis que da Fonte
Rebenta o bom Mardél no preto Etonte,
E co' chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,
Que não he justo, amigo, que te conte;
Saltão os dous a terra, alli defronte;
As raparigas vão de cá sahindo.

Jaz Francisco Raymundo de barrete
Em trages de Confucio, ou de Mafoma,
Os gentís olhos baixa Aonia santa.

O Pedro corre a mão pelo topéte;
Depois de cochichar o Chá se toma:
Eis-aqui o *Longroom* da Fonte-santa.

## SONETO LII.

INda que abrindo a boca o Mar irado,
Os dentes mostre em borborões de espuma;
Ou nos abysmos rapido se suma;
Ou caia das estrellas despenhado:

Inda que o Oceano denodado,
Co'grão Tridente dardejar presuma;
E que o misero corpo me consuma,
De ceruleos Delfins atassalhado:

Inda que Europa, com fragor estranho,
Sumergindo-se seja a campa minha,
Servindo-me os Antipodas de lastro:

Qual impavido Seneca no banho
Com os dedos fazendo risoninha,
Repetirei a historia de Alencastro.

## SONETO LIII.

Se como tu, Amor, mandas, e queres
Que admire de Tyrcea a formosura,
Igual á que me abraza chamma pura
Em seu peito invencivel accenderes:

Se em seus divinos olhos tu puderes
Claros sinaes mostrar-me de ternura;
Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,
Que benigna me attenda, em fim venceres:

Então direi, Amor, que és poderoso,
Que te he devida nossa idolatria;
E que pódes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tyrsea ingrata, impía,
Cedendo a meu destino rigoroso,
Destes suspiros faça zombaria.

*Ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755.*

## SONETO LIV.

A Fortunado Eneas, que ſahiſte
Da deſtruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do Pai amado;
E aſſim as leis do ſangue bem cumpriſte.

Tambem neſſa piedade reſiſtiſte
Ao direito fatal do injuſto Fado:
Se viſte o patrio ninho deſtroçado,
Salvo, quem te deo ſer, ditoſo viſte.

Os Penates, os Socios tranſportaſte
Ao Lacio porto, aonde achaſte abrigo,
Onde hum novo Paladio collocaſte.

Eu provei mais cruel Fado inimigo:
A Patria vi arder: Tu a ſalvaſte;
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

*A sua Mulher a Senhora D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema.*

## SONETO LV.

AO som dos duros ferros, que arrastava,
A Lyra de ouro Coridon tangia;
De Marcia o doce nome repetia;
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,
O lagrimoso pranto reluzia;
E nos olhos, que aos altos Ceos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O Pólo do futuro nebuloso.

Menos chora terrenos bens perdidos
De pouco hum peito grande se contenta:
Antes quer ser honrado, que ditoso.

SO-

# SONETO LVI.

Cujos Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil Elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo,
Impellida dos folles engelhados:

Crystallino suór alaga a testa
Do côxo mestre; a calma da officina
A' fresca Viração as azas cresta.

Forjavão huma setta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhe que não presta
A' vista dos bons olhos de Corina.

A'

*A' Morte de Felis Coutinho.*

## SONETO LVII.

ESpirito gentil do Eſpoſo amado,
Que ſobre as azas de Virtudes ſantas,
Muito aſſima dos aſtros te levantas
Do miſerrimo corpo deſatado:

Ante o ſolio de eſtrellas recamado,
Já do grande Adonai o Nome cantas:
E do perpétuo dia não te eſpantas,
Que a noſſos mortaes olhos he vedado.

Se o purpúreo ſemblante a nós volvendo,
(Nova Conſtellação reſplandecente)
A terra, lá do Ceo, inda eſtás vendo;

Não te canſes de noſſo amor ardente,
Que eſte pranto, que vês eſtar correndo,
Que viva cá ſem ti, me não conſente.

Aos

*Aos Fidalgos, que protegiáõ o Theatro do Bairro Alto.*

# ODE PINDARICA I.

STROFE.

NÃo Arabico incenso, ouro luzente,
Nem pérolas do Ganges,
Náo tenho que offrecer-vos reverente:
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas soberbas Phalanges
De almos Hymnos Dirceos, q' immortaes tecem
Mil croas á Virtude, me obedecem.

ANTISTROFE.

Fuja o profano Vulgo, qual nos montes
O rebanho medroso,
Quando vê fuzilar nos horizontes
O farpado corisco pavoroso,
Ouve o trovão ruidoso,

Cor-

Correndo pelo valle se derrama,
E em seu balido o Pegureiro chama.

EPODO.

Nos mansos ares vejo
Já sobre as azas lucidas pezados
Meus fogosos Etontes, que banhados
No doce, flavo Téjo
Os freios de diamantes mastigavão,
Quando as Ninfas de rosas os croavão.

STROFE.

Esta, que afino Cíthara famosa,
Deo-ma o Cysne do Ismeno,
Cujo canto em Elia victoriosa
Foi sempre ásMusas mais, q'aoPindo ameno:
Com semblante sereno
A mão nas aureas cordas me firmava,
E ás Argivas Canções me acostumava.

ANTISTROFE.

Assim digno me fez do levantado
Assumpto magestoso,
A quem hoje me inspira a luz do Fado,
Que em meus versos lhe erija altar glorioso:
Brame o Tempo invejoso,
A fouce morda, e ameace dános;
Mas meus versos dominão sobre os annos.

EPODO.

Canto a illustre, e clara

Des-

Descendencia de Heroes, que a Lusa terra,
Ou na dourada Paz, ou dura Guerra
Fizeráo mais preclara:
Cuja fama em relampagos diffuza,
Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

STROFE.

O heroico, e real sangue vos inflâma,
Que regou derramado,
Louros, e palmas, que cultiva a Fama
Nos espantosos montes do Salado.
O barbaro espantado
Deixa, fugindo á ultima ruina,
Arrazadas de luas a campina.

ANTISTROFE.

Que eterna gloria! Immensa luz scintilla
Nas aras da Memoria!
Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,
Destroçados despojos da victoria!
Da Lusitana Gloria
Escravas gemem, mostráo de horror cheias,
Ceuta, Larache, e Tangere, as cadeias.

EPODO.

Para surgir no Oriente,
Do patrio ninho impavida fugindo
Está sonoras vélas desferindo
A brava Lusa gente.
Arando o Gama vai sem temer Juno
Os inhospitos campos de Neptuno.

STRO-

STROFE.

De Albuquerques, Almeidas, Castros fortes,
Que feitos não pregôa
A honrosa tradição, que espanta a Morte,
Q'além dos tempos derradeiros vôa!
Asia respeita em Gôa
O nome Portuguez, luzes divinas,
Que humilde adora nas sagradas Quinas.

ANTISTROFE.

De tão honrados inclytos maiores,
Vós, Netos generosos,
Do fado das batalhas sois senhores:
Illustres cavalleiros victoriosos,
Espiritos briosos
Vos inspira o ardor que vos inflâma,
Té o grão Templo conquistar da Fama.

EPODO.

Mas já do batel pobre
Sinto a quilha gemer; o debil lado
Dos ventos, e das ondas açoutado
De alva espuma se cobre:
Remos não tem, não tem faroes, que o rejão,
De balde as vélas contra o mar forcejão.

STROFE.

Tempo, tempo virá, que as desprezadas
Musas do patrio Téjo,
Por vossas mãos benignas levantadas

No

No porto vão ſurgir, q' inda não vejo:
Então, então ſem pejo
Em grave ſcena adereçando a Hiſtoria,
Moſtrárão quanto póde o amor da gloria.

Antistrofe.

Calçando o humilde Socco, ao feio Vicio
A maſcara raſgada,
Hão-de enſinar no Comico Exercicio,
Como Verdade do alto Ceo mandada.
De roſas coroada
Sans máximas dictando ao povo rude
Eſpalhe os claros raios da Virtude.

Epodo.

O jugo vergonhoſo,
Os cepos, em que jazem prizioneiras,
Como eſcravas das Muſas eſtrangeiras,
Com animo brioſo
Deſejão ſacudir: ſerão louvadas,
Dignas então de vós, por vós honradas.

*A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos.*

## ODE II.

PEleijei, peleijei (e não sem gloria)
Nas barbaras, indomitas Phalanges
Do forte domador de humanos peitos
Insano Amor potente.

A triunfal carroça acompanhando,
Angelicos cabellos ennastrados
Com Mirto, e rosas; de córado pejo
Os alvos rostos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores
Vencedor me jurárão, me rendêrão
Do rizo, e do prazer, no Capitolio
Humilde vassallagem.

Mas o tempo voôu; agora manda
A nevada Prudencia, que amainando
As vélas enfunadas, surja o lenho
Em socegado porto.

Lar-

Larguemos pois altivos ardimentos
Os ſoberbos Troféos. Eia larguemos
Arraſtadas bandeiras, rotas armas,
Iliacas eſcravas.

Aqui neſte deſpido freixo annoſo
Fique a ſonora Lyra pendurada,
Qual no Templo ſuſpende o naufragante
Os humidos veſtidos.

Para ſer mais ſolemne o ſacrificio
Em vergonhoſo Cadafalſo queime
Arrependida mão Odes, Sonetos;
Eſpalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,
Entre ſerras de fumo lance aos ares
O ſolto ſprito de meus verſos triſtes,
Q'em raio ſe converta.

Com medonho eſtridor deſça inflammado,
Os fragoſos outeiros abalando;
Aſſombre o peito de Marilia ingrata,
Da perfida Marilia.

*Sendo convidado o Author para assistir a hum pouco de Ponche, que se havia de fazer no outro dia; elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla, he a do Soneto XII. e a Marilia, a do Soneto II.*

## ODE III.

Pois torna o frio Inverno, sacodindo
Das estridentes azas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amavel Lydia,
Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes, que branquejão,
As crystallinas cans d'annosos troncos
Com os raios do Sol estão brilhando,
Quaes brilhão de Marilia,

Da travêssa Marilia, os ledos olhos,
'A' chaminé hum pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas
A secca lenha estála.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Comtigo as Graças vem, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume seccão
As orvalhadas pennas.

Os

Os froxos arcos bocejando largão,
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque vélão de noite, somnolentos,
(Coitados!) adormecem.

Ferve o cheiroso Ponche, que desterra
A pezada tristeza, os vãos temores;
Que deixa voar solto o pensamento
Nas azas da Alegria.

Reluzindo na meza os crystaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lydia; deixa aos Astros
O governo dos Orbes.

Não queiras triste penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro:
Não percas hum instante de teus dias;
Olha, que o tempo vôa!

Voão com elle nossas esperanças,
Castellos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa Scena da Fortuna
D' improviso se troca!

Apenas vi raiar hum doce rizo,
No angelico semblante de Marilia,
Dos olhos me fugio o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Qual ſonhado theſouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marilia cruel! que te cuſtava
Trazer-me neſte engano?

Voai, feri, Amores, eſſa ingrata;
Fazei-a ſuſpirar por quem lhe fuja:
Prove tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão ſe queixe.

Perdoa, Lydia, ſe blasfemo, e grito,
Que Ponche tambem faz dizer verdades:
He Marilia formoſa; mas ingrata....
Creio que o tempo muda.

*A' Virtude.*

## ODE IV.

LIgado com asperrimas algemas
Ao rigido penedo;
Com hum agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Caucaso retumbão:
Porém constante, e forte
Não geme Prometheo; antes accusa
A Jupiter de ingrato:
Innocente se julga; á força impia
Não cede do Tyranno.
Assim, assim, a misera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer huma alma grande,
Oh Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
Co' desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido Varão, que do Destino
Próva os fataes revezes.

Co'

Co' a dourada Carroça o molle Eunucho
O pize, ou atropellé,
Não lhe inveja a riqueza: Que outrem lavre
Nas ribeiras do Téjo
C' os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda à cóbiça.
Vente embora do Sul; cahindo açoite
Ao negro mar que brada
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo
Espessa chuva de arida saraiva,
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa Serpe
Chegue ao seio cruel a triste Inveja;
E a perfida Mentira,
C' os titubiantes beiços o crimine,
Rirá no Cadafalso.
Só dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante: A mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não recea, que a Virtude
O coração lhe anima;
E a consciencia sã, a fé intacta,
Os austeros costumes.
Não fantasticas honras isto ensinão:
Assim dourão a morte
Os Uticenses, Regulos, os Marios,
A pezar do sepulcro.

Sobre as azas do Tempo assim passárão
As Lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim creado
De Gangeticas palmas,
O destemido Castro n' alta serra,
Que Templo foi de Cinthia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Gloria, e terror da Asia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.
Passe á Gineta o timido guerreiro;
Que com as armas limpas
Da batalha fugio espavorido;
Porque do sangue antigo
A arvore apresenta. Ainda que honrado,
O desvalido mostre
As rôxas cicatrizes das feridas,
Que soffreo pela Patria,
Dizia o grande Castro. O Lisongeiro
Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se affaste
Da salla do Ministro.
Alli dourando o Sol os altos montes
Na madrugada veja;
Alli o deixe a Lua, que vermelha
No horizonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas;
Se com pública fraude
Ao miseravel Orfão a capella
Subnegar-lhe pertende.

Aspire á Béca o julgador iniquo,
Q' aos olhos da Justiça
Roubou a santa venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos. Soffra, e busque
A vergonhosa Scena
Da subita catastrofe o Privado;
Que o rosto não conhece
Da Clara Fama, da Immortal Memoria,
Da Honra, e da Virtude.
Mas qual Marpezia rocha, hum peito forte
Não roga, não se abate.

*A' Virtude.*

# ODE V.

O Constante Varão, que justo, e firme
Da difficil Virtude segue os passos,
O pezado semblante do Tyranno
Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Soffra no potro asperrima tortura,
Não perde a cor do rosto.

Em severos costumes ensaiado
Préza mais a innocencia, do que a vida,
Fiel á Patria, ao Principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos, coriscos as estrellas;
Brote Volcões a terra; da ruina
Impavido não foge.

Assim Mário subio ao Capitolio,
Entre Aguias, e Lictores conduzido,
Com aspecto sereno; ainda que atadas
As rôxas mãos em ferros.

Na

Na presença de Cesar, e Conscriptos
Fui, disse, fui fiel a Galba, e a Roma;
Confesso o meu delicto, se delicto
A' Virtude se chama.

As legiões Romanas testemunhas
Poderáõ ser: Vós, Consules, Tribunos
A verdade dizei. Dizei se Mário
Foi amigo de Galba?

Patricios, e Soldados do divino
Julio, as aras jurem se me virão
Sempre ao seu lado. Alli, alli Camurio
Alçou a mão traidora.

Eu vi o triste Velho descorado
A garganta offrecer ao duro golpe;
E indo da Patria o nome repetindo
A grande Alma fugir-lhe.

Oh Cesar! aqui tens de Mário Celso
O crime, e a confissão: Romanos, Mário
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Está o Cadafalso.

Acabou de fallar: Consules, Padres
Attonitos ficárão; porém Cesar
De tão rara constancia namorado
Nos braços o recebe.

*Ao Senhor Manoel Pereira de Faria,*
*Socio da Arcadia.*

# ODE SAPHICA VI.

Vê, Silvio, como sacôdindo o Inverno
As negras azas, sólta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa.

Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agoa negrejão.

O frio Noto, rigido soprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba:
E o gado junto, pavido balando
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,
A rôxa face no currão esconde:
C'os altos soccos quebra a preza neve,
Corre á cabana.

Alli

Alli ajunta de podadas vides
Os feccos mólhos: affoprando accende
Pobre fogueira; aonde as mãos aquenta
C' os rotos filhos.

Pulão nos olhos lagrimas, que enxuga
Na groffa manga, reprimindo forte
Acerbas dores, reflexões pezadas,
Triftes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,
A porta arranção dos moidos gonzos:
Corre affuftado d' um fuzil q' o cega
A luz vermelha!

Vio efpalhadas viboras de fogo:
Ouvio bramando, retumbar no valle
Os longos écos do Trovão, que abala
Os altos montes!

Vê-fe partida do voraz corifco
A rica proa de hum Baixel Britanno;
Não lhe valendo cem canhões foberbos,
Que Nantes teme.

Rotas tremulão as Reaes bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz coftado:
Inutil pranto, triftes ais levanta
A laffa gente.

Ago-

Agora, dize, quem ſeguro vive,
Amado Silvio, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, ſe as humildes choças
A Morte piza?

Os aureos tectos, Doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos,
Servem de Eſpectros, Gorgonas, Ceraſtes,
Na fatal hora.

*Ao Beato Bernardo, Marquez de Baden.*

# ODE SAPHICA VII.

O Varão justo, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deserto monte
Faz, que rebente crystallina fonte
Da árida penha.

No fundo valle sua voz despenha
Qual molle cera, liquidos outeiros;
Sonoros ventos, horridos choveiros
Placido enfrêa.

Baden o diga, quando a nuvem fêa
Vermelho raio com furor rasgando,
Nos negros ares vio girar silvando
Trémula chamma.

Por ti, Bernardo, triste povo chama,
E o fulminado frio corpo exangue,
Da dura terra, tinto em rôxo sangue
Eis se levanta.

As-

Aſſim armado de virtude ſanta
Serenos tornas os infeſtos ares;
Aſſim dominas inſoffridos máres,
Avida morte.

Salve teu Nome do vibrado córte
Deſamparados miſeros humanos,
Que do caſtigo merecidos dános
Palidos temem.

*A S. Norberto, Bispo, e Confessor.*

## ODE VIII.

ESpiritos rebeldes, que as infensas
Aljavas fulminantes
Das fêas legiões de nuvens densas
Armais de accezas farpas crepitantes,
Fugi para as distantes
Incultas brenhas d'árido deserto,
Fugi do Nome Santo de Norberto.

Dos estellantes atrios desce armado
De medonhos rugidos
O Leão de Judá: no escudo alçado
Relampagos fuzilão despedidos
Dos arcos desferidos,
Que sobre Saulo attonito lançárão
Settas, que dentro n'alma lhe troárão.

Rota a nevoa mortal, que lhe encobria
O throno magestoso
Do Senhor das batalhas, que o seguia
(Astros trilhando o carro luminoso)
Conhece venturoso
A mão potente, a qual se toca os montes,
Abafa crespo fumo os horizontes.

Tu

Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando
Intrepido, e valente
O rapido ginete arremeçando,
De improviso brandio a nuve ardente
Relampago estridente,
Que ao bruto, do trovão espavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor da alma constante
Se humilha a fortaleza;
Vê scintillar o lúcido semblante,
Que adora consternada a Natureza,
Quando a v[illegible]ngança acceza
Leva os Ce[illegible] Libano frondosos
Nas azas [illegible]riscos espantosos.

Caliginosas trév[illegible]s já rompia,
E ao claro Firmamento
De luz surcando pélagos, sobia
No regaço da Fé o pensamento,
Ouvindo o claro accento,
Com que lhe falla o Ceo: e o mar irado
Tremeo do som terrivel assustado.

Movido pois de nosso ardente rôgo,
Desce, ó Norberto Santo,
Dissipa com teu Nome tanto fogo,
Ouve nossos clamores, nosso pranto;
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os mares,
Que lance os máos espritos d' estes ares.

*A Santo Thomaz de Aquino, Doutor, e Confessor.*

# ODE IX.

SE na eterna Sião, onde ditoso,
Em premio da victoria,
Te corôa o semblante luminoso,
O Sol de immensa gloria,
Thomaz inclyto Santo,
Voar a teus ouvidos nosso pranto,

Ao Mundo os olhos immortaes volvendo,
Attende a nossos dános:
Olha os ventos irados, revolvendo
Os negros Oceanos
De indomitas procellas,
Que soltão em coriscos as estrellas.

Qual sem Pastor o pavido Cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval Lobo o dente carniceiro:
Assim do Inferno aberto
As fauces horrorosas,
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

Aco-

Acode-nos, Thomaz; lembre-te quando
A mão Omnipotente,
No throno de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrazadora espada,
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida Innocencia, a Fé constante
Nos braços te sustenta,
Em quanto a rôxa flamma sibilante,
Que subito rebenta,
Em torno te girava,
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando hum mar caliginoso
Os olhos mal abriste;
Espectaculo fêo, e lastimoso!
Da misera Irmã viste
Jazer despedaçados
Os palpitantes membros fulminados.

As azas do Senhor, que te cobrírão,
Que illeso te guardárão!
Não de luzente malha te vestírão,
Mas de poder te armárão
Para invicto valer-nos:
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

*A Santo Ubaldo, Protector da Cidade de Eugubio, Bispo, e Confessor.*

## ODE ALCAICA X.

QUando o terrivel Deos dos exercitos,
Nas leves azas de Aquilões turbidos,
Sobre as altas Cidades
Manda a procella horrisona:

Se vingadora solta a mão rubida
As estridentes accezas viboras,
E se o fragor dos montes
Freme no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos
Os Eugubinos te invocão pávidos;
Cercando teus altares
Gemem, quaes Pombas timidas:

A soccorrellos vôas intrepido,
E da virtude no pavez rigido
Rota a farpada lança,
Foge co' vento rapido.

Aſſim te chama Protector inclyto
A Luſa gente; correm as lagrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondoſos Platanos.

Vem ſoccorrer-nos: no árido carcere
Os trovões prezos bramão indomitos;
Tornem dourados dias,
Movão-te noſſas ſúpplicas.

*Ao Senhor Manoel Pereira de Faria,*
*Socio da Arcadia.*

# ODE ALCAICA XI.

SE já ouviste, Silvio magnanimo,
A minha pobre, rustica Cithara,
Poucos, mas novos versos,
Ouve com rosto placido.

Ouve; que aos versos, famosos titulos
Devem Eneas, Deiphobo, e Priamo;
Deve Ulysses prudente,
Deve Achiles indomito.

O Luso Gama nunca tão célebre
Fôra no Mundo, só porque impavido
Os máres não sulcados
Cortou c' os lenhos concavos:

Camões, eterno com as Luziadas
Pôde fazello, senão incognitos
Os Varões Portuguezes
Jazerião no tumulo.

An-

Antes que as noſſas, nos máres Indicos
O ferreo dente, molhárão ancoras,
De Quilhas Europeas,
Cobertas de outras flamulas:

Antes do Grego, d'outros exercitos
Burnidos Elmos vio brilhar Pérgamo:
Houve na Frigia Troia
Outro Aiax, outro Stenelo.

Nem ſó Eliza, d' Eneas profugo
Tingindo a eſpada no ſangue tepido,
Trocou a doce vida
Por hüma infamia poſthuma.

Nem ſó guizados os membros lividos
Do caro filho, com rancor barbaro
Ao laſcivo marido,
Progne miniſtrou pállida.

Em acções grandes d'almas intrepidas
Forão, he certo, ferteis os Seculos;
Mas o negro ſilencio
Sepulta os nomes inclytos:

Negro ſilencio, que os olhos languidos
Na vil Preguiça fitando timido
A lethargica lingua
Corta c'os dentes avidos.

Co-

Cobre a Virtude co' as azas lubricas
O veloz Tempo, logo que ao feretro
Cede o paſſo a Liſonja,
Raſgando a torpe maſcara.

Com tardos paſſos calcando os tumulos
O Eſquecimento, da mão eſqualida
Sólta as confuſas cinzas,
Que eſpalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,
Soffrer podia, que o canto melico
Eſquecido deixaſſe
O teu nome magnifico?

De huma alma grande coſtumes candidos,
Raras virtudes, genio pacifico,
Para ſerem eternos,
Não precisão de marmores:

Póde hum Poeta mais do que o Artifice;
Ou córte jaſpe, ou côres liquidas,
Largue o pincel no panno
Dos monumentos públicos.

Sempre com verſos o furor Delfico
A nobre vida dos Varões inclytos
Livra do vil contacto
Das mãos cruentas d' Atropos.

Dos

Dos torpes vicios es cenſor rigido;
Tu os fulminas com olhos placidos,
Ē entre nuvens de fumo
Foge a tropa fanatica.

Da triſte Inveja na teſta pállida
Co'a forte planta pizas as viboras,
Bramindo, o negro Cirio
Quebra a Diſcordia attonita.

Das mãos cobardes o metal fulgido,
Larga a Cobiça: com grilhões aſperos
Algemada a Soberba
Dobra o peſcoço riſpido.

De ti fugindo cahem no pélago,
Onde a Triſteza com pranto lugubre
Cercada de remorſos
Já mais enxuga as lagrimas.

*Aos Annos do Coronel da Artilheria Frederico Weinholtz.*

# ODE XII.

COm ſuaves caricias, brando, humilde,
Qual he por natureza,
As tenras mãos erguendo, o roſto lindo
Em lagrimas banhado,
Ao rigoroſo Tempo Amor pedia,
Que dos duros revézes
Do braço inexoravel preſervaſſe;
Que de doces prazeres,
De glorias coroaſſe, e de venturas
Eſte ditoſo Dia:
Ora em laços de Goivos, e Amaranto
A riſpida melêna
Ao deſabrido Velho entrança, e prende.
Ora as aras lhe cinge
Com cheiroſos collares de mil flores:
Thé que o rapido Monſtro
Avaro de ruinas, e de eſtragos,
Soberbo, e receoſo
D'alheas tyrannias, c'hum ſorrizo,
Que ſeu rancor disfarça,

Ou-

Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.
Pela ſanguinea fouce,
Que na máo lhe reduz, jura, e promette,
Que de Weinholtz aos annos,
As Parcas fiaráõ dourados dias,
Cheios de immenſa gloria,
De proſperos ſucceſſos, de venturas.
Que o gelado Danubio,
Que de Berço lhe dar ſe deſvanece,
Com a cerulea fronte
De agudas Eſpadanas guarnecida,
De ſangue rociado
O indomito Tridente, ao fulvo Téjo
Inda virá hum dia
Ávido de mais fama demandallo.
Apenas Amor ouve
Táo affavel reſpoſta, as brancas azas
Tres vezes deſpregando,
Aos ares ſe abalança; mas o Tempo
Alçando a máo pezada
Pelo cordáo da aljava o ſuſpendia;
E em quanto lhe tirava
Os dourados farpóes, o cruel arco:
„ Eſtas cruentas armas
„ Improprias sáo, lhe diz, da tua idade;
„ Para mim as reſervo,
„ Em premio das venturas, que prometto
„ Ao teu Weinholtz mimoſo.
„ Veremos ſe eſte braço tambem ſabe,
„ Vibrando agudas ſettas,
„ Domar os coraçóes. Agora vôa,

„ Em

„ Em doce paz nos deixa;
„ Deixa gozar o Mundo de descanço,
„ Que tu, cruel, nos roubas. „
Amor as leves plumas sacudindo,
Já livre do tyranno,
Batendo alegre as palmas, lhe dizia:
„ Não cuides, cruel Tempo,
„ Que meu invicto braço desarmaste;
„ Mais poderosas armas,
„ Mais forte passador tenho nos olhos,
„ No Angelico semblante
„ Da formosa Bivar: Com elle posso
„ Ao meu suave Imperio,
„ A pezar do destino, ver curvado
„ O teu rispido collo:
„ Então verei mil vezes sem receio
„ Tornar tão feliz dia;
„ Verei contar Weinholtz ditosos annos
„ Em prospero socego,
„ Nos ternos braços da gentil Consorte. „
Ao Tempo assim responde
Já sem temello, Amor; e o Velho irado
N' um rigido penedo,
Que borda a ruiva praia de Caxias,
Rompeo a curva fouce.

A'

*A' Restauração da Arcadia.*

# ODE XIII.

SOberbo Galeão, que o porto largas,
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora prôa, que rasgava
De hum novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Téjo surgem:
Já ferve a brava chusma, e se levanta
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas
As vélas já de purpura desfraldão,
Q' aos frescos sopros de hum feliz Galerno
Já concavas sussurrão.

A tremula bandeira, que seguras,
Qual subito relampago fuzila,
E nas azas dos Ventos estendida
Mostra a fatal empreza.

De

De branca eſpuma borbotões rebentão
De hum lado, e outro lado; já boiando
Sobre as verdes eſpadoas de Neptuno
Demandas outros climas.

O Santo Numen, que entalhado leva
Tua dourada mageſtoſa poppa,
Trazer-te nos promette a ſalvamento;
Naufragios não recêes.

Não temas as inhoſpitas arêas
De infames coſtas, de Hyperborios campos;
Pelas Cicladas, Boſphores, e Syrtes
Has de romper conſtante.

Se as Alcioneas aves levantarem
Em ſeu queixoſo pranto triſte agouro;
Não te aſſuſtes da nuvem carregada,
Que os máres eſcurece.

Graſnando negras Gralhas enfiadas
Sobre os tópes, verás buſcar a terra,
E logo o Ceo negar-te a eſcura noite
Da fêa tempeſtade.

Mas não recêes os fuzís vermelhos;
O ruidoſo trovão, que pelas aguas
Em ſucceſſivos brados eſtalando
No fundo do mar ſôa.

A

A destra mão que o leme te menea
Fará, que avante passes, sem que amaines
O largo panno: em vão Noto sibila
Pela miuda insarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem;
Ao Polo chegarás, aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras Galeras,
Forçando os débeis remos, com que açoutão
O mar que lhe resiste, e que as affronta,
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem
A commetter o pélago que sureas:
Com damnados prognosticos agourão
Desastrado successo.

Ora contão, que os máres infamastes
Com vergonhoso misero naufragio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas Cerauneas arêas.

Mas tu constante impavido triunfas;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquissimos pavezes:
A forte gente crôas.

Se

Se os meus votos efcuta o Ceo benigno,
Os votos, que por ti no porto faço,
Os olhos alongando pela efteira,
Que tu nas aguas abres,

Náo tornes a furgir em manfo porto,
Que Lethes feja o feu famofo nome,
Que os peitos amollece mais briofos,
Que ao fomno te convida.

Náo fe nutre a virtude do defcanço;
Arduas emprezas, rifpidos trabalhos,
Em nobre coraçáo de immortal gloria
Accendem claro lume;

O claro lume, que apagar náo podem,
Nem defcarnada máo da trifte Inveja,
Nem a fouce cruel do voraz Tempo;
Náo chega a tanto a morte.

Aos

*Aos Annos da Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Leonor de Almeida.*

# ODE XIV.

CErcado estava Amor de mil Amores
As estridentes settas empennando;
De verde Mirto, de cheirosas flores
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia
Das crespas azas sem cessar batendo,
E qual concerta aljavà, e n'agua fria
Curvado se està vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavão,
Outros mais insoffridos, e ligeiros
Em bandos se espalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,
Que só de ouvilla os montes estremecem,
Os velozes Frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem.

C' um doce rizo, c' um celeſte agrado,
Que os ventos ſerenava, lhe dizia:
Hoje do Ceo nos traz o Sol dourado
De Alcipe, o claro dia.

Foi hoje, foi que em ſeu gentil ſemblante
Amanheceo a luz da formoſura;
Nunca tão bella Aurora, e tão brilhante
Rompeo a noite eſcura.

As lindas Graças, os fieis Amores,
As Virtudes gentís dos Ceos baixárão;
E cantando as acções dos ſeus maiores,
O bérço lhe embalárão.

Nos olhos vencedores lhe infundirão
O tyranno poder da gentileza;
Humanos corações logo ſentírão
A liberdade preza.

As caſtas Muſas cheias d' alta gloria,
As aureas vozes derão tal doçura,
Que os louros não perdêrão da victoria,
Faltando a formoſura.

Creſcem co' a idade os raios ſeus brilhantes,
Que a fervidos ſuſpiros não attendem,
A pezar de deſejos anhelantes,
Q' em ſeu altar ſe accendem.

Mas

Mas tempo inda virá, que os innocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.

Em quanto a densa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as azas mova o Tempo duro,
Intrepido, e arrogante,

Da Illustre Alcipe bella, o claro dia
Pertendo assinalar com faustas glorias,
De nossos arcos o Destino fia
O louro das victorias.

Alague o Mundo fino pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovão por toda a parte de repente
Agudos passadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o Sol girando os seus Frizões ufanos,
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de teus annos.

# ODE XV.

NAs despidas paredes, que me abrigão
No tormentoso Inverno,
A passagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida.
Nem marmores, nem porfidos luzentes
Nos alizares brilhão:
Não tine do Japão na parca meza
A rara porçolana.
O dourado saleiro não me cega
C' os tremulos reflexos
Da prata. Não se accendem mil bugias
Em tortas serpentinas.
Porém Virgilio, Sophocles, Homero,
O Venozino Horacio,
São as ricas alfaias, que me adornão
A sala magestosa,
Os soberbos escudos, em que pinto
A geração illustre.
Elles fazem que Ansberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Sousa marcial com puro estilo
Gracejando me escreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente.

O

O Mineiro na roça afflicto cave
C' os fordidos efcravos:
Por ignotos certões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
Á fetta venenofa, á veloz garra
Do Tigre mofqueado.
Soffra na Linha podre calmaria,
Relampagos, e raios:
Para n' Aldeia entrar acompanhado
De defcalços Trombetas,
De purpureas Araras, inquietos
Petulantes Bugios.
Gafte prodiga a mão, em poucas Luas,
O ganho de dous luftros;
Para a vermelha Cruz brilhar no peito,
Que os fardos incurvárão.
No tegurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alaftrado com pedras o caminho.
Do Guindafte as roldanas
C' o pezo do venal Efcudo gemem,
Que o Portico remata.
Eftupido não fabe, que apreffada
A pállida Doença
Atrás delle caminha: que já chega
Involta em parda nevoa,
A Morte inexoravel, derramando
Co' a fria mão anguftias;
Que o leito de crueis fantafmas cérca,
E que lhe arranca as chaves

Do

Do guardado thesouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em fogas!
Com ouro não se compra hum nome digno
Da posthuma memoria.

Ao

*Ao Padre Antonio Delfim.*

# ODE XVI.

DElfim, caro Delfim! Com que ligeiro,
Lubrico pé, a curta idade nossa
Nos vai atropellando! As horas voão,
Os dias não socegão!

Quaes horrisonos Euros insoffridos
Varrem da longa praia a ruiva arêa,
Que nas humidas azas crespas ondas
Indomitos revolvem.

Assim o Tempo cegador co'a fouce
Daqui, dalli talhando á debil gente,
Lança no vasto golfão do sepulcro
As pallidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses,
Co'a sonora navalha decotáras
Ondados fios de ouro.

Em vão a Lôba, e Sobrepelliz vestindo,
Mostarda do Loreto no alto côro,
Inchadas do pescoço as cordoveas,
Bradando salmeáras.

A Morte, a fria Morte, nunca falta;
Ou cêdo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cervís: Poltrões covardes,
Colericos Achilles.

Com mão pezada abala, talha, e rompe
Grevas, arnezes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o buido
Estoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Assolando Cidades, e Provincias,
A toda a parte vôa.

Curvados anciães, môços esbeltos
Córta co' mesmo gume: honras, thesouros
Não lhe péga no braço; os altos tectos
Pobres cabanas piza.

De balde Gabilhon co' destro pente
Mette em batalha juvenis cabellos;
De balde enróla o escaldado ferro
Os martyres topetes.

O

O frio branco gelo, que não tarda,
Subito põe a marca da Cidade;
E poucas alvas cans, o gésto mudão
Dos infeitados cepos.

As brandas Lylias, as gentís Filenas,
Todas fogem de vello; todas fogem
Dos olhos sem pestana, regalados,
Das crespas sobrancelhas.

Os teimosos achaques, tristes dores,
Catastas são dos entrevados membros;
Froxos desejos morrem de garrote
Ás mãos da Hypocondria.

Não he preciso que venal Profeta
Aponte com o dedo para a cinza:
Para velhos não ha melhor caveira,
Que o vidro de hum espelho.

Só tu, Delfim, cansados annos contas,
Sem sinaes de velhice; inda não ouves
O tremendo pregão da Eternidade,
A trombeta da Morte.

Sobre o telhado teu não pouzão estes
Passaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos, annuncião
A derradeira Aurora.

Nun-

Nunca velho ferás: livre de brancas
A deferta cabeça callejada,
Náo fe deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos Annos.

Sem olhar para a méta da carreira,
D'Archimedes no ponto fe eftá rindo,
Britanno Capitáo, que fubmergido
Em laudanos do Douro.

Amarrando o timáo, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados máres;
Náo ouve as roucas vagas, que mugindo
Os Pólos eftremecem.

Venha fe quer a pállida Doença
A fria Morte pela máo trazendo;
Náo te efpantes de fouce, nem relogio,
Nem de azas de morcego.

Aprefenta-lhe a calva, que te moftre
Onde as brancas eftáo? Caráo luftrofo,
Olhos azues, rofadas faces, alvos
Os cryftallinos dentes.

Sáo conftantes finaes da frefca idade,
Sáo de forças viris a taboleta;
E próvido Colono, a fabia Morte
Náo colhe fruto verde.

Trif-

Trifte de mim, que pêco, e já maduro,
Nos grizalhos monêtes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
Nas obftinadas rugas.

Já vejo revoar os triftes Mochos,
Que são da fatal hora Miqueletes
Cruel trifteza! Mais crueis memorias!
Perdidas efperanças!

Os filhos, a Mulher, tudo cá deixo,
Só levo na garganta atraveffado
O Venozino Horacio, a calva tua,
A Rainha das calvas.

*A' morte de José Gonsalves de Moraes, Socio da Arcadia.*

# ODE XVII.

SE em ricas urnas de ouro refulgente,
Arcades saudosos,
As frias cinzas de Leucacio Fido
Com as lagrimas nossas
Não podemos guardar: em nossos versos,
Do Menalo nos troncos
Seu nome escreveremos, seu bom nome
Das Graças suspirado.
E das quebradas aguas deste monte
Chorado, e repetido
Estremecem os Pinhos sacudidos
Dos ventos, que sibillão:
O gado espantadiço se derrama
Pelos crestados campos:
Ao longe estão latindo roucamente
Quebrantados rafeiros;
E em tão triste alarido nos parece,
Que das cortadas rochas
O éco nos responde: Fido, Fido!
Nas solitarias praias

Bra-

Bradando o negro mar, Fido reſponde;
Por Fido nós chamamos.
Aonde eſtáo, Arcadia, os teus ſerenos
Affortunados dias?
Quando vermelho o Sol atrás da ſerra
O roſto de mil raios
Formoſo levantando, por teus valles
Dourava alegremente,
As ſonoroſas folhas inquietas
Das faias levantadas?
Alli, tocando a fiſtula divina,
Que os Ventos eſcutaváo,
De gado, e de Paſtores rodeado,
Senhor nos parecia
De noſſos coraçóes, de noſſos olhos,
Do Menalo, da Arcadia?
Mas que fado cruel, tanta ventura
Das noſſas máos arranca?
Que noite pavoroſa eſtá cubrindo
Os ares deſte campo?
Que frio gelo prende as claras fontes,
E córta a freſca relva?
Foges, foges de nós, Paſtor amado?
Noſſas pobres cabanas,
Noſſas frautas, e noſſos doces verſos,
Acaſo te aborrecem?
Trocas do manſo Téjo, que te eſcuta
As margens deleitoſas,
Por aſperos certóes, por longos máres,
Por férvidas arêas,
Com que malignos climas te convidáo,

E

E invejosos te chamão?
Ah triste Arcadia, triste, e desgraçada!
Que detestaveis erros
Contra o Ceo commettêrão os teus Pastores?
Que lugubre destino
A tão duro castigo te condemna?
Sacrilegos erguemos
Com impia mão as campas respeitadas
Dos defuntos maiores,
Para ás feras lançar os brancos ossos,
Q'em santa paz descanção?
As victimas divinas arrancamos
Dos sagrados altares?
Ou que raio cahio sobre estes campos,
Que mais a ver não tornão
O suave Pastor, o claro Fido,
Que virão tantas vezes?
Maldito seja aquelle, que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Ávidas esperanças, sede infausta
De enganosas riquezas!
De marmore Marpezio, rijo bronze
Tinha o peito forjado,
Quem ruidosas vélas desfraldando,
Fugio do manso porto,
Sem de Africo temer a rouca furia,
Quando açoutando as ondas
C'os negros Aquilões forte contende!
As crueis tempestades,
Hyades tristes, cabos tormentosos,
E o pégo embravecido,

Ou

Ou intrepido, ou louco não temia!
Os mortaes atrevidos
Nada julgão difficil! Entregamos
Nós mesmos os pescoços
Á sanguinosa fouce, á mão pezada
Da Morte inexoravel!
Em soberbas columnas levantamos
Magnificos Palacios:
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,
Com refulgente escudo
De rigido diamante, nos pudessem
Cobrir a fatal hora!
Escondem frias loizas igualmente
Os Sceptros, e os Cajados!
Tudo deve acabar.. Oh claro Fido!
Em eterno socego
Tua cinza descance; á terra estranha
Pezada te não seja:
Se lá no monte eterno a que voaste
Se escutão nossos versos,
Em nossos versos ouvirás teu nome,
Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os versos, que cantamos,
Para honrarmos a Arcadia.

ODE

# ODE XVIII.

CErcado de Pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolça me atassalhão, que esfaimados
A feria me apresentão:

Quaes boidos punhaes, negros trabucos,
Daqui, dalli recrescem garatujas!
Assestados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos!

Severo Rhadamanto, o çujo Mestre
A postiça gadelha affaga, e puxa:
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

De balde o rosto viro; e do medonho
Espectro sanguinoso fugir tento;
Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa
O beque me descoze.

Si-

Sibilante petardo d' outra parte,
Co' tejolo me quebrão os ouvidos!
Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,
Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co' as fileiras
Da vanguarda já rotas, e medrosas
Nas andas inda mostra o grande Carlos,
Indomita constancia!

Á vista de soberbos Castelhanos,
Com poucas Tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruiva, e fresca margem
Do Téjo caudaloso!

Mas estes mesmos, ó Maclean amigo,
Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cércão,
Voando fugirião.

Tu mesmo co' a Britanna artilheria,
Deixando botafogos, e espoletas,
E os dourados Rabões esporeando,
O posto lhe largáras.

Póde mais hum crédor que hum Elefante,
Não ha tromba mais dura, que huma feria;
E se queres vencer os Alexandres,
Eugenios, e Turennas,

Não busques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o Mercador co' resto,
O Alfaiate, o Barbeiro, ou hum Alcaide,
Verás como desmaião.

E se ainda vãos projectos commetterem,
De cruentas victorias nunca fartos,
Dá-lhe o desenho de huma nova escada,
E dize-lhe, que a fação.

Eis-aqui como fico sem lograr-me
Da boa companhia, que te cérca:
Tu, que escadas não fazes, passa alegre
A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma
Do suave licor do Rheno, ou Douro
Te apresente sorrindo o fullo Same,
E tu vermelho bebe:

Bebe á saude da formosa Filis;
Do magnanimo Conde, a quem Neptuno
Namorado do seu valor, lhe entrega
O Sceptro crystallino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza;
Da cava Porçolana que retine,
Co' a boiante colher tirem o doce
Almo fervido Ponche.

E

E ſe do pobre Coridon vos póde
Merecer compaixão a triſte Hiſtoria,
Fazei-lhe huma ſaude, que lhe ſirva
Ao menos de Epitafio.

*Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.*

# ODE XIX.

QUantos, caro Pinheiro, noite, e dia
Curvados ſobre os Livros
A triſte vida gaſtão na eſperança
De huma vermelha Borla,
Da Vara, e da Golilha? Honra que chega,
Já quando as cans alvejão
Na myrrada cabeça. Quantos morrem
Por freneticas Palmas
De cruentas victorias? Deſcorado
No raſo campo treme
Com frio ſuſto á viſta do inimigo
O miſero Soldado:
Co' a muſica miſtura dos batidos
Horriſonos Tambores
Os ultimos ſuſpiros. Pelos ares
Pelouros aſſovião:
Co' tropel dos cavallos freme a terra:
Do pó, e creſpo fumo
As enroladas nuvens eſcurece
O reſplendor do dia:
Iſto aos Carlos agrada, aos Fredericos,
Eugenios, e Turennas!

Em

Em fragil lenho entregue a longos mares,
O Mercador avaro
Luta co' a morte: rasgão negros Austros
As prenhes nuvens: brilha
Entre a rouca saraiva, o retorcido
Crepitante corisco:
Estala a fraca verga, a rota véla
Ondeando susurra:
E a fome de ouro, tudo faz mais dôce,
Que a livida pobreza!
Outro, com o martello, os cadeados
Despedaça do cofre,
Que do incansavel Pai o curvo arado
Tirou da dura terra:
Vai perdello n' hum dia, porque gosta
De brincar com tres dados!
Aquelle só se alegra, e se diverte
Co' as Belgicas pinturas:
Sonha com Rafael, e Ticiano,
Em quanto o astuto Adelo
Na fragil taboa, com o dedo mostra
A testa de Medusa.
Este, n' alcantilada serra corre
O Javalí cerdoso;
Os sabujos Britannicos latindo
No fundo valle assustão
A quieta Pastora, que atordida
Larga da mão o fuso.
Outro na rica meza rodeado
De vorazes amigos,

Em

Em brilhantes crystaes, de Douro, e Rheno
O rôxo çumo bebe;
Té que dos altos cumes dos oiteiros
Caia a noturna sombra.
Eu porém nada quero, nada estimo
Mais que a dourada Lyra:
Se os Pastores do Menalo sagrado,
Se os loureiros d'Arcadia
Os meus versos escutão, os meus versos
Me separão do Vulgo:
Na testa cingirei livre de inveja
D'era frondente crôa;
E com Lesbico Plectro, ou Venusino,
Ferindo as aureas cordas,
Arcadia cantarei: o patrio Téjo
Attenda ao novo canto
Com a verde cabeça goteando
Na Urna recostado,
Se aqui chegar, que Rhadamanto póde
Negar-me o Nome Eterno?

*Ao Senhor Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.*

## ODE XX.

QUe facilmente com lápis, e compasso
Desenha no papel huma Cidade
De casas, e merlões circumvallada,
Soberba, inaccessivel:

Executar porém a grande Planta
He trabalho de hum Rei, caro Pinheiro,
D'Ulysses, de Lyeo, do pio Eneas,
Dido, Romulo, e Remo.

Quando tu no alto pégo ouvires zunindo
Pela miuda enxarcia, Affrico, ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido, e prudente:

Se de longa experiencia aconselhado
Não mandasses constante, que valêra
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça?

To-

Todos, todos clamamos, que se observe
O que dita a Razão, e a Natureza,
E as santas Decisões, que nos promulga
A Catholica Roma.

Ninguem se julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em sangue tinto
Na mão do matador; vemos roubados
Os sagrados Altares!

Com damnada malicia, huns aos outros
Enganar pertendemos: falso gesto
He o trunfo do jogo; da amizade
Hypocrito verdugo!

Na magnifica meza em crystaes ricos
Trasborda a liquida espuma do suave
Vinho de Chypre: alegres convidados
Ao grande amigo brindão:

Levantão as reciprocas saudes,
Ternissimos colloquios; mas depressa
Esta Scena se muda; e da Discordia
Rola o dourado Pomo.

Pelo arbitrio de Páris não se espera!
Nua a espada brilha, e fere: corre
O sangue quente, e os cópos empedaços
Espalhados retinem.

Que

Que mais faria o perfido Argelino,
Se o estreito Chaveco abalroára!
Talvez que nelle achasse mais clemencia
A pobre humanidade.

Se na Hircania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não sería estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma
No tyranno espectaculo do Circo,
Esfaimado Leão, lamber as plantas
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dadiva Celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas!
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos áres te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o vôo, ora apressado,
Nos immensos espaços, onde girão
Outros Soes, outros Mundos.

A Luz do dia foge, fica a terra
A seu antigo cahos reduzida:
Mas, dentre as grossas trévas apalpando,
Eis se ergue o Fingimento.

Os

Os candidos vestidos da Amizade,
Co'as negras mãos levanta aos torpes membros;
Nas fantasticas roupas disfarçado
Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem
Os fingidos amigos: filho chama
O tyranno Tutor ao desfalcado,
E misero Pupillo.

E nesta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como pódem guardar as leis austéras
Da pávida Amizade?

He facil ter de amigo o santo nome,
E sustentallo com civil aspecto;
Mas que ao chapéo o coração governe,
He Ethiope branco.

A lingua, que te salva, quando raia
No vermelho Horizonte o Sol dourado,
Antes que a sombra caia dos outeiros,
Te insulta, e te crimina.

Desastrados rafeiros, que só mordem
Os pobres remendados; porém vendo
Os olhos fuzilar do roaz Lobo,
A cauda desenrolão.

Não

Não se encontrão Eurialos, e Nizos,
Cástor, e Polux, Pylades, Orestes;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.

Mais facil he que Cadmo resemeie
Os dentes do Dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros Guerreiros.

ODE

## ODE XXI.

COm que fervidos rógos imaginas,
Caro illustre Maclean, q'ao Ceo clemente
Cansa hum Poeta? Crê-me; não lhe pedo
Magnificos Palacios.

De pouco se contenta; não cobiça
Do fulvo Téjo arar as ferteis margens,
Onde sonora freme a loura espiga
Dos Euros açoutada.

Os rufos Touros, as malhadas Vaccas
Dos campos Transtaganos não deseja,
Nem Indico marfim, ouro brilhante,
Nem pérolas do Ganges.

Afouto beba o Mercador em taças
De esmeralda, e safira o licor almo
De Chypre, e de Falerno; já que os máres
Parece que governa.

Impune tres, e quatro vezes rompa
Cad' anno o Golfão: desfraldando as vélas
Impavido commetta infames costas,
Inhospitas arêas.

Não

Não lhe invejo a fortuna; pois me baſta
Paſſar a curta vida retirado
Na Fonte-ſanta ao ſom da clara veia,
Urdindo novos verſos.

Divina Providencia, tu bem ſabes
Quão pouco te moleſtão meus deſejos:
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeada;

Hum limpo cópo, com que neſta grande
Noite, ſó para mim proſpero dia,
Poſſa alegre brindar aos fauſtos annos
Do heroico São Vicente.

Com mais pouco ſe mata a crua fome,
Para fazer ſeu grande Nome eterno,
Ou pobre, ou rico vivo; tenho a Lyra
Do cantor de Venoſa.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,
Que herdaſte de teus inclytos Maiores,
No regaço da Paz jazem tranquillas,
Preparo os Epinicios.

Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea Poppa as Luſitanas Quinas,
Arrazadas as aguas de Turbantes,
Te croem mil victorias.

De

De negro sangue as armas rociadas,
Arrastados traráõ ao Luso Throno
Os Mouros Capitães; nas duras costas
As rôxas mãos atadas.

Se as Estrellas então me consentirem
Tuas acções cantar; da fria Morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da gloria, e da fortuna.

*Aos Annos do Senhor José Carlos Mardel.*

## ODE XXII.

APenas hoje a somnolenta Aurora,
Entre as rosadas nuvens, que abafavão,
Da alcantilada serra os altos cumes,
Mostrava a manhã fresca:

Huma inquieta tropa de vendados,
Lindissimos Amores, se alojava
Do fulvo Téjo na arenosa praia,
Que adorna a grão Cidade.

Arnezes, malhas, grevas, e lóricas
Veste a soberba juvenil Phalange
Dos aureos elmos, com as torcidas plumas
Zéfiro empenna as azas.

Ao rouco som de horrisonos tambores,
Que n'uma, e n'outra margem retinia,
A brava gente ferve, qual puxava
A rapida columna.

Qual

Qual marcando reductos, e trincheiras,
Na ruiva arêa crava as aureas settas:
E qual levanta co' alvião pezado
Merlões, e plataformas.

Os tirantes de purpura atezando,
Outros arrastão sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Affrontão todo o Mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os fervidos morteiros,
E rompe nestas vozes:

Esta alegre rezenha, companheiros,
A tão prospero dia he consagrada:
Hoje, a Mardel gentil, as duras Parcas
Fião dourados annos.

As rôxas balas, que nos ares silvão,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruidosas granadas fulminantes,
Tudo seus annos louvão.

O bellico ruido aos mesmos Astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos Astros, quaes seus olhos brilhão,
Scintillárão com elle.

Dis-

Disse: e da terra subito levanta
Dos horridos canhões o negro fumo,
Qual Encélado montes sobre montes,
Ou nuvens sôbre nuvens.

Mas eis que o cego Nume a Scena corre;
Não vi na liza arêa mais que o fumo
De miseras entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que soluços,
Oh que doces suspiros, que soavão!
De maneatadas Ninfas, que rendidas
Jazem no duro campo.

As linhas, os ramaes, as colubrinas
Outra cousa não são mais que seus olhos,
Que seus olhos azues, alvo semblante,
Que seus louros cabellos.

Fugi, Ninfas, fugi daquelles olhos,
Nelles afia Amor seus passadores:
Fugi, Ninfas, fugi, que seus cabellos
São as Vulcaneas redes.

# ODE XXIII.

POis sabes, que nas margens do Mondego,
Amor, que he grão Poeta,
A cantar brandos versos me ensinava,
Quando prezo me tinha,
E victima chorosa, as aras cruas
Banhei c'o sangue quente
Do roto coração, das rotas veias,
Que abrião seus virotes:
Não estranhes, Senhora, que os furores
Do genio Sibyllino
Me forcem a louvar o claro Dia
De teus ditosos Annos:
Ao santo Templo da immortal Memoria,
Sobre as azas da Fama
O desejo levar; quero que chegue
Aos seculos futuros,
Cercado de relampagos, e raios,
Com que os Vates fulminão
Da Inveja triste as assanhadas serpes,
Que em torno lhe sibilão
Do livido semblante descorado,
Dos olhos furibundos.
As estofadas Ondas somnolentas
Do Lethes vagaroso

Ve-

Verão passar mil vezes tão bom Dia,
De estrellas coroado.
Virão, como hoje vem, a teus altares
Render devoto culto
Os miseros amantes desmaiados,
Em suas mãos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes,
E corações fumando.
Outros Tyrses, e Elpinos namorados,
Outros Licidas, Cintios,
Prostrados erguerão queixosos Hymnos,
Rasgando os mansos ares
Com fervidos suspiros, com seu pranto,
Que tu, Cruel, desprezas!
Só não sei se haverá outra Silvandra,
E que Vestal do Tempo,
No sonoro rebolo, o fatal gume
Afie da bipenne,
Com que desfeixa os golpes, nos solemnes,
Cruentos sacrificios;
Quando a gelada Victima estremece,
E cerra os tristes olhos.
Hoje porém, que tão alegre Dia
Com farta mão derrama
As delicias, prazeres, e fortunas
Em toda a Fonte-santa;
E nas espaduas do ligeiro Noto
As Graças, e os Amores
Com sonoro susurro andão voando
Á roda desta casa;

Deixa, gentil Senhora, que se mude
A Cithara soberba
Em Avena campestre, e que te offreça
Humilde rendimento
De singela vontade, e sãos desejos;
Huma pobre gallinha,
Hum alvo ganso, que muito ha que adeja
Para voar tão alto:
Ainda elle espera hum dia transformar-se
Em constellação nova;
E co'as pennas das azas rutilantes,
No azul ethereo Assento
Escreverá de Arminda o doce Nome;
Para ser entre os Astros
De desejos, amores, e suspiros,
O Norte luminoso.

ODE

# ODE XXIV.

Em quanto o pobre Tyrſe deſcançado
Da Preguiça nos braços ſomnolentos,
Co' a boca meia aberta a ſomno ſolto,
Ou ronca, ou ſe eſpreguiça:

Em quanto a torpe, e vaga fantazia
Luctando com cançados pezadellos
Em verdes bancas pinta as louras marcas,
Lhe moſtra o as de copas:

Em quanto atado ao duro, e longo remo
Da galé, com que ſurca fundos pégos,
Os calejados hombros dobra ao duro
Arrebém de comitre:

Em quanto crê, que a Fonte-ſanta alegre,
Com ſonoro ruido ſolta as aguas,
Só quando vê em ſeus quebrados olhos
Amor tremer com frio;

Em

Em tanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famelico Leão da gran Nonacria,
Ataçalhando os pavidos rebanhos,
Traga famintos membros.

Assim vem, assim vê, assim subjuga
Rebeldes corações, que reduzidos
A poucas cinzas, qual o debil fumo
Em crespas nuvens voão.

De baixo já da planta vencedora,
Em frio sangue çujos palpitando
Abjurão de Mafoma, ou molle Tyrse,
A immunda torpe Seita.

Mas o pio Alexandre condoido
Da orfandade das miseras cativas,
Nas ricas almofadas, barba, a barba,
Affavel as recebe.

Oh que doces, que lagrimas contentes
Inundão negros olhos! Que suaves,
Que fervidos suspiros retinindo
Não voão pelo tecto!

Ah pobre Tyrse! acode, que te pizão;
Que teus campos já roubão, talão, queimão
Armados esquadrões d'outros Amores,
Amores invenciveis.

*Traducção de huns versos Inglezes, feitos a hum seu grande Pintor.*

# ODE XXV.

O Dourar a manhã, do Sol que nasce;
Derramar os reflexos;
Pintar á sombra do cerrado bosque;
A rapida corrente;
As ceruleas montanhas affastadas
Mandar, que se levantem,
C' o vermelho horizonte confundidas;
Pela verde campina
O rebanho espalhar que anda pascendo;
Dos rachados penedos
Fazer que desção caudalosos rios;
Que a creação formosa
Brote de baixo desta mão potente;
He a grande tarefa,
Que só se atreve a descrever Sertorio.
Mas quando sazonados
Apparecem os frutos de Pomona
A producção amavel
Do fertil anno; então a Natureza
Porque se vê vencida,

Se

Se moſtra envergonhada: ó pincel raro,
Do que o Sol mais fecundo
C' o doce toque os pomos faz maduros:
Do Paraiſo póde
A memoria acordar; dar-nos ſeus frutos
Sem ſegundo delicto.

DI-

# DITHYRAMBO I.

OS brilhantes trançados enaſtrando
Com verde mirto, com cheiroſas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da creſpa rama,
Que Baſſareu
Ao Mundo deo.

Co' as brancas mãos no cópo cryſtallino
Lançai ligeiras
Louro Falerno, rubido Sabino;
Eia, voai
Deitai, deitai;

Gró

Gró gró, tá tá,
Que cheio está:
Ora brindemos
As gentís Graças, castos Amores:
No mar lancemos
Rixas, tristezas, mágoas, temores.

Mas de córadas nuvens, affumados
Vejo em torno girar os negros montes:
Candida espuma
De purpureas fontes
Ferve, e se enleia
Na crespa veia,
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas,
Das balsas espinhosas,
Mil capripedos Satiros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vem saltando,
A terra c' o ruidoso pé trilhando.
Sincinnas corêas,
Bistonidas feas
Fórmão bradando
Evoé, Saboé
Amores inspira:
Ó doce Leneo,
Amores bebamos,
Do peito lancemos

Os

Os sustos temores,
Nos cópos já temos
As Graças, Amores.

Evoé.
O Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareu.

As férulas protervas coriscando,
Entre as cervinas pélles maculosas
Derramão brilhantes
Tremulas estrellas,
Sòbre as soltas bellas
Fulguricrinantes
Tranças pampinosas
Das thyrsigeras Thyadas raivosas.
Corycio escutando
O frigio clamor,
Está ululando
Com triste fragor.

Sobre o prado ameno
Tremilhicando o pávido Sileno,
Do Ebrifestivo cópo que trasborda
Pela micante bòrda
Deixa entornar, com rubicundo rosto,
O cheiroso rubi, o quente mosto:
Encrespou o nariz, e sacudindo
Os humidos bigodes, ficou rindo.

Evoé,
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Com Tyrſo potente,
Em carro luzente
De Tigres puxado,
Dourando eſte dia,
Deſterra o cuidado,
E traze alegria.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Os cópos brilhantes
O bom Nictileo
Em brindes retinem,
E Amor adejando
Co' as azas rorantes,
Se eſtá mergulhando
Em ondas brilhantes.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

*Ao Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva, Socio da Arcadia.*

# DITHYRAMBO II.

BAcco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;
Oh que bem que elle sôa! Eu toco; canta
Bacco, Bacco, evoé:
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta
O estrepito sonoro
Da confusa Thymele.
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta
Bacco, Bacco, evoé.

Os olhos tens chorosos, e somnolento,
Estupido o semblante; rubicundas,
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados:
Cambaleias? Tu cahes? Elpino, cahes?
Ah! Já sei; os symptomas bem conheço.
Opprime-te a ambrozia:
Nada-te o coração no licor forte,
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo, acode, acode,
Acode ao teu Elpino:
Bacco, Bacco, evoé.

Vem,

Vem, vem, ó Dithyrambo, se as alegres,
Crepitantes Lenêas te não prendem,
Se affogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces;
Vem, vem, q'eu te prometto
(Por esta taça o juro)
Devoto celebrar as anthesterias;
Vem, vem Bacco, evoé.

Mas que ouço! Escuta, Elpino:
Ouço ao longe ranger os parafusos
Dos cheirosos lagares!
Descendo pelas roscas grita avara;
Bom sinal, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Hum vulto pelos ares vir batendo
Compridas azas; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos:
Ah! já na terra pouza;
Vamos Elpino ver; hum Odre, hum Odre!
Es tu Bacco, evoé!

Elpino, toma, bebe
O valente elixir, que nos restaura
Das passadas fadigas,
Que aquenta os frios membros,
Que faz vermelho o velho descorado,
Que alegra a mocidade,
Que o somno concilia:
Elpino, toma, bebe,
Bacco, Bacco, evoé.

SA-

# SATYRA I.

CORIDON, Coridon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ser Poeta?
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos seculos dourados,
Quando achavão Mecenas bons Engenhos?
Não sabes que das Musas Portuguezas
Foi sempre hum Hospital o Capitolio?
Viste já, que seis Ursos arrastassem
Em douradas Berlindas hum Poeta?
Não escreve Luziadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em Camarins forrados de Damasco.
Quanto mais que esses versos q' assoalhas,
São trovas, de que os doudos escarnecem,
Sem que lhes valha o titulo estrondoso
Com que talvez pertendes baptizallos.

Odes

Odes lhes chamas tu; elles murmurão.
Não sei de que palavras: outro dia
Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no *Alcaide* fallaste, e nos *Bugios*,
Nos *descalços Trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois hum Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros lêo de quantos teve
Ptolomeo, e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co'a pezada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *Alcaide*?
Antes Tribuno, ou já Lictor dissesses,
E se sabes Francez *Sergent*, sería
Enfeitar o teu cepo mais á moda:
Mas tu não fallas? Callas-te; que dizes?
Que hei de dizer, Calfurnio! Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que as mãos te deo a ti, e aos bons Letrados
Licurgos, e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de Ode
Dos versos meus, que por desastre virão:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tão ligeiro,
Escapar aos Malsins que me pesquizão.
E não fora melhor que te deixasses
De huma Arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salamões, Padres Conscriptos
Aborrecem, desprezão, e condemnão?

Al-

Almotacel que queiras ser de hum Bairro;
Excluido serás sendo Poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d'honras.
Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaste as Vestaes; que em vão juraste;
Que es Bruxo, Delator, q'es hum falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo dourão riquezas; mas Poeta!
He furia sem remedio, he cão damnado;
Todos o apupão, todos o apedrejão.
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões impertigado,
Inda que baxo, e fusco, vais cuidando
Que reparão em ti, que todos dizem,
Com o dedo mostrando a má figura:
Eis o grande Poeta, que nos trouxe
A galante invenção de versos soltos,
O contagio das Odes, que atrevido
Quer extirpar a feira dos Sonetos.
Mas quanto Coridon, quanto te enganas!
He certo que te apontão; mas bradando:
„ Lá vai o novo Horacio author da Ode „
*Varra o crédor soberbo a pobre casa*
C' o *desabrido Alcaide* circumspecto
Embicando no *varra*, e mais no *Alcaide*
Põe as mãos na cabeça. Clamão que Odes
Nunca virão com termos tão rasteiros;
Pensamentos, que forão condemnados.

 Nos

Nos rusticos escolios de Lucilio.
Basta, Calfurnio meu, ante os Juizes,
Que táo boa sentença proferíráo,
Quizera retractar-me, e te prometto
De abjurar o estilo que seguia.
Buscarei novas frases, novos termos,
A lingua fallarei de Palainhos:
Ás minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro záo záo dos consoantes,
Magestosas idéas Sybillinas,
E outros taes atavios, com que arreáo
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O Portico sagrado de outra Athenas,
Que es Estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adáo do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por Anciáo famoso, e conhecido,
Vai, e por mim o Oraculo consulta;
Pergunta-se tambem o Venuzino
Clara Estrella polar, o velho Horacio
Errou na opiniáo desses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas Odes
Garridos Espadões, a mil Eunûchos.
Ao bom Afro chamou vil usurario;
A Mevio fedorento; Martim a outro,
Bruxa a Canidia; se varou em terra
Seu baixel alteroso; quando disse

De

De hum máo liberto, prodigo, e ſoberbo,
Que fora do Verdugo c'o azurrague
Nas coſtas fuſtigado até incharem
Ao gritador Porteiro as cordoveias
Do vermelho peſcoço que ſuava.
Não te fallo na velha deshoneſta,
Que os falſos arrebiques lhe cahião
Pelo verde ſemblante deſfebrado,
Como o vermelho barro, no alto monte,
Em laivos ſe derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada.
Repara, Coridon, que neſſas Odes
As palavras que allegas são Latinas;
Logo póde em Latim dizer-ſe *Preco*,
Porteiro em Portuguez he condemnado.
Ora, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa,
Que nem me lembro já de taes Doutores:
Qual o grande rafeiro, que ſeguindo
O dono vai, ſem reparar nos fracos,
Inſolentes cachorros da Cidade,
Que ora lhe ládrão, ora lhos aſſulão,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da Morte os intimida.
Juſto porém ſerá que tu lhes digas,
Que varra cada qual ſua teſtada,
Que aſsás borbulhas tem para coçar-ſe.
Que ſeus verſos não leio, que não leião
Elles os verſos meus, Odes, ou trovas;
Não lhe quebro os ouvidos, não os canſo
C'a importuna lição dos meus Poemas:


N'Ar-

N'Arcadia os leio; alguns de seus Pastores,
A quem verde era cinge, e adorna a fronte,
Pejo não tem de lellos, e approvallos.
Que se guardem de mim, porque se peço
Ao Campião de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta
De seus célebres Nomes esquecidos,
Illésa deixarei, serão cantados,
E fabula do Povo em toda a idade.

As

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço.*

# SATYRA II.

NÃo posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cégas se imitem os Antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamamos Quinhentistas:
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Forão grandes Poetas; qualquer delles
Foi discreto, e foi sabio; em fim as Musas
Lhe embalárão o berço, e lhe cobrírão
Com murta, e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os Pobres escapárão
Á culpa original: tem suas faltas,
Tem seus altos, e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c' os focinhos hum Pedante,
Que vá por onde for ha de seguillos,
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou máo, isso que importa?
O ponto está que o diga algum daquelles,
Que Craesbeeck imprimio: ha maior teima!
As Graças são muchachas, são rizonhas,
São faceis, são suaves: elles querem

Á força pôr-lhe brancas, e bigodes,
E não lhos sabem pôr: que he o que eu digo?
Imitão o peior; mas não imitão
Os versos mais canoros, e correntes,
A sizuda dicção, a frase pura;
Aquelle Atico sal, que não conhece
Quem nunca vio o Portico de Athenas,
Se quer em caixas opticas pintado;
Isto he Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, necessitas
De calças, e gibão? Se hoje sahisses
Com jaquete, e golilha; quem seria
Tão sério, e tão sizudo, que pudesse
Conter o rizo? Nada te valêra
Responder-lhe gritando, que imitavas
Os distinctos Avôs, que dos Noronhas
A Prosapia exaltárão generosa
Nos seculos passados: Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com socego inalteravel
Nos grandes corações: Ora esta regra
Corre a nivel d' altura do Parnáso.
Imite-se a pureza dos Antigos;
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com frase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa idade.

Ao

Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Humas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fertil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despio o Inverno desabrido.
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes:
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos: a energia
Do discurso, e da frase não consiste
No feitio das vozes, mas na força:
Salvo conforme aos Garrulos Trovistas,
Que não te chamão justo, sem chamar-te
Ou robusto, ou augusto; inda que sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles
Rubens, e Rafael, inimitaveis
Não se fizerão pela cor das tintas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:
Que muito, senão ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo Pedantes
Trepados em Cadeiras, descompondo
Os mais honrados Cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha; e vejo gente
Prudente, e sabia embasbacar nos gestos
Do Mono petulante. Muito póde
A opinião, a teima, ou o capricho!
E o Pedantismo póde mais que tudo;
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,

Voa

Voa por esses ares, sobe ao cume;
Onde a vaidosa Idéa ergueo o Templo
Da fantastica Fama. Alli se abraça
A Soberba, e a Vaidade co' a Preguiça:
Vive a Ignorancia alli, dalli pertende
Dictar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que Demonio me inspira alegorias,
Sem permissão do Tribunal Censorio
Dos Criticos modernos? Não he moda
Hum Estro nobre; tudo está mudado:
Ha Pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos Poesia
Tão longa quarentena; e não me espanta
Ver Poetas myrrados, se a abstinencia
Das Clausuras fogio para o Parnaso.
Os nobres Portuguezes, Christãos velhos,
Acaso são Gentios, como forão
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas?
Fabulas novas? Bastão as pinturas
De quatro bagatellas: huma fonte,
Hum bosque, hũ rio, hũ campo, hũ arvoredo;
Hum rebanho de cabras, dous Pastores
Com cajado, e surrão; huma Pastora,
Que se está vendo n'agua: ha melhor cousa?
Quem póde fazer mais? Que nos importa
Que o verso seja frouxo, ou deslocado,
Sem Grammatica a frase, sem pureza,
E sem graça a dicção; ou em fim tudo
Sem connexão, sem ordem, sem juizo?

O

O caſo eſtá que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, ſem que eſqueça
A gaita do Paſtor, nem os abraços
Da ſimples Paſtorinha: e que as palavras
Sejão humildes, velhas, e caducas,
Se quer de quando em quando. Ah Senhor Conde!
Se iſto he ſer bom Poeta, bom Poeta
Eu o prometto ſer em pouco tempo;
Mas tu, Senhor, bem ſabes quanto cuſta
Ser fidalgo da caſa do Deos louro:
Não ſe compra a diſpenſa com dinheiro,
Nem vale ter o Pai no Deſembargo;
Mas he preciſo grande genio, longo,
E eſcolhido eſtudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; converſar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite; alli ſe faça branco
O cabello, que foi ou preto, ou louro.

EPI-

# EPISTOLA I.

SE á fombra dos loureiros fempre verdes,
Que nafcem junto ás aguas de Aganipe,
Inda, Amigo, te encoftas focegado:
Se das foltas correntes, que do cume
Do frondofo Parnafo eftáo cahindo
Por entre frias, e mufgofas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes:

Se

Se as graciosas Musas te rodêão;
  Encosta a curva Lyra sobre o peito,
  As aureas cordas fére, escreve a Olino:
Se a Rithma, como escravo, te traz prezo,
  Perdida a liberdade, ao duro cepo;
  Québra as fortes cadêas; não he justo
  Que o continuo zum-zum do consoante,
  Que o ouvido agita só, a alma não,
  Esfrie o fogo, que na idéa nasce:
Não busques pensamentos exquisitos
  Em denegridas nuvens embrulhados;
  Não tragas não metaforas violentas,
  Imitando esse Corvo do Mondego,
  Que entre os Cisnes do Téjo anda grasnando:
Usa da pura lingua Portugueza,
  Que aprendido já tens no bom Ferreira,
  No Camões immortal, em Sousa, e Barros:
Em Grego não me escrevas, nem Latim;
  Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda preza
  No pensamento trazes a Cachopa;
  Se com tres companheiros n'uma banca
  De panno verde ornada o Whist jogas;
  Se ouves fallar Francez; e se inda lavra
  O mal, de que hoje tantos adoecem;
  Fallo daquella praga desastrada
  Dos enfermos Poetas, que não querem
  Os remedios tomar para sararem:
Conta-me em que exercicios vás gastando
  O tempo, que lá tens; se ao som do rio
  Compões os brandos versos, com q̃ arrancas

Do

Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados Cedros para ouvir-te.
Eu, Amigo, depois que te deixei,
Triste vejo nascer, e pôr-se o Sol;
Os mais dos dias passo em minha casa
Sentado n'um banquinho, e recostado
N'uma despida banca; poucos livros,
Algum papel, com pennas, e tinteiro
He quanto só me adorna o estreito quarto:
Alguns Amigos tenho, mas distantes;
Nem cavallos, nem seges á bolea
Tenho para tão longe ir visitallos:
Temo de sahir fóra. ... Ah não te engano,
Temo de sahir fóra: Desta banda
Me empurra o aguadeiro, e de estoutra
Me atropella a Saloia co' seu macho;
Hum vem á redea solta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada;
Para esta parte fujo, eis-que de sima
Sobre mim vem a çuja caldeirada;
Os confusos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atroão com seus gritos;
Hũ „ Quẽ as flores merca „ Outro os polvilhos:
Então eu cá comigo vou dizendo:
„ De que servem polvilhos a hum Poeta,
„ Se a hum filho de Apollo o verde louro
„ He o melhor adorno, he todo o fruto?
Desta sorte não posso, caro Amigo,
Novidades contar-te cá da Corte.
Pois que te contarei? Eu sei sómente
Que entrão nãos pela barra, e sahem nãos

Com

Com as vélas inchadas; ſei que corre
Para o ceruleo mar o louro Téjo;
De Lisboa, e das Cortes Eſtrangeiras
Não ſaberei dizer-te couſa alguma,
Que o tempo todo gaſto em ler Virgilio
No meu pobre, mas certo domicilio.

*Ao Senhor Doutor João Evangelista.*

# EPISTOLA II.

QUal sordido Pedreiro, que doente
De hum Hospital jazeo no leito pobre,
Quando torna dalli convalescido,
Mais esbelto, pellado, e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta, e colher; tudo lhe falta:
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego,
Em funebres idéas mal gastadas,
Com pennas, e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso:
Dos olhos me fugio o santo lume,
Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fatuo me tivera, se a Fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me désse dous rabões com tres lacaios
Brilhantes, rendas finas, e velludos;
Que bécas são de tolos, e casquilhos.
Mas de Poeta, Amigo, só me resta
Desastres, e miserias; filhos rotos,
De valadío o tecto, a vinha calva,

Caſeiros, Arquitectos, e criados
Mais duros que as Cataſtas de Perillo:
E neſte bom eſtado me provocas
A cantar, e tanger na doce Lyra.
Que ha de fazer hum Cyſne deſazado;
Hum canſado rocim, que já não chega
Á méta deſejada, ſem mil vezes
Cahir, dando aos ilhaes na liza arêa?
Mas ſe pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heytor dos fervidos cavallos,
Do colerico Achilles arraſtado,
Tingindo a dura terra o negro ſangue?
Supponho que a metafora percebes:
O Nadegas, que viſte esfrangalhado
A paſſapello vir da pobre Aldêa;
Porque lhe devo já huns tantos mezes,
Me ralha, e me governa focinhudo;
C' o rabo agazalhado, já capeia
As aias, as raſcoas da cozinha:
Eu delle me receio, ſó me falta
Lucrecia vir a ſer deſte Tarquino.
Agora te ris tu; e Manoel Gomes
O nariz encreſpando, te pergunta
Que fabulas são eſtas? Não lhe expliques
O ſentido moral; deixa-o confuſo:
Não convem que criados tudo ſaibão.
Dize-lhe que ſou doudo, que deſprezo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com ſemblante ſereno, e ſocegado,
Não me canſa ſoffrer a mão pezada
Da Fome, e da Penuria; não me eſpanta

A

A carregada nuvem da Desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.
Nem sonho com Perdizes, nem Lampreias;
Com mui pouco se calão meus desejos:
A males sempre affeito, não se accende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios,
Promessas, e presentes póde hum velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca á tôna da agua.
Eu que o trapo mordi, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,
Nunca mais cahirei em esparrellas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que Poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.
Naquelles priscos tempos que fallavão
Os animaes, as arvores, as pedras;
O cerval Lobo, a cálida Raposa,
Em Juizo accusava, e lhe pedia
Restituição do furto que fizera;
Hum Mono petulante, mas sizudo,
Era o Juiz, que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao Lobo:
Não julgo que te falta o que tu pedes;
Porém creio, ó Raposa, que roubaste
O que negas com tanta subtileza.
Esta Fábula, Amigo, nos ensina,

Que quem mente por genio, e por costume,
Quando diz a verdade, não he crido.)
Agora applica o conto; e lá comtigo
Péza bem as razões, as vans promessas
Com que hum astuto Velho marralheiro
(Até que leste Tacito, e Comines)
Te fez estar quieto, e allucinado,
Tirando-te por arte de Berliques,
Do nariz cascaveis, fitas da boca.
O prazo de Valdeste são os filtros
Com que esta Circe torna em Leões fulvos,
Em fedeudos Porcos grunhidores
Do sabio Grego os fortes companheiros,
Que em falsas apparencias embebidos,
Entrão nos Paços da famosa Bruxa.
Não julgues tão boçal este moléque,
Que saia da cenzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quizeres,
Nos altos tectos, onde já brilhárão
Preciosos rubins a agazalhar-me;
E sem mais esperança, que o desejo
De ver-te, de tratar-te, e de passarmos
Bocejando a miúdo as frias noites
Do enregelado Inverno, que já chega,
Á roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos; d'entre o brazido,
Saltando as rebordans, que na deveza
O Domingos colheo inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se dourão os Carrinhos sem dinheiro;
Como rufa o José, como o Lourenço,

Que Duque foi no pateo, e Conde em Cintra,
Agora se vai pôr a Chapeleiro;
E a pállida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras prezilhas:
E se disto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce Lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
A Tia Catharina, Dulcinea,
Por quem vences Chymeras, e Gigantes.
E tomando no lar hum carvão liso,
Te pintára o retrato na parede
Daquelles olhos onde tu suspiras,
Por quem vives, e morres de saudade.
Que facil he sonhar felicidades!
Tu já rico me crês; eu já supponho,
Agora que te escrevo, e que te fallo:
Mas esta Scena subito se muda;
O Chico mostra rotos os çapatos;
Huma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
Á porta está batendo o Alfaiate.
Se alguem aos cães lançou os patrios ossos;
Se foi traidor á Patria, se he falsario,
Seja lançado a filhos, e credores.

# FALLA

*Do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar huma Estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentio.*

NÃo, Lusitano povo, eu não consinto
Que Estatua ao meu Nome se dedique:
O amor da Patria, o zelo da Justiça,
Não sêde de mandar, ou da vangloria,
Me fez tomar as redias do governo:
Se fui clemente, justiceiro, ou pio,
Obrei o que devia. He mui pezada
A sujeição do Sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as Leis sagradas:
Fiel executor deve cumprillas;
Mas não póde alterallas. He o Throno
Cadeira da Justiça: quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
A' mais severa lei: perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delicto!
Quando no horizonte o Sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem a admira, todos o conhecem;
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se assustão;

To-

Todos o obſervão, todos o receião.
Logo ſe premiei ſempre a Virtude,
Se os Vicios caſtiguei, nada mereço.
E não queirais, Vaſſallos generoſos,
Liſonjeiros tentar minha conſtancia,
Honroſa Eſtatua pertendendo erguer-me,
Porque bem vos regi; pois eu não devo
Condeſcender comvoſco: infamaria
Da alta Virtude as maximas conſtantes,
Com que auſtéro emprendi o Regio Throno,
O acaſo defender dos vicios torpes:
Se delle affugentei ſempre a Mentira,
A Liſonja infiel, o aſtuto Engano;
Não queirais offuſcar minha memoria,
Provocando-me a collocar no Solio
Hum injurioſo exemplo da vaidade,
Hum padrão da liſonja. A fama illuſtre
Deve durar na tradição intacta,
Sem a nota de fragil. Fora impropria
A gloria que me dais, ſe neſſa Eſtatua
Deſcobriſſem os Seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós meſmos, voſſos filhos, voſſos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconſelhados;
A meſma Eſtatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
A' manhã ſe veria derribada
Em pedaços jazer: com páos, e pedras
Os olhos lhe tirarem; que a Fortuna,
Ligada co' a Inveja, e co' a Soberba

Não

Não deixa durar muito os Elogios.
Porém se vós, Illustres Portuguezes,
Desejais conservar meu Nome eterno;
Não he preciso o Marmore soberbo,
Basta-me a tradição de pais a filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o Jaspe, este o Bronze, em que pertendo
O meu Nome esculpir; chegue aos vindouros,
Sem perder o caracter, que o fez grande:
Lembre-se o benemerito do premio;
Recorde-se o culpado do castigo;
Todo o Reino do público descanço,
Em florente commercio em paz segura:
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de huma Estatua; e que estas honras
Quem chega com justiça a merecellas,
Tambem sabe atrever-se a desprezallas.
Acabou de fallar; e os circumstantes
Immóveis, e calados parecião
Outras tantas Estatuas dedicadas
A' regencia feliz do sabio Infante.

A'

*A' feliz Acclamação do Senhor Rei D. José I. de gloriosa memoria.*

# ROMANCE

## HENDECASYLLABO.

SUbi, Senhor, ao Throno Lusitano
A restaurar a perda de hum Monarca,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,
Que o Reino vos tributa, e vos consagra,
E em reciprocos votos a ventura
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta idéa
Das heroicas virtudes nos abraza,
Debuxando o Prototypo dos cultos
A imagem da Justiça, que se exalta.

Ac-

Acclama, Lysia, o Numen respeitado,
Que a Regia succesão o Sceptro chama:
Oução medrosas nos remotos Climas
O Augusto Nome, as Nações estranhas.

Asia rica, theatro das victorias,
Que o Luso esforço consagrou á Fama,
Nas ribeiras do Ganges fertiliza
Para novas conquistas, novas Palmas.

Nas entranhas da America opulenta,
Ao brilhante metal, Delfica chamma,
Para Diademas vos formar eternos,
Vivifique em preciosas abundancias.

Na barbara região de Africa adusta
Temerosa a ousadia Mauritana
Veja eclipsar as luas dos turbantes,
A ruina que o Téjo lhe prepara.

Os écos bastarão do vosso Nome,
Para que Europa toda attenta, e sabia
Na construcção do estatico socego
De Portugal respeite as allianças.

Moderem os impulsos da piedade
Das justas Leis a execução sagrada,
Sem que a justiça ao merito se negue,
Sem que o delicto indomito se faça.

Na

Na disciplina militar se ensaia
O Luso braço, que empunhando a espada
Será nobre terror dos inimigos,
Será da Patria invicta segurança.

Na protecção das letras felizmente,
Do vosso influxo a erudição renasça:
Os Virgilios, os Tullios se descubrão,
Que atégora Lisboa occulta avara.

Doutas maximas, Ethicas doutrinas,
Ministros sejão das acções preclaras,
Que entre os mysterios da razão de Estado
Hão-de mover as bellicas campanhas.

Em fim, Senhor, a gloria Portugueza,
Que Europa admira, que respeita a Asia,
Torna a brilhar nos ambitos do Mundo,
Donde o Sol morre, aonde a Aurora raia.

Vivei feliz, e governai glorioso,
Do Mundo espanto, admiração da Patria,
Ostentem para assombro do futuro
O ouro Lemas, os pórfidos Estatuas.

Vivei, reinai, o Tempo vos respeite
Ou absorto, ou rendido, em quanto a Fama
No Templo da Memoria vos desenha
Eternos bustos, inclytas medalhas.

MO-

# MOTE.

*Marte, faze-te da moda,*
*E teus temores desterra,*
*Que os Soldados desta Era*
*Trazem por moda huma roca.*

## GLOSA.

SE queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de Paizano a vida,
Senta praça de Soldado:
Traze chapéo cerceado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro comrigo;
Pois he moda tal castigo,
*Marte, faze-te da moda.*

Não

Não temas a reluzente
Sanguinosa espada fria;
O pelouro, que assobia,
E que mata de repente:
Nem petardo, que estridente
A' dura porta se afferra:
Busca o desprezo da guerra
Com torvo irado semblante,
Faze-te forte chibante,
*E teus temores desterra.*

Com retorcidos bigodes
Os antigos Cassuletes,
Sem rabichos, nem topétes
Trezandavão mais que bodes.
Marte, da moda bem podes
A roca brandindo fera
Mostrar, que não foi nem era
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor,
*Que os Soldados desta Era.*

Inda que a roca se ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões
Não tem da roca vergonha.
Empestados desta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes cóca
Em trajes de Cruz-Diabo,
Nos mostrão por moda o rabo,
*Trazem por moda huma roca.*

MO-

# MOTE.

*De que me serve o querer-te,*
*Nem tão pouco idolatrar-te?*
*Sujeitar-me a teus preceitos,*
*E vir outrem a lograr-te?*

# GLOSA.

DE que me servem gemidos
Ao Ceo vãmente espalhados?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marilia, os ouvidos?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos só por mover-te
Chegão, Cruel, a offender-te:
Se nada em fim me desculpa,
Antes, o querer-te he culpa,
*De que me serve o querer-te?*

De que me serve? Que vale,
Que o pranto meu pezaroso,
Qual ribeiro caudaloso
As duras penhas abale?
Grite, murmure, ou me cale,
Nada chega a magoar-te;
Quem he que póde abrandar-te?
Se para, Ingrata, mover-te
De nada serve o querer-te,
*Nem tão pouco idolatrar-te.*

Cuidei que viver atado
Ao grilhão da Tyrannia,
Em compaixão trocaria
Tão estranho desagrado.
Vejo-me desenganado;
Vejo em lagrimas desfeitos
Meus olhos, que tão sujeitos
Teu duro imperio rendeo;
Nada, Marilia, valeo
*Sujeitar-me a teus preceitos.*

Mas he tal o meu tormento,
Que hei-de com gosto soffrello;
Pois imaginar perdello
Inda he maior sentimento.
Não, Marilia, o pensamento
Não sabe deixar de amar-te;
Antes escolhe encontrar-te
Sempre ingrata, sempre esquiva,
Que ver-te em fim compassiva,
*E vir outrem a lograr-te.*

MO-

# MOTE.

*Tudo faz o Padre Antonio.*

## GLOSAS.

I.

A Negra Melancolia
Com os olhos no chão póſtos,
Suſpiros, pranto, deſgóſtos
Sobre os mortaes diffundia:
Quando a rizonha Alegria
Apparece a tempo idonio,
E como o brando Favonio
Diſſipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
*Tudo faz o Padre Antonio.*

II.

Tu fazes, Delfim ſonoro,
Mudar em conſolações
As penoſas afflicções
Com o inſtrumento canoro:
Fazes que do Pindo o coro
Por ti deixe o lago Aonio;
Fazes deſcer do Telonio,
Por te ouvir o Deos Luzente;
E tu fazes.... Finalmente
*Tudo faz o Padre Antonio.*

CAN-

# CANTIGAS.

DO campo de Rio-frio
Já vierão os Soldados,
Trazem corações de bronze
Em dura guerra ensaiados.

Ferozes, e carniceiros,
Arrastão duros Canhões,
Ameaçando ruinas,
Incendios, roubos, traições.

Com pifaros, e tambores
Nos atroão os ouvidos:
Os fundos valles, os montes
Gemem do estrondo feridos.

As bandeiras de Cupido
Desampararão traidores,
De linhas, e baterias
Se espantarão os Amores.

De improviso se levantão
As brancas azas abrindo;
Ora nos áres suspensos,
Ora ás estrellas subindo.

As ſettas, que lhe cahírão
Ficão no campo pizadas,
Rotos os ſonoros arços,
As vendas deſpedaçadas.

Succeſſo tão laſtimoſo
Andão as Moças carpindo;
Soltos os louros cabellos,
Deſcorado o roſto lindo:

Nas curvas margens do Téjo,
Que lambe a creſpa corrente,
Para onde fugio Amor
Perguntão triſtes á gente.

Pelos aſperos outeiros,
Com ſeu pranto rociados,
Humas bradão por Cupido,
Outras praguejão Soldados.

A ſeus férvidos gemidos,
O pobre não lhe reſponde;
Antes com pânico medo
Até das Moças ſe eſconde.

Teme, que até nos Paizanos,
Galharda gente mimoſa!
Se atêe o fogo voraz
Da feia guerra eſtrondoſa.

Nunca mais com brando rôgo,
Com reciprocos suspiros,
Sujeitará corações
A seus laços, a seus tiros.

Fugio Amor, escondeo-se,
Levou comsigo a alegria:
Murchárão-se as lindas flores,
Apagou-se a luz do dia.

Mas quem quizer saber onde
Escondido Amor está,
Venha ver de Lylia os olhos,
As fréchas de Amor verá.

Ah! Fecha, Lylia, teus olhos,
Não deixes sahir Amor,
Em quanto ouvires das armas
O desabrido fragor.

Espera que a Paz dourada
Tornando ao côllo os Amores,
Com os cucáres dos Elmos
Empennem seus passadores.

Deixa, que ardidos Ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bellicos Sagres,
Arrastem curvos arados.

En-

Então á sombra dos ramos,
Que estende o Carvalho annoso,
A casta Pomba arrulando
Chamará o fido Esposo.

Então co' a frauta sonora
Modulando em desafio,
O teu nome ensinarei
Ás mansas aguas do rio.

# ENDECHAS
## A DUO.

*Paſtora.* QUem amor não tem,
Não tem coração,
De branda affeição
Alma ſe mantem.

*Paſtor.* Mas quem amor tem
Serve á crueldade,
E da liberdade
Não conhece o bem.

*Paſtora.* De dous corações
Reciprocas dores
Dos gentís Amores
São arco, e farpões.

*Paſtor.* O lindo volver
D' huns olhos rendidos
Em peitos feridos
Derrama o prazer.

*Paſ-*

*Pastora.* Deseja dizer
Balando o Cordeiro
No valle, no outeiro,
Que sabe querer.

*Pastor.* O pégo do mar
A praia nas fragas,
Quebrando mil vagas
A vem abraçar.

*Pastora.* Que bom fora Amor
Se fora leal;
Mas he grande mal,
Que seja traidor.

*Pastor.* Se em Amor não ha
Singelas tenções;
De enganos, traições
Quem não fugirá?

*Pastora.* Bem posso mostrar
Quem te ama fiel.
*Pastor.* De quem he cruel,
Que devo esperar?

*Pastora.* Se me amas, Pastor,
Sou fida Pastora.
*Pastor.* Se não es traidora,
Já creio em Amor.

Am-

*Ambos.* Que doce prazer
Não sente quem ama;
*Pastora.* Tão suave chamma
Deixemo-la arder.

EN-

# ENDECHAS.

Em mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixão Licoris.
Depois que teus olhos
Os meus cativárão,
E me sujeitárão
A' tanto rigor.

Se tratas assim
Com tal tyrannia,
Quem por ti se inflamma
A quem te não ama,
Que mais lhe faria
O teu desamor?

## CANTIGA.

CUidava que Briolanja
Era branda, como bella,
Cuidava que era Marmanja,
Mais tenra do que Vitella.

Mas ai, ai, ai,
Ella he cem vezes,
E cem mil vezes
Muito mais dura,
Que onça esfaimada,
Loba malvada,
Que na espessura
Degolla as rezes.

THE-

# THEATRO
## NOVO.
## DRAMA.

# ACTORES.

APRIGIO FAFES, *Pai de Aldonsa, e Branca.*

ALDONSA. } *Filhas de Aprigio Fafes.*
BRANCA. }

ARTUR BIGODES, *Mineiro, e Compadre de Aprigio.*

JOFRE GAVINO, *Musico, e Mestre de Aldonsa.*

INIGO, *Actor.*

BRAZ LICENCIADO.

MONSIEUR ARNALDO, *Architecto.*

DOUTOR GIL LEINEL, *Poeta.*

SCE-

# SCENA I.

## *Aprigio, Aldonsa, e Branca.*

*APRIGIO.*

Mil vezes, Filhas, já vos tenho dito,
Que noite, e dia penso, e que repenso
Em estado vos dar: o Ceo bem sabe,
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;
Mas o tempo correo-me tão avesso,
Tão contrario ás magníficas idéas,
Que não acho hum Piûga a quem se possa
Empurrar huma Filha, sem mais dote
Que seus olhos azues, louros cabellos.

*AL-*

*ALDONSA.*

Solteiras, e comtigo viviremos
Honradas, e contentes.

*APRIGIO.*

Caras Filhas;
Eſte emprego de Zangano, que tenho,
Com a alcunha de Corretor dourado,
De todo deo em droga, eſtá perdido:
A cada canto hum Myrra tópa a gente,
Tão caſado co' a burra, e tão cioſo
Dos lacrados cartuxos, que primeiro
Callado deixará vaſar-lhe hum olho,
Que pregar-lhe hum callote: não ſe atreve
A bulir nos dobrões: dos proprios dedos
Deſconfia, e ſe doe: os chicos guarda
Quaes medalhas dos Ceſares antigos.

*BRANCA.*

Inda, meu Pai, te não pedimos dote;
Deixa correr o tempo, caſaremos.

*APRIGIO.*

Algum dia (que tempo venturoſo!)
De lá de cima vinhão a cardumes
Eſcudeiros Serriz, rolhos Morgados,
Com Solares no concavo da Lua:
Pouſavão na Beteſga, ou no Cachimbo,
E mandavão chamar-me logo, logo
Por hum lacaio, ou pagem de polainas:

O

O bisonho Jangaz me descobria
O fraco de seu amo: eu lhe levava
Relogios, espadins, outras misangas:
Tudo o boçal Jalôfo cobiçava;
Tudo se lhe vendia á queima roupa,
Gato por lebre: eu mesmo vi hum destes
Por tres dobras pagar huma pintura
Do Zeuxis do Castello; e mui sisudo
Jurar que era o painel de Ticiano:
Mas tudo o tempo gasta, tudo leva.

*ALDONSA.*

Hoje os mesmos caloiros são ladinos.

*BRANCA.*

Capazes de lograr-nos.

*APRIGIO.*

Porém, Filhas,
Quando mais desatados rijos ventos
Pela breada enxarcia silvão, quando
O mar no fundo muge, então nos tópes
Apparece Santelmo aos navegantes.
Descoberto já tenho outro caminho
De em breve enriquecer, e de casar-vos:
Ajustei huma nova Companhia
De Comicos, e Musicos chapados,
Por via de teu Mestre, minha Aldonsa,
Do bom Jofre Gavino: tambem nella
Inigo quer entrar: esta noticia
Bem creio, Branca, não te desagrada.

Pa-

Para a despeza do Theatro novo
O dinheiro me empresta meu Compadre
O grande Artur Bigodes, que na frota
Veio ha pouco do Rio; e vem potente,
Traz infindo dinheiro, Papagaios,
Araras, e Bugios; traz mil cousas.

*ALDONSA.*

Bom proveito lhe faça: e que tiramos
De rico, ou pobre vir hum avarento?

*APRIGIO.*

O bico tem revôlto; mas podemos
O vélo tosquiar-lhe com bom geito:
Finge tu, minha Aldonsa, que lhe queres;
Chora, suspira, ri-te, a máo lhe beija,
Expõe-lhe o desamparo em que ficaste,
E tua irmá, por morte de Mafalda,
Boa Mái de vossês, delle Comadre.

*ALDONSA.*

Triste empreza, meu Pai! E na verdade
Que fingir-me náo sei; mas quando saiba,
Hum velho táo sagaz, e táo matreiro
Náo cai em esparrelas.

*APRIGIO.*

Velhos, moços,
Em todos igualmente se descobrem
As tyrannas paixões, a pouca força
Da pobre natureza.

AL-

ALDONSA.

De que modo.
Posso vencer o natural antojo,
Que me domina, em vendo arregalados
D'um velho destes, os sumidos olhos?

BRANCA.

Antes, querida Mana, nada custa
Enganallos, rendellos; que esta gente
Com pouco se contenta: hum leve riso,
Qualquer agrado os enche de vaidade.

APRIGIO.

Tu, Branca, es minha filha; tu sahiste
A tua Mái, sigana refinada,
Que as almas attrahia: era esta casa,
Em quanto viva foi, era huma Corte;
Grandes, pequenos, todos aqui vinhão
Beijar a pedra d'Ara; as carruagens
Não cabião na rua: mal entravão
Huns, outros já sahião. Que Matrona!
Sempre te carpirei, alma ditosa,
Honra, e gloria dos Fafes! Porém, filhas,
Quem morreo, já morreo, nós que ficámos,
Façamos por viver; e não se vive
Sem a fome matar.

ALDONSA.

Sim; mas a Mana
Sabe contrafazer-se, que eu não posso.

APRI-

APRIGIO.

Aldonſa, Aldonſa, que reſpoſta he eſſa?
Aſſim pagas o amor com que te trato?

BRANCA.

Meu Pai, a Mana zomba; deſcanſado
Podes cuidar no mais, que o velho he noſſo.

APRIGIO.

Aldonſa, filha minha, ao velho, ao velho,
Se allívio queres dar a hum Pai canſado,
Que tanto bem te quer, e que deſeja
Ver-te caſada c'um Senhor de terras,
Rodando pelas ruas de Lisboa
Em dourado carrinho, inda que berre
O triſte Corrieiro, que bom homem
Acreditou a lábia do Morgado:
Mas vão voſsês compôr-ſe, e vão veſtir-ſe,
Para mais engodallo. Ei-lo que chega:
Vão-ſe, que logo as chamo.

SCE-

## SCENA II.

### *Artur, e Aprigio.*

*APRIGIO.*

Meu Compadre,
Cuidei que já não vinhas.

*ARTUR.*

Essa he boa!
Eu sou Pilatos; o que digo, digo;
Páo, páo, queijo por queijo: Artur Bigodes
Tem palavra de Inglez.

*APRIGIO.*

Assás conheço
O muito que te devo: e que me dizes
Do projecto de que tratámos hontem?

*ARTUR.*

Amigo, amigo Fafes, o negocio
Seus laivos tem de jogo; quasi sempre
Vale mais a fortuna, que a sciencia:
O coração presago, he o Piloto
Com que se arroja ao mar quem Deos ajuda:
Ha delgado Chatim, que mal entende
Que dous, e tres são sinco; e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na commenda:

E quantos vemos nós com Guarda-livros,
Com ſeiscentos caixeiros zigues-zigues,
Dar c' os bodes na arêa; e nas eſquinas
O bom nome ſervir-lhes de Epitafio!
Mas deixando preambulos, approvo
A idéa do Theatro; he bom projecto;
O ponto ſó conſiſte em desbancarmos
O da rua do Conde, e Bairro Alto.

*APRIGIO.*

Senhor Artur Bigodes, meu Compadre,
Quem tem tão bom amigo, não duvída
De abalançar-ſe á mais cuſtoſa empreza:
Eſte meu tal, e qual pouco beſtunto,
O trago prenhe ſempre, e recheado
De ſoberbas idéas; mas não tinha
Calor baſtante na myrrada bolſa,
Para o braço chegar a executallas.
O Ceo bem ſabe, quantas vezes, quantas,
Vociferando, diſſe: Em hora infauſta,
Por longos mares, d' entre nós fugindo,
Se auſentou meu Compadre Artur Bigodes;
Coração de Alexandre, farto amigo,
Pé de Boi Portuguez; mal empregado
Nos deſertos Certões deſſas Arabias,
Entre gente boçal, entre bugíos!

*ARTUR.*

Manſo, fiel amigo, eſſas liſonjas,
Carapuça não ſão deſta cabeça;
Sou amigo, e Compadre; iſto me baſta;

Fa-

Faço o que devo: vamos adiante.

*APRIGIO.*

Tanto que a Frota veio, huma alma nova
Senti pular no peito; a fantasia
Entrou a erguer palacios, e castellos:
Vi Dragos, Serpes vi: quando sonhava,
Vologeso, e Catão me apparecião
Com punhaes, e cadêas: acordava
Aturdido de caixas, e trombetas:
Estes, e outros projectos me inspirárão
A idéa de hum Theatro: eu sempre tive
Bom dedo pará a cousa: fiz marmotas;
Varias Famas vesti, e Cruzdiabos
Para os Cirios do Cabo, e d'Atalaia.

*ARTUR.*

O dinheiro está prompto; agora falta
Quem nos arme a charola.

*APRIGIO.*

Caro amigo,
A teu arbitrio entrego, e deixo tudo.

*ARTUR.*

A mim, Aprigio? Fóra; não sou desses,
Que emprestando dinheiro com usura,
Dão mil regras depois de economia
Ao pobre padecente; que corrido,
Como cão com funil atado ao rabo,
Vai ladrando, e fogindo á surriada.

*APRIGIO.*

Sempre graça tiveste: apalavrados
Alguns sujeitos tenho intelligentes;
Architecto, Poeta, bons Actores,
Hum Musico chapado; e para Damas
As minhas duas filhas, Branca, e Aldonsa;
Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

*ARTUR.*

Pois isso he ouro sobre azul; que o povo
Ou dorme, ou ri, se vê huma Tapuia
Arrancando suspiros emprestados,
Torcer os vesgos olhos, e mostrar-nos,
Abrindo a negra boca, que he cerrada.
Eu empresto o dinheiro; mas declaro,
Que isto se entende em quanto as Damas forem
Engraçadas, formosas, e bem feitas;
Que para vir gastallo com serpentes
Não o ganhei, passando tantos dias
Por duros môrros, por incultas fragas;
Talvez comendo carne de Macacos.

*APRIGIO.*

Basta, Compadre, basta; às minhas filhas
Muito bem sabes como são galantes;
Aldonsa ha de fazer primeira Dama;
Branca, a segunda: tu verás pendentes
De seus travessos olhos todo o povo:
Tantos os corações, tantas as Troias,
Em amoroso incendio chammejando:

Tu

Tu mesmo, meu Compadre, sem remedio;
A pezar dessas cans, embaraçado
Has de sentir-te na Vulcanea rede.

ARTUR.

Eu não sou tão sizudo, nem tão velho,
Que viva por demais; em fim, sou homem;
Nem tive nunca coração de pedra;
E pouco bastará para mover-me;
Muito mais as paixões, que docemente
Os animos revolvem.

APRIGIO.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos
Em que alturas estamos: entre tanto
Te chamo as raparigas. Branca? Branca?
Aldonsa? Venhão cá. A Deos, Compadre. *Vai-se.*

## SCENA III.

*ALDONSA, BRANCA, e ARTUR.*

ARTUR.

COmo formosa vens, Aldonsa bella!
Em teus olhos fuzila a luz dos Astros:
Ao menos deste Mundo, cá de dentro,
Es tu o claro Sol, tu és a Aurora.
Oh quanto, filha minha; (sim, que filha

Bem

Bem te poſſo chamar) oh quanto ſinto
Que os annos me roubaſſem todo o luſtre
Da freſca mocidade! Que os Invernos
Neſta gelada eſtriga converteſſem
A brilhante madeixa; que algum dia,
Dourados caracóes por eſtes hombros
Ao Zefiro entregava! Oh ſe eu pudeſſe
Banhar-me no Jordão, e remoçando
Dar-te hum gentil mancebo por marido!

*ALDONSA.*

Sempre brincando vem o meu Padrinho.

*BRANCA.*

Senhor Artur Bigodes, como paſſa?

*ARTUR.*

Mui bem, Senhora Branca. Ouves, Aldonſa?
Eu não brinco, antes fallo bem de véras.

*BRANCA.*

Pois a mana, Senhor, eſſa não zomba:
Noite, e dia converſa em ſeu Padrinho;
Não falla n'outra couſa: quantas vezes
Se á porta batem, vai correndo á porta;
E porque dá com outro, do ſemblante
A cor lhe amarellece, e recuando
Sobreſaltada, diz, que não he elle.

*ARTUR.*

Quão feliz, minha Branca, e quão ditoſo,

Se

Se isso verdade fora, inda me julgára?
Inda porém Aldonsa mo não disse
Para tão facil ser, que me arreganhe.
Que dizes, bella Aldonsa: aquillo he certo?

ALDONSA.

A mana não te engana, nem te mente:
Mas se te adoro, deverei dizello?

ARTUR.

Devêras, devêras, que essa innocente
Suave inclinação em nada offende
A modestia, o decóro; inda que custa
Á moça mais amante o confessallo,
Posto que honesto fim lho approve, e doure.

ALDONSA.

Pois vive descançado que te quero.

BRANCA.

Eu dou-lhe os parabens, Senhor Bigodes.

ARTUR.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonsa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,
Agora o chego a ver; nelles ao longe
Muito ha que descobri hum brando gésto,
Que n' alma me bulia; mas atado
Ao pezado trambolho de meus annos,
Lutando afflicto com setenta Invernos,
Por mais que ardião fervidos desejos,

Capazes de animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enregelava:
Porque hũ homem q' he serio, e q' he prudente,
Antes se humilha a parecer covarde,
Que levar na bochecha huma apupada
Destas rascoas de hoje, presumidas,
Que buscão Tamorlões, Imperadores,
Franchinotes, casquilhos, e Poetas;
Para ao depois berrarem com ciumes,
Sem achar cabeções com que os subjuguem:
Tu es, Aldonsa, a excepção da regra,
Amavel, linda, candida, innocente;
Qual rosa pudibunda em manhã fresca,
Que da rustica mão do Jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

ALDONSA.

Tão estranhos, são gandes elogios
Não chego a merecer; antes conheço,
Que a maior parte da fortuna he minha:
Huma pobre Donzella, sem mais dote,
Que seu singelo amor, em nossos dias
Mui pouco, ou nada vale: sem riqueza
Quem soffre a formosura? Sãos costumes,
Honrado sangue, angelico semblante,
Não namorão os Noivos deste tempo.

BRANCA.

Maior favor te faz o teu Padrinho.

ALDONSA.

Assim, mana, o confesso, assim lho digo.

SCE-

## SCENA IV.

*APRIGIO, JOFRE, INIGO, e os mesmos.*

APRIGIO.

AQui trago, Compadre, estes Senhores,
Ambos hum *non plus ultra* do Theatro:
São Musicos, Actores, Dançarinos,
Grandes Poetas; tudo ao mesmo tempo:
São dous tomos de rara miscelania.
Em ambos quiz mostrar a Natureza,
Que sabia fazer huma obra prima.
O Senhor Jofre, quando as arias canta
As almas arripia; calla os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!
Este vivo Bemól, este magano,
Nos lances amorosos, he hum pasmo!

ARTUR.

Ambos, bem me parecem: gentís moços!

JOFRE.

Sou antigo criado desta casa,
E Mestre da Senhora Dona Aldonsa;
Por tão honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

AR-

*ARTUR.*

Logo o Mestre sahio o mais esbelto!

*INIGO.*

Eu não posso allegar antiguidades;
Mas vou tambem na folha: Venturoso,
Se de applauso, e favor me vejo digno,
A pezar de não ter merecimento.

*ARTUR.*

Ambos discretos são.

*APRIGIO.*

Mais que discretos!
São os melhores Ciceros da Corte,
Capazes de prégar! Aqui o Amigo,
Hum Drama já compoz: logo o veremos.

*INIGO.*

Dize-me, Branca, que Affonsinho he este?

*BRANCA.*

He Padrinho da mana.

*ARTUR.*

O Senhor Jofre,
Quanto tempo ha q' ensina nesta casa?

*JOFRE.*

Ha já tres annos, pouco mais, ou menos.

ARTUR.

Com que tres annos ha, que nesta casa
Tem entrada o Senhor!

APRIGIO.

Ai, meu Compadre,
Tu cuidas q' inda tão alarves somos,
Como no tempo em que daqui te foste?
Já lá vão os biôcos Portuguezes;
Mourisca usança, barbaro ciume,
Que huma pobre mulher affeitohavia,
Quaes se guardão freneticos orates:
Ha gente mais feliz! Outros costumes
Adoptou a Nação, abrio os olhos.

ARTUR.

Eu cuido que os tapou.

BRANCA.

Que rabujento!

JOFRE.

A Deos, Senhor Aprigio.

ALDONSA.

Espera, Jofre.

JOFRE.

Que espere! Para que?

APRI-

*APRIGIO.*

Para tratarmos
Deste novo Theatro.

*JOFRE.*

Que Theatro?
Com este pregador mandas chamar-me
Para ouvir a missão de hum Carióca?

*ARTUR.*

Olhem lá se fe dóe da maradura.

*INIGO.*

Não desesperes, Jofre, tem prudencia.

# SCENA V.

*GIL, e os mesmos.*

*GIL.*

SEnhor Aprigio Fiscal, aqui venho
Cumprir as suas ordens.

*APRIGIO.*

Caro Amigo,
Homero Portuguez, Pindaro nosso,
Já cá te suspirava: vem comtigo
As Musas, vem as Graças.

GIL.

GIL.

Basta, basta:
Não estamos nós-outros os Poetas
A fartos elogios costumados:
Os mesmos que nos pedem hum Soneto
Para render a dama desdenhosa,
Ou os annos louvar de huma Abbadessa;
Depois de ter campado por discreto
Á custa de hum Poeta, sem vergonha,
Jurão, que são huns doudos os Poetas.

# SCENA VI.

*Braz, Monsieur Arnaldo, e os ditos.*

BRAZ.

AMigo Aprigio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, prático Architecto:
O Pozzi, Paradossi, e Bibiena
Traz alli no emicraneo; a Perspectiva
Na pineal lhe vellica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-arteria,
Hum Theatro magnifico levanta.

APRIGIO.

Viva, viva, Senhor Arnaldo: Agora
Que

Que eſtamos todos juntos, comecemos
A noſſa conferencia: venha a banca:
Voſſês não ouvem? Tragão mais cadeiras.

*ARTUR.*

Quero que a par de mim ſe aſſente Aldonſa.

*BRANCA.*

Queres q'eu fique cá da outra banda? *Para Inigo.*

*JOFRE.*

Para bem, para bem, Senhora Aldonſa.

*ALDONSA.*

Se tu ſouberas, Jofre....

*JOFRE.*

Bem entendo.

*INIGO.*

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

*BRANCA.*

Velho, e relho.

*APRIGIO.*

Sentemo-nos, Senhores:
Que grave Tribunal! Que mageſtoſo!
Mal ſabe o Mundo agora, que pendente
Deſte conclave eſtá o ſeu deſtino.
Oh quanto, amada Patria, quanto deves

A

A teu bom Cidadão Aprigio Fafes,
Suando, e tressuando por salvar-te
Do pélago profundo da Ignorância,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos Dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te sáco,
Qual sáca o Gandaeiro hum prégo torto
D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

*GIL.*

Senhor Aprigio Fafes, isto he tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

*APRIGIO.*

Sim, Senhor, sim, Senhor: o caso he este:
E bem o sabeis vós, ha quanto tempo
Que eu desejo fundar hum bom Theatro:
Agora que a Fortuna me depara
Feliz occasião de executallo
Com o favor, alli, de meu Compadre,
He preciso ajuntar a sarabanda,
Repartir os papeis, escolher obra,
As vistas idear, e celebrarmos
Com solemne escritura este contrato.

*GIL.*

Senhor Aprigio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem Dramas regulares? Huma boa,
E perfeita Tragedia, inda despida

Da

Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça, e mais força, q̃ hũ máo Drama
No Theatro de Reggio, ou de Veneza,
Com soberbas tramoias recitado.

*JOFRE.*

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O constante poder da Poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão, ou Dido
Do grande Metastazio, repetido
Entre velhas cortinas, sem orchestra?

*APRIGIO.*

Nada, nada, Senhores; desse modo
Aqui nos amanhece: todos juntos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continúa, meu Gil; dize o que entendes.

*GIL.*

Errado vai, quem julga que o Theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos Poetas foi achado.
Com mais alto designio, Athenas, Roma,
E outras Cidades mil, o recebêrão:
Póde nelle ensinar-se á Mocidade
Guardar as santas Leis; a fé devida
Á cara Patria, ao Principe, aos Amigos:
Póde nelle mostrar-se quanto he feio
O pállido semblante da Cobiça;
Da Avareza infeliz; da triste Inveja:

Mas

Mas para recolher tão grande fruto,
He necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sizuda dicção, em frase nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fabulas sublimes,
Tragedias, ou Comedias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'affeminada Musica moderna,
Na remendada frase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o Portuguez Theatro,
Desaggravando á casta lingua nossa
Dos aleivos, que sem razão lhe assacão.

*APRIGIO.*

Viva o Doutor Leinel, Doutor das Gentes!
Quem me dera q' o bom Goldoni ouvisse
Como ronca hum Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

*BRAZ.*

Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em metter-nos
No principio em camiza de onze varas?
Tragedia he cousa que ninguem atura:
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,
Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo

De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltão boas Operas, Comedias
Em Francez, Italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances:
Quem isto não fizer, já mais espere
Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.
He o voto que dou.

*APRIGIO.*

Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

*ARNALDO.*

Meus Senhores,
Venho ajustar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os Bastidores
He só o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De Vistas sobre Vistas; as tramoias,
Mares, incendios, Dragos, e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Theatro torvoadas,
Com raios, e relampagos tão proprios,
Que as damas desmaiavão: era hum gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericordia.

AL-

*ALDONSA.*

Negro gosto ! Quem póde divertir-se
Co' a pavorosa Scena de hum flagello ?

*BRANCA.*

Bom Architecto ! Magico parece.

*APRIGIO.*

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

*INIGO.*

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros ;
Actor de profissão ; isto me basta :
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De comigo tratar não se envergonha :
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei ; estou por tudo.

*ARTUR.*

O cão he Mouro.

*APRIGIO.*

Inigo, desabafa ;
Dize quanto souberes : falla, falla :
Es a columna do Theatro novo.

*INIGO.*

Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem Dança pouco vale ;

Muito menos ſem Muſica. Podia
Quem a gloria quizeſſe de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua Portugueza: eu aqui trago
Huma por mim compoſta neſte goſto.
He a perda de Troia: vê-ſe Eneas
Sahir c' o Pai ás coſtas: vai Aſcanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a Cidade: cahem as altas torres:
Embarca a gente Frigia: muitos annos
Por inhoſpito mar andão vagando,
Até que ſurgem no diſtante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,
E caſa com Lavinia.

*APRIGIO.*

Bravo! Bravo!

*INIGO.*

Tem varios dúos, árias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metaſtazio.

*BRANCA.*

Agora ſigo-me eu.

*APRIGIO.*

Eſpera, Branca.
Perdoa, amigo Joſre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido
Por engano ficaſte; e bem podias
Pedir a tua vez. Perdoa, e falla.

*JOFRE.*

Em tal não reparei: eu sou sincéro,
Digo o que entendo; e cuido q' o Theatro
Sem Musica, e sem Dança, nada vale:
Ha cousa mais formosa, que a ligeira
Callada Pantomima, cujos géstos,
Sem auxilio das vozes, representão
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectaculo, que os leves
Grandes saltos mortaes? Que ver nos áres
Bater c' os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em Portuguez, toda cantada:
Para tanto não he a lingua nossa:
Algumas árias, dúos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Theatro nós não temos verso.

*APRIGIO.*

Fallas como hum Catão. Que dizes, Branca?

*BRANCA.*

Eu sou de parecer, que só se fação
As Portuguezas Operas impressas:
*Encantos de Medêa*; *Precipicios*
*De Factonte*; *Alecrim*, *e Mangerona*:
Em outras nunca achei galantaria.

APRI-

APRIGIO.

Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Artur, que te parece?

ARTUR.

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes Senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando Congonha, me atordião
Co' a fabulosa illustre descendencia
De seus claros Avôs, que de cá forão
Em jaléco, e ceroulas. Mas pergunto:
As Comedias de Calderon, Mureto,
Candâmo, e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes, e os Marquezes, q' as ouvião
Com gosto, e com prazer, erão huns asnos?
Só estes, meus Senhores, tem juizo?
Que Colombos, e Gamas denodados,
Para achar novos Climas, novos Máres!
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa
For de contrário voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idêas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

APRIGIO.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

AL-

ALDONSA.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

GIL.

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis, e regras do Theatro.

ALDONSA.

Não accito a lisonja; porém digo,
Q'em fim approvo quanto tu votaste.

APRIGIO.

Eu que tenho dous votos, digo o mesmo.

ARTUR.

Acabou-se a questão; vivamos todos.

APRIGIO.

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

GIL.

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

APRIGIO.

Nada de Grego, nada; fóra, fóra:
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinhão
Os lances amorosos de que gosta
O povo Portuguez.

GIL.

*GIL.*

Queres a *Caſtro*,
Tragedia do Ferreira?

*APRIGIO.*

Deos me livre!
Amigo Gil Leinel, eu deſejava
Hum Drama teu: conheço neſſes olhos
A ſuave ternura de teus verſos.

*GIL.*

Pois, Amigo, encetemos o Theatro
Com a minha *Iſigenia*.

*APRIGIO.*

Bello nome!
Iſſo he que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras, nas eſquinas
Ha de peſcar curioſos a cardumes.
Repartão-ſe os papeis; vamos a iſſo.

*GIL.*

Iſigenia, ſerá Aldonſa bella.

*ALDONSA.*

He extenſo o papel?

*GIL.*

Não; he pequeno.
O Senhor Jofre ſeja Achiles: ſeja....

*AR-*

ARTUR.

Efpere ; tenha mão , Senhor Poeta ;
Veja como reparte effas garròchas ,
O primeiro Galan a mim me toca.

GIL.

Não póde fer , Galan ; has de fer Barbas.

ARTUR.

Eu Barbas ! Eu que emprefto o meu dinheiro !

GIL.

E que tem o dinheiro co' a figura ?
Hum velho nunca póde fer mancebo ?

ARTUR.

Senhor Poeta Gil , faça-me graça ,
E ponha-fe na rua. *Levantão-fe todos.*

APRIGIO.

Artur. . . . Amigo . . . .
Onde eftá a prudencia deffes annos ?

ARTUR.

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama* ;
Aldonfa , não a largo ; tenho dito.

JOFRE.

Que tal , Senhora Aldonfa ?

AL-

ALDONSA.

Escuta, Jofre.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer: quer ser Achilles?

BRAZ.

Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,
Que isto não pára aqui.

ARNALDO.

He gente douda.
*Vão-se os dous.*

## SCENA VII.

*Todos, menos os dous.*

APRIGIO.

OH Paz, serena Paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar incarniçado.
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!

ARTUR.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,

Po-

Poeta bordalengo, desfraudar-me
D' ametade de mim! Fóra c' o talho!

*INIGO.*

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

*GIL.*

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injúrias.

*ARTUR.*

A Deos, Senhor Poeta; faça versos
A's moças do seu bairro; não se metta
A Padre Cura de outra Freguezia.

*GIL.*

Senhor Artur Bigodes, fallaremos. *Vai-se.*

## SCENA VIII.

*Os mesmos, menos Gil.*

*JOFRE.*

A Deos, ingrata Aldonsa.

*ALDONSA.*

Ouve-me, Jofre.

JOFRE.

Náo venho do Brazil; eu cá ſou pobre.

BRANCA.

A mana náo tem culpa: crê-me, Jofre.

ARTUR.

Senhor Meſtre de Solfa, vá-ſe embora,
Que eſta menina toma agora eſtado,
E vai ſenhora ſer da ſua caſa.

INIGO.

Branca, o Mineiro cuida que eſta caſa
He cenzala, ou poſſilga de crioulos.

BRANCA.

Aſſim convem, aſſim melhor ſe encrava.

APRIGIO.

Amigo Artur, as noivas náo coſtumáo
Os Meſtres deſpedir: leváo comſigo
Cravo, livros de Solfa. O Meſtre attento
Vai logo no outro dia viſitalla.

ARTUR.

Se for a minha caſa, hei de partillo.

JOFRE.

Sim, barbas lhe deo Maio. A Deos, Aprigio.
*Vai-ſe.*

AL-

*ALDONSA.*

Infausta sêde de ouro, a quanto obrigas
A cara liberdade! O puro affecto
A duro captiveiro hoje condemnas!

*ARTUR.*

Amigo Aprigio Fafes, de Theatro
Bem te podes deixar; assás nos bástão
Os Theatros, que temos em Lisboa:
Nem tudo ha de ser Operas, ou Comedia.
Eu caso com Aldonsa, e dóto Branca:
O noivo, lá o busca; pois conheces
Os Bonifrates de chapéo pequeno,
De rabicho, e casacas estiradas,
De que gostão as moças deste tempo.

*APRIGIO.*

Alli Inigo está, que para Genro
Deseja de comprallo a mesma Thetis.

*INIGO.*

Que ventura maior! Branca, que dizes?

*BRANCA.*

Bem sabes o que posso responder-te,
Se de antigos extremos não te esqueces.

*APRIGIO.*

Inda o Fado não quer, inda não chega
A Epoca feliz, e suspirada,

De

De lançar do Theatro alheias Musas,
De restaurar a Scena Portugueza.
Vós Manes do *Ferreira*, e de *Miranda*:
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalárão o berço, e te gravárão
Na honrada campa o nome de Terencio;
Esperai, esperai, q' inda vingados,
E soltos vos vereis do Esquecimento.
Illustres Portuguezes, no Theatro
Não negueis hum lugar ás vossas Musas:
Ellas, não as alheias, publicaráõ
De vossos bons Avôs os grandes feitos,
Que eternos soaráõ em seus Escritos:
E podeis esperar paga tão nobre,
Se detestando parecer ingrato,
Lhe defenderdes o Paterno Ninho,
E quizerdes com honra agazalhallas.

# ASSEMBLEA,

OU

PARTIDA.

DRAMA.

# ACTORES.

BRAZ CARRIL.

D. URRACA AZEVIA, *Mulher de Braz Carril.*

JOFRE. }
D. DULCE. } *Filhos dos ditos.*
D. BRANCA. }

JACOB BILHOSTRE.

GASPAR PICOTE.

GIL FUSTOTE, *Compadre de Braz Carril.*

DOUTOR MUCONIO, *Medico.*

D. MAFALDA, *sua filha.*

FLORESTÃO, *Escudeiro.* } *de Braz*
LOURENÇA, *Criada.* } *Carril.*

Hum Alcaide.

Hum Escrivão.

Dous Gallegos.

*Prostaticas.*

Jogadores, e convidados.

Damas convidadas.

Quadrilheiros.

A Scena representa a casa de Braz Carril.

SCE-

# SCENA I.

*BRAZ CARRIL, e GIL FUSTOTE.*

*BRAZ.*

Ntendes, Gil Fustote, o que te digo?

*GIL.*

Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em casa terás, ou Assembléa;
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares, e merendas são o fruto
Da reloucada teima de Fidalga
Com que tua mulher sagaz te enfeixa,
Ou te embrulha na rede em que pernêas:
Compaixão grande, compaixão me deves.
Partidas! Assembléa! Que mania!

*BRAZ.*

E chamas tu mania, Gil Fuſtote,
O viver, como vive a gente ſéria
Hoje em Lisboa? Grandes, e pequenos
Todos querem gozar das ſans delicias,
Do ſuave prazer da Companhia.

*GIL.*

Sem eſſes bons prazeres, e delicias
Noſſos Avôs, e noſſos Pais vivêrão
Fartos, alegres, ricos, e contentes.

*BRAZ.*

Ora já que trazião retorcidos
Os grizalhos bigodes; eſtirada
A eſqualida guedêlha: no peſcoço
Creſpas golilhas: gorra na cabeça;
As calças retalhadas, e pantufos;
Não tragas tu caſaca, e cabelleira,
Nem ates com fivelas os çapatos.
Mudão-ſe os tempos, mudão-ſe os coſtumes.
Não vês no frio Inverno ao tronco annoſo
Cahir-lhe as murchas cans, e quando torna
A freſca Primavera, verdejarem
Cobertos de mil folhas novos ramos?
Aſſim as modas são, aſſim os uſos:
E devemo-nos todos ſujeitar-nos
A tão perpétuas leis da Natureza.

GIL.

*GIL.*

Amigo, amigo, eſtás perdido.... Doudo.

*BRAZ.*

Com os olhos abertos.

*GIL.*

Não to invejo,
Nem quero governar a caſa alheia:
Fica-te em paz com tuas Aſſembléas,
Podes ſem mim fazer a Synagoga.

*BRAZ.*

Caro Fuſtote, eſpera que não poſſo....

*GIL.*

Eu não canto, nem ſou árreberrinho:
Pouco góſto de Chá, menos de Jogo:
Falta cá não farei: a Deos, Amigo.

*BRAZ.*

Eſpera, eſpera, podes divertir-te,
Ouvindo duas árias, tomos doce,
E doce delicado, ſe quizeres.

*GIL.*

Não caio neſſe anzol.

*BRAZ.*

Meu Gil Fuſtote,

Eſpera, eſcuta....

*GIL.*

Dize, que mais queres?

*BRAZ.*

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque eſtou ſem real: olha em que dia!

*GIL.*

Pois a perpétua lei da Natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gaſto?

*BRAZ.*

Amigo Gil Fuſtote, eu pouco peço;
Dá-me, ſe quer, ſeis mil e quatrocentos:
Acode-me; e conforme o noſſo ajuſte
Sete e duzentos, lançarás na conta.

*GIL.*

Seis mil e quatrocentos! Quem mos dera!
Não me pagão tão bem os teus foreiros;
E a divida vai já de foz em fóra.

*BRAZ.*

Oito mil reis porás.

*GIL.*

Iſſo he perder-te.

*BRAZ.*

*BRAZ.*

Qual perder-me.

*GIL.*

Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto. . . Toma . . . escuta:
Eu chamo a Deos dos Ceos por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas q' accrescente
A' nossa conta, he dado, e não por força,
Sim de livre vontade. A Deos, amigo,
Que vou vestir-me, e logo tórno. *Vai-se.*

## SCENA II.

*Braz sómente.*

*BRAZ.*

TEnho
Para sequilhos, chá, café, e cartas;
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da Senhora,
Que he fonte limpa. Dona Urraca . . . Urraca . . .
*Cantando.*

SCE-

## SCENA III.

### *BRAZ, e URRACA.*

*URRACA.*

ASsim se chama, Braz, huma Fidalga?

*BRAZ.*

Perdoa, filha, que hoje não me lembro
Nem de Excellencias, nem de Senhorias:
Mandando á via estou a não ronceira
Com vento escasso, e com estofas aguas.

*URRACA.*

O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.

*BRAZ.*

Que vens a dizer nisso? Que me esqueço
De etiquetas, mesuras, ceremonias,
E mais ritos, e leis da fidalguia,
Com que queres Urraca ser tratada?
Ou entendes, que meus Progenitores
Descendem de outro Adão, e que não forão
Por seus honrados feitos estimados,
Bons Vassallos fieis, e servidores?

UR-

*URRACA.*

Tem bem que ver Carris, com Azevias
Por linha masculina descendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos costados
Tem mitras, e roquetes!

*BRAZ.*

Basta, basta!
Senhora, Excellentissima Senhora, *Fazendo-lhe*
Dona Urraca Azeyia! Mas menina, *muitas cor-*
Vamos ao caso: falta para a noite *tezias.*
Dous arrateis de vélas... Eu não posso....

*URRACA.*

Queres, já sei, pregar-me esse callote.

*BRAZ.*

Não he callote o que pagar prometto.

*URRACA.*

Quando tiverem dentes as gallinhas;
Mas para que conheças que não falto
Quanto he preciso, mandarei buscallos.

*BRAZ.*

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiçaes, pratos, bandejas:
Querer dar Assembléas, e Partidas,
He nadar sem bexigas.

UR-

URRACA.

Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com huma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade;
E como galgo em trela cubiçoso
De entrar nas algibeiras de Fidalgos,
Para brilhar com pompa, e luzimento
Em ricas mezas, em custosas galas.

BRAZ.

Ah, Vossa Senhoria, ou Excellencia,
He perdida entre nós: que sã doutrina,
Que politicas maximas do Estado,
Cahindo não lhe estão por entre os dedos.
Que florente não fora o vasto Imperio
Das fulas Amazonas, se o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre.

URRACA.

Só me julga capaz de mandar gente
Tão cafara, e boçal? Negros, Tapuias?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se fosse outra qualquer dessas que campão
Por Letradas, que gostão de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem, se lhos fazem,
Dessas....

SCE-

## SCENA IV.

*Hum* GALLEGO *com huma teiga, e os mesmos.*

GALLEGO.

AQui, Senhor, manda meu Amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede,
Vem oito castiçaes; diz que tisoura
He traste que não tem, menos de prata;
Que virá a seus pés, como lhe ordena,
Que sempre estimará poder servillo.

BRAZ.

Vai-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi, que fica entregue.

*Vai-se o Gallego.*

## SCENA V.

BRAZ, *e* URRACA.

BRAZ.

VEjamos que taes são. Oh lá! Soberbos!
Que fécia, minha Urraca! Estás contente?

UR-

URRACA.

Nunca vi castiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalárão?
Que nasci n' hum curral?

BRAZ.

Não digo tanto;
Mas olha, são magnificos, e novos.

URRACA.

Na verdade são bons, mal empregados
Em casa, onde bastava huma candeia;
E talvez que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia ao Remulares
Na fetida baiúca.... Mas o tempo....

## SCENA VI.

*Outro* GALLEGO *com teiga, e os mesmos.*

GALLEGO.

AQui manda o Senhor Gaspar Picote
Açucareiro, bulle, e cafeteira
Com tres duzias de chicaras, e pires,
Que sente não ter mais; e fica prompto
Para a vossas mercês servir em tudo.

*URRACA.*

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto! *Irada, e*
Atrevido, insolente, vai-te embora, *furiosa.*
Tu não sabes fallar? Dize a teu amo
Que te mande ensinar: logo pareces
Criado de Villão....

*BRAZ.*

Urraca, Urraca....

*URRACA.*

Tolo, tolo! E pertendes que tolere
Semelhante dizer? Foras tu outro,
E souberas melhor desaggravar-me.
Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que vingar saberá tamanha offensa. *Vai-se.*

## SCENA VII.

*GALLEGO, e BRAZ CARRIL.*

*GALLEGO.*

A Senhora está douda? Coitadinha.

*BRAZ.*

Vai-te, rapaz, a Deos, vai-te de pressa,
Não te venha pregar alguma surra.

GAL-

*GALLEGO.*

A mim! Senhor, porque?

*BRAZ.*

Çafa-te, foje.
*Vai-se o Gallego.*

## SCENA VIII.

*JOFRE, URRACA, FLORESTÃO, LOURENÇA, e BRAZ.*

*JOFRE.*

MAroto... Patifão... Villão... Gallego...
Atrevido... Infolente... *Correndo todo o Theatro.*

*BRAZ.*

Oh lá, que he ifto?
Jofre, não ouves? Onde vais?... Efpera. *Correndo atrás de Jofre.*

*JOFRE.*

Efte Villão ruim, ladrão, patife...

*URRACA.*

Mata, filho, mata. A ferro, e fogo
Affolárão teus inclytos maiores
Tetuão, Azamôr, Tângere, Arzilla.

*FLO-*

FLORESTÃO.

Mate, Fidalgo, mate esse Gallego
Seja David, do sordido Golias. *Com huma tisoura.*

BRAZ.

Tem mão, tem mão. *A Jofre.*

JOFRE.

Senhor, deixe-me.

URRACA.

Mata.
Mata, meu filho, mata.

FLORESTÃO.

Morra, mate.

BRAZ.

A quem, a quem? *Enfadado.*

JOFRE.

Villão...

URRACA.

Filho....

FLORESTÃO.

Fidalgo....

LOU-

*LOURENÇA.*

Mate....

*BRAZ.*

Tem mão, oh lá! Jofre, que fazes? *Pégalhe no braço.*

*LOURENÇA.*

Com a pá de varrer nesta batalha
A forneira serei de Aljubarrota. *Dando em Jofre.*

*BRAZ.*

Não ouves, marotão? Anda patife. *Dá-lhe.*

*URRACA.*

Villão....

*FLORESTÃO.*

Fidalgo.

*URRACA.*

Assim se trata hum filho,
Descendente de heroes?

*FLORESTÃO.*

Fidalgo. *Sustendo a Braz.*

*LOURENÇA.*

Dalgo.

*FLORESTÃO.*

Vossa Excellencia, Vossa Senhoria....

SCE-

## SCENA IX.

*JACOB, e os ditos.*

*JACOB.*

A Partida por Entremez começa?
Senhora Dona Urraca.... Amigo, amigo.

*BRAZ.*

Senhor Monsieur Bilhostre, este magano...

*URRACA.*

Senhor Bilhostre, hum filho meu... Fidalgo
Descendente do grande Lancerote
Que a Barbasrôxas arrancava as barbas,
Que arrastou pelos sordidos cabellos
Solimões, Mustafas, e Mafamedes,
Não devêra seu Pai injuriallo,
E na minha presença.

*BRAZ.*

Mas que injúria?

*URRACA.*

Não he injúria dar-lhe bofetadas?
Alma fidalga de meu Pai, que gozas
No Empyreo ao menos do lugar de Duque,
Co-

Como não desces a vingar tamanha,
Tão desmedida affronta?

*JACOB.*

Não, Senhora,
O castigo de hum Pai não he injuria.
Mas, Senhores, o dia de partida,
Hum tão solemne dia, não he dia
De arruidos, de rixas, e disputas:
Em Londres, em Pariz, Parma, e Veneza
Estes bons dias são em todo o Mundo
Ao prazer, e socego dedicados.
Solto, e mil farpas de ouro despedindo
Anda voando Amor nas Assembléas,
E qual sonora abelha em lindas flores
Bebe o suave nectar nos formosos,
E triumfantes olhos das Madamas,
Com que ferozes corações abranda,
D'homens os mais austéros, e sizudos.

*BRAZ.*

Muito bem me parece: pazes, pazes.
Leva a teiga dahi: ouves, Lourença?

*URRACA.*

Que pertendes, meu Jofre?

*JOFRE.*

Huma arrecada,
Que me cahio da orelha: e tenho sangue.

*Apalpando-a.*

*BRAZ.*

BRAZ.

Huma orelha?

FLORESTÃO.

Não, Senhor, hum brinco.

URRACA.

Busca, Lourença.

LOURENÇA.

Hum ... dous ... tres, e argollinha

*Brincando, e cantando.*

Eila ... não ... finca pé de pampollinha. * *Parando.*

FLORESTÃO.

Eila, Fidalgo. Alviçaras, Fidalga.

BRAZ.

Ora está bem, Senhora, vá vestir-se:
Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;
E tu vai, Florestão, comprar o doce.

URRACA.

Com licença, Senhor. *Fazendo huma mesura, vai-se.*

JACOB.

Minha Senhora.

JOFRE.

Quem ha de pentear-me, se vais fóra?

*FLORESTÃO.*

Se me manda seu Pai.

*BRAZ.*

Não, não, primeiro
O podes pentear.

*FLORESTÃO.*

Vamos, Fidalgo.

*JOFRE.*

Vamos de pressa, Florestão, que he tarde.
*Vão-se.*

## SCENA X.

*JACOB BILHOSTRE, e BRAZ CARRIL.*

*JACOB.*

HOje, Senhor Carril, vinha mais cedo
Para metter em ordem de batalha
As mezas, e cadeiras: todos fallão
Em Partida, Assembléa: poucos sabem
As regras da importante symmetria,
Com que se deve preparár a sala,
Que serve para hum acto tão vistoso;
Po-

Porém vejo que tudo está já prompto,
Tudo no seu lugar.

*BRAZ.*

Falta-me a cera,
Acabou-se o dinheiro.

*JACOB.*

Eu pouco trago:
Bastará hum quartinho?

*BRAZ.*

Basta, basta:
Eu lhe mando já vir as raparigas.

*JACOB.*

Muito bom Cravo.

*BRAZ.*

He do Doutor Muconio,
Daquelle Corifeo da Medicina.

*JACOB.*

Elle vem cá?

*BRAZ.*

Espero que não falte.

*JACOB.*

Sua filha virá?

*BRAZ.*

Foi convidada.

*JACOB.*

Venha com Deos.

*BRAZ.*

Eu cuido que me chamão.

## SCENA XI.

*JACOB, BRAZ, DULCE, e DONA BRANCA.*

*DULCE.*

VÁ de pressa, meu Pai, que he lá preciso.

*BRAZ.*

Que falta lá?

*DULCE.*

Dinheiro para açucar. *Vai-se Braz.*

*BRANCA.*

Boa tarde, Senhor Jacob Bilhostre.

JACOB.

Senhora Dona Branca, boa tarde.
Minha Dulce, meu bem, minha Senhora.

DULCE.

A Pedro donde vem fallar Gallego?

JACOB.

Do coração, do coração rebenta
O vezuvio de fervidos suspiros,
Com que humilde, captiva a liberdade,
Ante esses lindos olhos ajoelha.

DULCE.

Não me falle em Latim, que não entendo.

JACOB.

Entendes bella Dulce, bem me entendes,
Estas as frases são, com que se explica
Huma alma tão discreta que te adora.

DULCE.

O bem que representa! Logo mostra
Que a filha do Doutor soube ensaiallo.

JACOB.

A filha do Doutor?

DULCE.

Dona Mafalda.

*JACOB.*

Se eu, Branca, lhe fallei....

*BRANCA.*

Eu, que me importa.

*JACOB.*

Escuta, minha Dulce....

*DULCE.*

He mui formosa!

*JACOB.*

Aqui de cumprimento....

*DULCE.*

Mui discreta.

*JACOB.*

Se fui a sua casa....

*DULCE.*

Que bem canta!

*BRANCA.*

Dança muito melhor!

*JACOB.*

Porém, Senhoras....

*DUL-*

DULCE.

Tem bom dote.

JACOB.

Mas eu....

BRANCA.

O Pai he rico.

JACOB.

Escuta, minha Dulce,....

DULCE.

Eu não sou sua.
Da formosa Mafalda he só vassallo,
Esse perdido coração infame;
Tudo, tudo já sei.

JACOB.

He tudo engano.
Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,
Nunca mais a meus olhos esclareça
O vivo, e gentil lume que amanhece
Em teu semblante angelico; troando
Em vermelhos coriscos se converta,
Caia, fulmine, assombre, despedace
Alma, vida, sentidos, pensamentos,
E o fido coração onde tu reinas
Deixe a teus pés de lagrimas banhados
Entre pizadas cinzas palpitando.

DUL-

*DULCE.*

Branca, não lhe resisto.

*BRANCA.*

... Eu me estremeço:

*JACOB.*

Dulce, minha Senhora, Dulce amada,
Ah! não fujas, escuta, ouve-me, espera,
Ao menos me permitte o desafogo
Daquella mão beijar por despedida;
A cujo acêno o mesmo Amor se humilha.
E que de Amor o arco retorcido
Enristadas as fréxas estridentes
Mirou ao fraco peito que anhélava
De teus soberbos olhos ser ferido.
Bem me viste cahir, Dulce, bem viste
Do roto coração o sangue quente
Fumegando brotar, e em crespos rios
Alagar a campanha que pizavas,
Os miseros despojos arrastando.

*DULCE.*

Oh que fracas nós somos! Pois nos rende,
Nos encanta, e captiva a liberdade
O doce som d' umas sonoras vozes,
Que raras vezes, Mana, percebemos.

*BRANCA.*

As que de versos gostão, não resistem

A'

A' buena dicha d'um Poeta amante.

*JACOB.*

Dulce, formosa Dulce! Dulce ingrata,
Se minhas tristes queixas não entendes,
Entende, entende as lagrimas que choro:
Olha, vê c'os teus olhos, em meus olhos
Brilhar o vivo fogo, com que abrazas
Huma alma, que só vive de querer-te.

*DULCE.*

Branca, não posso . . . . Mórro.

*BRANCA.*

Choras, Dulce?

*DULCE.*

Basta, basta Jacob, em fim venceste.
De tão fiel rendida vassallagem
Não quero desprezar o sacrificio;
Mas ouve a dura lei, se me promettes
Observalla com animo constante.

*JACOB.*

Pela luz dos teus olhos o prometto.

*DULCE.*

Vê o que dizes, nunca mais a casa
Tornarás de Mafalda.

*JACOB.*

Assim o juro,
Dulce, minha Senhora.

## SCENA XII.

*GASPAR PICOTE, e os mesmos.*

*PICOTE.*

Boa tarde,
Senhora Dona Dulce: minha Branca,
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo nesta casa
Os polidos costumes estrangeiros.
Graças a Deos, que temos Assembléa,
Que já temos Partida, que podemos
Sem pejo conversar, que rir podemos
Sem receio dos olhos assustados,
Com que a Senhora Dona Urraca altiva,
Inda mais que ciósa, pertendia
Espantar os lindissimos Amores,
Que em torno do seu rosto andão voando.

*BRANCA.*

Isto he Comedia, Dulce; trazem ambos
Os papeis estudados.

*DULCE.*

Eu te creio.

*BRANCA.*

Imaginas, Senhor Gaſpar Picote,
Que iſto he caſa de baile? Inda não ſabes
Que peſſoas da noſſa qualidade....

*PICOTE.*

Já vejo, ſão de pedra, ſão de bronze:
E em vez de alvos, de cryſtallinos peitos,
Trazem arnezes d'aço, e diamante,
Onde de balde rompe Amor as ſettas.

*BRANCA.*

Não o diga zombando, póde crello.

*PICOTE.*

Santas Paſcoas; mas iſto de Partida
He a feira da Gualva, onde ſe eſcolhe:
Logo virão Pelouros, branda cera,
Que com mui pouco lume ſe derrete.

*DULCE.*

Lé com lê, cré com cré.

*PICOTE.*

Amor he cego,
E nunca ſoube ler Genealogias.
Dize, Branca; virá Dona Mafalda?

BRAN-

*BRANCA.*

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

*DULCE.*

Tu chóras, Branca?

*BRANCA.*

Chóro, Dulce, chóro
O negro fado, a minha desventura,
Que a querer-me forçou com tanto extremo
Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato.

*PICOTE.*

Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato,
Palavras são de Amor, e de quem ama;
Mas tão grande Senhora, e tão fidalga
Não póde ter amor, amar não deve,
Que desta vil paixão nasceo izenta.
E dous milhões de Avôs, que não farião,
Se sonhassem que a Neta namorada
Maculava a prosapia generosa,
Acolhendo os suspiros de hum amante,
Que ao certo não se sabe se descende
De Abel, ou de Caim. Melhor me fora
Remar n'uma Galé, qual outro Orestes
Das veneraveis Furias avexado
Me víra em toda a parte perseguido
De finados Heroes, sombras illustres.

*JACOB.*

Caro amigo Picote, basta, basta,
Estes arrufos são de namorados.
Mas hoje não he dia....

## SCENA XIII.

*Jofre, e os ditos.*

*JOFRE.*

Meus Senhores,
Meu Jacob, meu Gaspar, caros amigos....
Mas pára, carruagem; foi á porta....
Será Dona Mafalda.... Com licença.
Vou abaixo buscalla, e dar-lhe o braço. *Vai-se.*

*PICOTE.*

Perdoa, minha Branca.

*BRANCA.*

Ahi vem Mafalda,
E não vais recebella?

*PICOTE.*

Não, Senhora.

SCE-

## SCENA XIV.

*Jofre, Mafalda, Urraca, e os ditos.*

*MAFALDA.*

NÃo pude vir mais cedo, Senhor Jofre.

*JOFRE.*

Quando a Aurora apparece, sempre he cedo.

*BRANCA.*

Eu aqui venho já c' a minha Dama.

*URRACA.*

Minha linda Mafalda, quanto estimo
Que venhas divertir-te, e divertir-nos.

*BRAZ.*

O Doutor não virá?

*MAFALDA.*

Teve recado
Para ir a huma junta; mas vem logo.

## SCENA XV.

*Gil Fustote, Lourença, Braz, e Florestão.*

*GIL.*

ORa vejamos isto de Assembléa
Em que vem a parar.

*BRAZ.*

Que te parece,
Amigo Gil Fustote? Não te agrada
Tão sincéra alegria?

*GIL.*

Agrada, agrada.

*BRAZ.*

Não ha maior prazer, que a companhia.

*GIL.*

Té o lavar dos cestos he vendima.

*BRAZ.*

Lourença, Florestão, venhão cá todos,
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

LOURENÇA.

Trarei os castiçaes, ou candieiro?

BRAZ.

O Candieiro, tolla. Vélas, vélas.

LOURENÇA.

Sem castiçaes?

BRAZ.

Com castiçaes. Que burra!

LOURENÇA.

Temos sepulcro. *Vai-se.*

FLORESTÃO.

Cuido que he charola. *Vai-se.*

## SCENA XVI.

*Braz, Jacob, Gaspar Picote, Jofre, Gil Fustote, Mafalda, Dulce, Branca, e Urraga.*

BRAZ.

Eia, Senhores, vamos, comecemos
A famosa Partida, haja fandango,
Alegria, brinquemos, alegria;

Eó-

Fóra huma cá se lance, fallem, fallem:
Minhas Senhoras, dancem, cantem, rião:
Fóra, fóra daqui as ceremonias.
Allon, sentar, sentar sem precedencias,
Venha chá, venha doce, venhão cartas,
Joguem, e ralhem, gritem, descomponha
O praceiro ao praceiro, he desafogo,
Que foi sempre a quem perde concedido.
Senhor Bilhostre, a boa Poesia
A pezar de Platão, e de seiscentos,
Que nunca o lêrão, seu lugar merece:
Venha mote, lá vai, lá vai, ouçamos.

*JACOB.*

Amigo Braz Carril, a Poesia
Não he Adufe, Gaita, nem Viola,
Que tanja cada qual quando lhe agrada;
Logo, logo será.

*PICOTE.*

Ao Cravo, ao Cravo,
As Senhoras cantando nos inspirão
Versos das Musas, e de Apollo dignos.

*JOFRE.*

A Senhora Mafalda principie.
Já pezados nas azas os Amores
Estão co' a boca aberta para ouvilla,
E os estrondosos ventos enclaustrando
Eolo amarra o Odre, porque teme
Que tão doces angelicos accentos

Varrendo os mansos ares lhe desmanchem.

MAFALDA.

Isso, com pouco mais, era hum Soneto.

DULCE.

E dos da moda.

PICOTE.

O Prologo he já grande.
Vamos, que o tempo voa.

BRAZ.

He certo, he certo;
Senhores, attenção: fallem calados:
Vá, sente-se, Senhora Mafaldinha.
Mas espere; a Cantata de Dido ha de
Ser recitada: Seja em pé. Ouçamos.

MAFALDA.

Inda mais essa?

BRAZ.

Faltão bastidores,
Cuidarei no Theatro pouco a pouco.

CAN-

# CANTATA.

## MAFALDA.

JÁ no rôxo Oriente branqueando
As prenhes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos Ventos se escondiáo.
A miserrima Dido
Pelos Paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em váo procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta;
Com medonho fragor na praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piáo nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com débeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas vio esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho

Em pélagos de sangue, converter-se.
Frenetica delira;
Pállido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com trémulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostrárão
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobrião
O lustroso pavêz, a Teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A Lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito:
E em burbutões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da sala as Doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se;
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvirão.

Do-

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os fados,
Em quanto Deos
O consentião.
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice.
Assás viveo;
D'alta Carthago
O muro ergueo:
Agora núa,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte,
A negra veia
Surcando vai.

*BRAZ.*

Bravo, bravo!

*DULCE.*

Que viva!

*JACOB.*

Bravo!

*BRANCA.*

Viva!

*URRACA.*

Excellente Cantata!

*PICOTE.*

Bella, nobre!

*JACOB.*

A Musica he sublime!

*JOFRE.*

A Poesia
Náo he menos suave, e na verdade
Póde calçar o Tragico Cathurno.

*MAFALDA.*

He do Senhor Bilhostre.

*BRANCA.*

Viva, viva!

*DULCE.*

He do Senhor Bilhostre?

JA-

*JACOB.*

Sim, Senhora.

*DULCE.*

Fella para a Senhora?

*JACOB.*

Não, Senhora.

*MAFALDA.*

Não, minha Dulce.

*DULCE.*

Basta, já percebo.

*BRAZ.*

Seguem-se versos, cantem os Poetas
Com plectro de marfim em Lyras de ouro.

*JOFRE.*

Lá vai.

*BRAZ.*

Tu o primeiro?

*URRAÇA.*

Tu Poeta?

## SONETO.

*JOFRE.*

NÃo menti, não, se disse q'os Amores
Estavão no ar suspensos, esperando
Que tua voz divina modulando
Aplacasse dos Ventos os furores:
Ergue, Mafálda, ós olhos vencedores,
Vêllos-hás para aqui andar voando,
E os retrocidos arcos affrouxando
Largar das tenras mãos os passadores.
Não vês o fulvo Téjo c' o Tridente
Os cavallos azues estar detendo
As levantadas ondas reprimindo?
Se isto sente Mafalda, quem não sente,
Que não sentirei eu, ouvindo, e vendo
Tua angelica voz, teu rosto lindo?

*MAFALDA.*

Bello, sublime!

*JACOB.*

Viva!

*BRAZ.*

Bravo, bravo!

*PICOTE.*

Que viva, Senhor Jofre!

*JOFRE.*

Basta, basta.

*URRACA.*

Tu Poeta, meu Jofre? Coitadinho!

*PICOTE.*

E que máo he, Senhora, ser Poeta?

*URRACA.*

De frenezi tão louco imaginava
Que só pobres, villões, adoecião;
E teus grandes Avôs, q' erão illustres,
Sabião de cavallos, não de livros.

*BILHOSTRE.*

Serião excellentes Alveitares.

*DULCE.*

Poetas, nunca achei nos Nobiliarios.
Antes Mouro, ou Judeo.

*BRANCA.*

Dulce, estás douda?

*JACOB.*

Que ha de ser, se eu compuz o recitado.

BRAZ.

BRAZ.

Victor sério, Senhores; versos, versos.

DULCE.

Queres que todos só de versos gostem,
He perverter as leis da Natureza.

JACOB.

*He perverter as leis da Natureza.*

## SONETO.

SE tuas longas azas despregando
De negras louras plumas estofadas
Atrás das leves horas apressadas
O bom dia q' espero vem voando:
 Como te estás, ó Tempo, demorando
Nestas só de desgosto prolongadas:
Já que vierão tão acceleradas,
Co' a mesma pressa deixas ir passando.
 Mas eu cuido que a scena lastimosa
De meus males te deixa suspendido,
Ou perdes só comigo a ligeireza.
 Ah! foge de Tragedia tão pasmosa,
Que mostrar-te huma vez enternecido
*He perverter as leis da Natureza.*

DUL-

*DULCE.*

Viva!

*PICOTE.*

Bonito!

*BRAZ.*

Deo-me c' os pés n'alma!

*URRACA.*

Nem o Soneto os tem, nem tu Amores.

*BRAZ.*

O Soneto tem pés, amor eu tenho.

*URRACA.*

Insolente, traidor, tu imaginas
Que ter hum velho amor, não he tontice?

*PICOTE.*

*Que ter hum velho amor, não he tontice.*

SO-

## SONETO.

ESTavão as tres Graças penteando
O cabello subtil de Amor hum dia,
Qual c' o marfim Assyrio lhos abria,
Outras andão mil gemmas preparando.
Amor, como rapaz, de quando em quando
Co' a dourada cabeça lhe fogia;
Porém vê q' Eufrosina se sorria,
Porque Aglauro lhe está as cans tirando.
O menino pasmado vê no espelho
Por entre os anneis de ouro reluzente
Branquejar a saraiva da velhice:
Suspira, e diz: Oh! Saiba a cega gente,
Que Amor nascendo moço se faz velho,
*Que ter hum velho amor, não he tontice.*

*URRACA.*

Senhor Picote, viva muitos annos.

*BRAZ.*

Bravo, Picote, viva, bom Soneto!

*BRANCA.*

Viva, Senhor Picote! Ha de escrevello.

*PICOTE.*

Tal não farei, por certo.

*BRAZ.*

*BRAZ.*

Eu tambem quero

Moſtrar o meu talento : venha mote.

*URRACA.*

Que fazes, Braz, que fazes?

*BRAZ.*

Verſos, verſos;

Porque tambem levei palmatoadas,
Aprendi, eſtudei ; e no meu tempo
Soube mui bem Syntaxe.

## SCENA XVII.

*Muconio, e os ditos.*

*MUCONIO.*

BOas noites.
Criado, meus Senhores, e Senhoras.

*JOFRE.*

Senhor Doutor Muconio.

*MUCONIO.*

Senhor Jofre.

Mas que vejo, Senhores! Fujão, fujão.
Foge, Mafalda, fujão, fujão todos.

*BRAZ.*

*BRAZ.*

De que havemos fugir?

*DULCE.*

Ai que eu desmaio.

*BRANCA.*

Que he?

*URRACA.*

Que será?

*MUCONIO.*

Fujamos.

*JACOB.*

De quem?

*MUCONIO.*

Fujão,
Fujão, fujão, Senhores! Estão cegos?
Não tem visto, não tem inda observado
No Senhor Jofre os tetricos symptomas
Da endemica, epidemica estrangeira
Pestifera lethal enfermidade,
Que grassando em Lisboa, insulta, ataca
A pobre, debil mocidade estulta?

*BRAZ.*

He peste, meu Doutor?

*MU-*

*MUCONIO.*

Sim, Senhor, peste;
E peste a mais cruel que tenho visto.

*URRACA.*

Deos nos livre, Doutor!

*JACOB.*

Está zombando,
Senhor Muconio?

*PICOTE.*

Branca, será ópio?

*MUCONIO.*

Não zombo, não, Senhores, fallo sério.
He hum forte contagio de chicotes,
De tranças, e de arrochos no cachaço,
De que andão enfeitados os Casquilhos.

*JACOB.*

Eu não disse, Senhores, que era brinco?

*MUCONIO.*

He bom brinco, Bilhostre, he mal, he peste,
He a Plica Polonica doenças,
Que assim como no Norte, e em varios climas
Os Polacos, e Sármates transforma
Em medonhos espectros, e fantásmas,
Transforma cá no nosso continente

Os

Os mancebos gentís em bonifrates.

*BRAZ.*

Que nova, que recondita sciencia!
Já tinha reparado na grossura
Deste immenso chicote de meu filho;
Mas cuidei que era moda.

*MUCONIO.*

Boa moda!

*JOFRE.*

He boa logração, Doutor Muconio.

*MUCONIO.*

Que he boa logração? Fujão, fujamos.

*BRAZ.*

Espere, meu Doutor, diga primeiro
Em que pára este mal, em que consiste?

*MUCONIO.*

Consiste na disforme, na medonha,
Espantosa grossura dos cabellos,
Que scirrhosos, talvez lignificados,
Se grudão, e se empastão hum com outro:
Esta massa fatal, ou codea espessa,
A mútuanea excreção embaraçando,
Os humores estagnã excrementicios
Se inflammão, se coagulão nas minutas
Seriferarias glandulas reprezos.

JOFRE.

Que se segue dahi?

MUCONIO.

O que se segue?
Mais alta, que a columna de Trajano,
Huma agulha, ou pyramide disforme
De esquallidos cabellos, sobre a testa
Dos enfermos estupidos erguida;
Lhe carrega a molleira com tal pezo,
Que convulsos os olhos retorcidos,
Ou abertos em horridos espasmos;
Se trabalhão, se canção, se enfraquecem,
Donde veio o contagio das lunettas,
Que tantos Polyphemos de hum só olho
Encrespando o nariz, mettem a cara.

BRAZ.

Forte doença!

BRANCA.

Triste enfermidade!

JOFRE.

Chimeras, petas, lograções, mentiras.

BRAZ.

Calte, insolente. Diga, meu Muconio.

MUCONIO.

A disforme pasmosa intumescencia
Atacando estas glandulas que disse,
E que por locação são conglobadas,
As conglomera tanto, e tanto as une,
Que a estranha mole, turgida grandeza
Nos inchados pescoços apparece,
A pezar de dez varas de gravata,
Que amortalha os focinhos espantados.

URRACA.

Coutado do meu Jofre.

BRAZ.

Eu bem dizia,
Vendo que não bastava meia peça
De Cambraia, de Cassa, ou Muselina
Para duas gravatas. Meu Muconio,
Falla, dize-nos tudo quanto sabes.

MUCONIO.

Quanto sei, meus Senhores, são incriveis
Deste tremendo mal, deste contagio
Os enormes, e magicos portentos,
Peiores que os Thessalicos prestigios,
Com que Circe tornou os Companheiros
Do sabio Grego em Javaliz cerdosos.
Alevedado o tumido fermento,
Que as glandulas, em fim, apinhoadas
Em tamanhas escrofulas acabão,

Que

Que em ſeus doutos eſcritos nos atteſtão
Banivenio, e Boneto que cortárão
Alporcas de ſeſſenta, e trinta libras.

PICOTE.

Opio, carapetão.

BRAZ.

Bravo, Muconio!

MUCONIO.

Leião, Senhores, leião, não ſe rião,
Oução: *In momento temporis* do enfermo
Incha o peſcoço; os tabidos bracinhos
Se myrrão, e ſe encolhem, e parecem
De boneco de maſſa: mal campeão
As entanguidas pernas maraſmadas,
E dos luidos pés caſcos vidrentos
O tarſo, e metatarſo edematoſo
Só conſente nas unhas as fivellas.
Finalmente, Senhor, degenerando
A maſſa dos humores pelas pravas
Eſtranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo;
Os horrendos eſtragos ſe propagão
Da triſte, da fatal metamorfoſe,
Que os enfermos, e miſeros Caſquilhos
Em Peraltas ridiculos transfórma.

BRAZ.

Tem razão, tem razão, agora atino

S ii Na

Na caufa, e na moleftia, e já me lembro
De varios Maniquins empanturrados,
Que paffeião as ruas de Lisboa
Pállidos, paralyticos, convulfos,
Quafi fempre c'os beiços ruminando,
Que trazem já çafados de lambellos.

*JOFRE.*

Tal não creia, Senhor, he zombaria.

*BRAZ.*

Calte, tollo, afneirão. Senhor Muconio,
Quero são o rapaz, ahi lho entrego;
E fe manda que faça quarentena,
No telhado o porei, não nos empefte
Com feus malignos, e mortaes vapores.

*MUCONIO.*

O mal ainda parece incipiente,
Remedio lhe daremos; mas primeiro
Intento defeccar efte cabello:
He valente tortulho, enorme trança!

*URRACA.*

Meu Jofre, tem conftancia, tem paciencia.

*JOFRE.*

Senhora, que he mentira.

*MUCONIO.*

Qual mentira?

*BRAZ.*

*BRAZ.*

Chiton, tollo, chiton.

*JACOB.*

E cai no logro!

*PICOTE.*

Forte patera; come bem as petas!

*BRAZ.*

Floreſtão, Floreſtão.

*FLORESTÃO.*

Senhor.

*BRAZ.*

Depreſſa,
Deſmancha eſſe rabicho, eſſa ſerpente.

*JOFRE.*

Hei de ficar, Senhor, eſgadelhado?

*BRAZ.*

Sim, Senhor, ſim, Senhor. Senhor Muconio,
Faça quanto quizer, talhe, retalhe,
Purgue, ſangre, toſquie, deſenrole.....

*MUCONIO.*

Olhem lá, meus Senhores, ſe me engano!
Lignificada a putrida materia

Já

Já vem apparecendo. Vejão, vejão
Que taſſalho de páo: he caſo horrendo!

*BRAZ.*

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,
Em que ſe torna o ſangue de Azevias?

*URRACA.*

Que poſſo reſponder, eſtou paſmada!

*JACOB.*

He forte ſurra!

*PICOTE.*

Lograçáo completa.

*MUCONIO.*

Que tal he o charoço do lobinho?
Coutado do rapaz.

*BRAZ.*

Deite iſſo fóra.

*MUCONIO.*

Nada, nada, Senhor, deve guardar-ſe,
Eſtes sáo os cabellos com que ſára
De táo damnado cáo a mordedura.
Agora vamos receitar, eſcute:
Eſte villoſo, eſqualido chumaço
Scirrhoſo lapàráo, turgido, edema
De tumentes cabellos empaſtados,

Creſ-

Crestado, secco, estitico, myrrhado,
Pela má rotação do sangue podre,
E total discrazia dos humores
Acidos, corrosivos, virulentos
Adquire a secca, e tabida dureza,
Que do secco Cação a rija pelle,
Para estendello, para amaciallo
Deve ungir-se com balsamo Azinino,
E para o ver elastico, e flexivel
Duas vezes ao dia, nove dias,
Ha de batello, e muito bem sovallo
Com este mesmo arrocho, taco, ou tôco.
He remedio excellente, he approvado,
Que descubri nos priscos cartapacios
De Filon, Serapião, dos Apollonios.

*JACOB.*

Não está máo o récipe, Muconio!

*JOFRE.*

Basta, basta de judear comigo.

*BRAZ.*

Cállas-te, ou queres, Jofre, que te cure?
Approvo esse remedio; mas, Muconio,
Onde acharei o balsamo Azinino?

*MUCONIO.*

A providente Madre Natureza
Não cria sem antidoto o veneno.
No mesmissimo corpo dos enfermos

Bem

Bem atrás das orelhas deposita
Este forte elixir em tenues vasos,
Ou delgados folliculos, que cheios
Do suco burrical, sendo espremidos
Talha, embota as particulas do sangue,
E o deixa circular sem embaraço.

*BRAZ.*

Mas diga-me, Doutor, como se espreme?

*MUCONIO.*

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

*PICOTE.*

He bom o tal remedio?

*BRAZ.*

Quer que o faça?

*JACOB.*

Peior, peior.

*URRACA.*

Coitado do meu Jofre.

*MUCONIO.*

Não, Senhor, inda não, e depois disto
He preciso cortar-lhe aquella trunfa,
Para a fauce messoria ficar livre,
E a coronaria região sem pezo,
Desembaraçada: os liquidos rotantes

Dol-

Deixará premiar pelos feus vafos:
Banhos, emborcações, e cataplafmas,
Além de outros remedios, facilmente
A força vencerão deftas medonhas
Tão enrofcadas Afpides da Lybia;
E fe com todos fe pratica o mefmo,
A florente Lisboa vereis limpa
De caraças, ou frentes de Medufa;
Praga, ou nuvem de eftultos gafanhotos,
De Tarecos rabões, melhor diria:
De rabudos Bachas, de enormes caudas.

*BRAZ.*

Eftou, Doutor, attonito; e já vejo
Quanto fabe, quem fabe a Medicina.

*MUCONIO.*

Agora ouçamos duas arias novas.

## SCENA XVIII.

*Lourença, Florestão, e os ditos.*

*LOURENÇA.*

Senhor, Senhor.

*FLORESTÃO.*

Senhor.

*BRAZ.*

*BRAZ.*

Temos mais peste?

*FLORESTÃO.*

Peior, Senhor, peior!

*BRAZ.*

Dize, que he isso?

*LOURENÇA.*

Peior, Senhor, peior!

*BRAZ.*

He fogo em casa?

*FLORESTÃO.*

Peior, peior, Senhor!

*LOURENÇA.*

Minha Senhora.

*DULCE.*

Morreo o Papagaio? Dize, dize?

*FLORESTÃO.*

Peior, muito peior! Batem á porta.

*BRAZ.*

Vai ver quem he.

*FLO-*

*FLORESTÃO.*

Peior!

*BRAZ.*

Vai ver, Lourença.

*LOURENÇA.*

Peior, muito peior!

*FLORESTÃO.*

Peior que tudo!

*BRAZ.*

Falla; dize, quem he?

*FLORESTÃO.*

Peior! Alcaides,
Efcriváes, e Diabos Quadrilheiros.

*URRACA.*

Ai, mofina de mim!

*BRANCA.*

Tremo.

*DULCE.*

Defmaio.

*BILHOSTRE.*

Ronda talvez ferá.

*BRAZ.*

*BRAZ.*

A ronda, a ronda?

*FLORESTÃO.*

He o poder do Mundo com eſpadas,
Com chuxos, alanternas, até cuido
Que trazem o Carraſco, e mais a forca.

*BILHOSTRE.*

Que ſerá?

*PICOTE.*

Que ha de ſer?

*BILHOSTRE.*

Comigo nada.

*PICOTE.*

Menos comigo.

*BRAZ.*

Se ſerá comigo?
Abre-lhe, Floreſtão, abre-lhe a porta.

## SCENA XIX.

*Meirinho, Escrivão, e os ditos.*

*MEIRINHO.*

Eu, Senhor Braz Carril, venho mandado.

*ESCRIVÃO.*

Somos mandados, manda-nos quem póde.

*BRAZ.*

Pois são (e tanto Fariſeo) mui mal mandados.

*MEIRINHO.*

A parte requereo: ſomos mandados.

*ESCRIVÃO.*

He parte rija.

*MEIRINHO.*

Não ſe dobra a nada.

*BRAZ.*

Mas, que querem de mim, Senhor Meirinho?

*MEIRINHO.*

Eſte Mandado.

*BRAZ.*

BRAZ.

Irra! Mais mandado,
Vem mandado o Meirinho, e vem mandado
O Escrivão, os Esbirros vem mandados,
E sobre isto ainda vem mais hum mandado!

URRACA.

A casa d'hum Fidalgo Quadrilheiros?

MEIRINHO.

Somos mandados.

ESCRIVÃO.

Seja, ou não Fidalgo:
Quem deve, paga; porém eu, Senhora,
Ao Senhor Braz Carril, bem o conheço,
E que fosse Fidalgo não sabia:
Nomeallo por tal agora o ouço.

URRACA.

A gente baixa não conhece a nobre.

ESCRIVÃO.

E nobre! Póde ser.

URRACA.

Meia rigella.

ESCRIVÃO.

Isso he louça quebradiça.

UR-

*URRACA.*

He prata fina.

*MEIRINHO.*

Vamos, vamos, Senhor, efte mandado,
Senhor Carril.

*BRAZ.*

E que mandado he effe?

*ESCRIVÃO.*

Novecentos mil reis, que o Senhor deve
A Martinho Raimon.

*MEIRINHO.*

He Eftrangeiro.

*BRAZ.*

He hum ladrão ladino: bem conheço
O Capataz de quantos Berlinguetes
Nos vem aqui vender Gatos por Lebres,
Nabos em faccos; cafcaveis, pandeiros,
Gaitinhas, berimbaos, quinquilharias;
Que promptos a fiar, tentão a gente,
E depois de empolgar rapaces unhas,
Fervem as citações, fervem penhoras.

*MEIRINHO.*

Iffo não he do cafo, efta fentença....

*BRAZ.*

*BRAZ.*

E como hei de pagar essa quantia?
Venhão cá outro dia, hoje não posso.

*ESCRIVÃO.*

Então, Senhor Carril, dê-nos licença.

*BRAZ.*

Licença, para que?

*ESCRIVÃO.*

Para fazermos
Penhora no que acharmos.

*MEIRINHO.*

Ou ir prezo.

*URRACA.*

Ir prezo meu Marido?

*ESCRIVÃO.*

Não se assuste:
Talvez, Senhora, q' haja nesta casa
O valor da sentença, e mais das custas;
A nossa diligencia, isso cá fica.

*MUCONIO.*

O Cravo he meu, custou-me o meu dinheiro.

BILHOSTRE.

São meus os Castiçaes, Senhor Carrança.

PICOTE.

As Chicaras são minhas; e protesto,
Senhor André Garrote, que são minhas. *Para o Escrivão.*

MEIRINHO.

Nós, Senhores, fazemos a penhora,
Depois requereráõ.

MUCONIO.

Essa está boa!

BILHOSTRE.

He forte chasco!

PICOTE.

A Deos, Chicaras, Bulle.

FUSTOTE.

Como te vai, Amigo, co' a partida?
He divertida, em fim, he uso, he moda.

BRAZ.

Té o lavar dos cestos he vendima.
Meu querido Jacob, Picote Amigo,
Doutor Muconio, amigo, caro amigo:
Generoso Fustote, alma d'hum Principe,

Acudi-me, livrai-me, bons amigos:
E que acção mais illuſtre, mais honrada,
Que acudir hum amigo a outro amigo?
A amizade fiel, e verdadeira
He dadiva do Ceo, e do Ceo digna,
E dos humanos o maior theſouro;
He fonte donde mana a honra, a fama,
Que os miſeros mortaes transforma em Deoſes:
Brilhando eſtão no Ceo Caſtor, e Pollux;
E no ſagrado Templo da Memoria
Nizo, Eurialo, Pylades, Oreſte.
Haverá coração, haverá peito
Tanto de aſpero, e rigido diamante,
Que não eſtale, ao menos ſe enterneça,
Vendo do caro amigo miſeravel
A Conſorte fiel deſamparada,
Os innocentes filhos ſem abrigo,
E nas meſquinhas mãos da Fome horrenda,
Da triſte Deſnudez, e da Vergonha
Expoſtos a deſprezos, e ludibrios?
Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

*FLORESTÃO.*

Es tu Tullio, meu Braz? Eu não ſou neſcio:
Não me quero perder, não tenho em caſa
Partidas, Aſſembléas: bem me baſta
O que perdi comigo, e tu gaſtaſte
Em golodices, ſecias, pataratas:
Quem muito não tiver, que gaſte pouco:
Deixe-ſe de Partidas, d' Aſſembléas,

Bri-

Brilhar não queira á custa dos amigos.

*DULCE.*

Que inhumano!

*URRACA.*

Que baixo, vil!

*BRANCA.*

Infame!

*DULCE.*

Jacob, caro Jacob! Da triste Dulce
Os suspiros, e lagrimas ardentes,
A fé immaculada, amor sincéro,
Se alguma cousa podem merecer-te,
Não me deixes Jacob; e se por minhas,
Estas sentidas vozes, não te movem,
Mova-te o grande, e triste desamparo
De huma casta Donzella, bem nascida.

*JACOB.*

Dulce, minha Senhora, minha gloria,
Não te assustes, não chores, não te afflijas,
Quanto sou, quanto valho, quanto posso
Tudo ao teu descanço sacrifico.

*BRANCA.*

Acaso esperas, dize, que te peça?

PICOTE.

Não, Branca, não, Senhora; eſpero....

BRANCA.

Eſperas?

PICOTE.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,
Vou buſcar o dinheiro.

MUCONIO.

Eſpera, eſpera:
Amigo Braz Carril, não ſou de pedra,
Nem ſou Tigre, homem ſou, os homens amo,
De ter humano coração me prézo.
Deſcança, pagaremos o que deves:
Darás Dulce, a Jacob, Branca, a Picote,
Jofre caſe co' a minha Mafaldinha,
E todos tres o' eſcote pagaremos.

BRAZ.

Que dizes, Dona Urraca?

URRACA.

Paciencia;
Perdoem meus Avôs; mas a deſgraça....

BRAZ.

Caſem, caſem; Muconio, eſtais contente?

BI-

*BILHOSTRE.*

Minha Dulce, meu Bem!

*DULCE.*

Caro Bilhoſtre!

*PICOTE.*

Branca, minha eſperança, que ventura!

*BRANCA.*

Que ventura, Gaſpar, meu doce emprego!

*LOURENÇA.*

E nós, meu Floreſtão, não nos caſamos?

*FLORESTÃO.*

E porque não, Lourença, ſendo gratis?

*MUCONIO.*

Senhor André Garrote, em minha caſa
O eſpero daqui a meia hora:
Para pagar mandado, e diligencia,
Tenho não ſó dinheiro, mas bigodes.

*BRAZ.*

Que generoſo exemplo de amizade,
De nobres corações, de honrados peitos!
Mas neſte raro exemplo ſe não fie
Quem ſe empega no mar de deſperdicios.

Guar-

Guarde-se da subita procella
D' Alcaides, e Credores, que Santelmos
Nem em todos os topes apparecem;
E Bilhostres, Muçonios, e Picotes
São difficeis de achar. Batei as palmas.

DIS-

# DISSERTAÇÃO PRIMEIRA SOBRE O CARACTER DA TRAGEDIA,

PROPONDO

SER INALTERAVEL REGRA DELLA,

NÃO SE DEVER

ENSANGUENTAR O THEATRO,

E no desempenho de cujo Drama devem reinar o terror, e a compaixão: para que assim com esta representação se purguem os Expectadores destas, e outras semelhantes paixões.

RECITADA NA CONFERENCIA DA ARCADIA LUSITANA

*No dia 26. de Agosto de 1757.*

*Nec pueros coram populo Medea trucidet.*

Hor. Poet. v. 185.

# NOBILISSIMOS, SAPIENTISSIMOS, E AMANTISSIMOS SENHORES.

SE assim como a vossa compaixão prosegue no designio de instruir-me, póde desculpar os meus erros a vossa indulgencia; perderei o medo de fallar diante de vós, sem me ensaiar no estudo das mais solidas Doutrinas. Mas quem me ha de persuadir, que exercendo funções do meu destino, e levado da honra de obedecer-vos, não desperdice aquelle tempo, que podia aproveitar em ouvir as vossas lições? Que systema, ou que questão posso eu discutir na vossa presença, sem que vos enfastie ouvir o que já sabeis; ou talvez o que refutais? De que Arte, ou de que sciencia poderei combinar huma regra de que vós, melhor do que eu, não conheçais profundamente toda a sua

ex-

extensão? Assim he, Senhores; porém vós, quando me chamastes para membro desta Sociedade, concebestes outra idéa mais illustre. Quizestes ser uteis á Patria: e hum projecto tão generoso não se póde praticar sem com effeito ensinardes os vossos Compatriotas. Affortunado fui eu, se fui hum dos que primeiro vos deveo esta piedade: e sería ingrato se olhando para vós, como para Mestres, tivesse péjo de mostrar a minha insufficiencia: e capacitado pois desta verdade, e não podendo resistir a tão formosa reflexão, discorrerei em hum Ponto, que entre todos os da Poetica foi sempre para mim o mais difficultoso.

Seguindo a Demetrio Phalereo, ou a Neoptolomeu de Paros, e certamente a Aristoteles, estabaleceo Horacio a inalteravel regra de que na Tragedia se não devia ensanguentar o Theatro; isto he, que as feridas, os tormentos, e as mortes, que são inseparaveis do caracter deste Poema, se não devião expôr á vista dos Expectadores; mas sim fiallas de huma facunda narração, ainda que o mesmo Horacio (1) parece que forneceo as Armas aos fautores da opinião contraria, lembrando-lhes que com menos efficacia persuade o que se conta, do que aquillo de que os olhos se informão por si mesmos.

Quem

(1) Orat. Poet. vers. 180.

Quem observar com circumspecção as Tragedias antigas, achará, que esta regra foi quasi sempre religiosamente guardada. Ainda entre os modernos ha poucos documentos que possão contestalla. Os Francezes a recebêrão, a adoptárão, e a defendem com a prática, e com a doutrina. Nós temos a gloria de que à nossa (1) *Castro* seja hum exemplo de que não ignoramos, e de que a seguimos. Os Inglezes, Nação em que mais se descobre (2) os genios dos Republicanos antigos, e que no Orbe Literario fazem huma grande figura; os Inglezes, digo eu, são os que menos respeitárão esta lei, infringindo-a reiteradas vezes; de que he triste testemunha o seu *Catão*, e de que talvez os fez gostar aquelle odio, com que sacrificão á sua pertendida liberdade huma Testa Coroada.

He verdade que á primeira vista parece estranho que hum Poema, que nasceo nos braços da Alegria, e da Festividade, exiga da sua natureza huma peripecia sanguinolenta; e ainda mais extraordinario, que sendo do seu caracter as mortes, as feridas, e os tormentos, hajão de frustrar aos olhos estas imagens funestas, e horrorosas; parecendo que huma vez que ellas não sejão o principal objecto

da

(1) Doutor Antonio Ferreira.

(2) *Reges & exactos Tyrannos densum humeris bibit aure vulgus.*

da Scena Tragica, perderá grande parte da sua força, e da sua efficacia este Poema.

Antes de desatar esta dúvida, he preciso descobrirmos a razão por que sejão os catastrofes funestos essenciaes da Tragedia, lembrando-nos, de que este Drama, segundo a sua natureza, he, como disse hum grande homem, (1) o Throno das paixões, em que conforme Aristoteles, devem reinar o Terror, e a Compaixão, para que assim nos purgue destas, e outras semelhantes; Ora se os Expectadores sahirem alegres com huma peripecia affortunada, perderão sem dúvida toda a ternura, e semente de constancia (digamo-lo assim) que o Poeta lhe tiver inspirado, pondo-lhe em movimento o terror, e a compaixão. Deste princípio nasce a justiça com que são criticados aquelles máos Poetas, que ordinariamente acabão as suas Tragedias com huma catastrofe ditosa, atropelando não só a regra, mas a razão, em que ella se funda.

Ainda que seja esta a natureza da Tragedia, não he ella tão austeramente rigorosa, que haja de expôr aos olhos de todos o que a humanidade não poderia soffrer sem indignação, e que a policia pede que se occulte, ainda que se conte; com tanto que ella seja efficazmente o fim a que se dirige; isto

he,

(1) Le Bussu Poem. Epiq. T. 2. pag. 194.

he, a mover o terror, e a compaixão. Para o Poeta chegar a este fim não he preciso que Medéa diante do Povo despedace os filhos; que Atreo preparasse a nefanda cea; que Prógne se converta em ave, ou Cadmo em serpente, tudo o que assim se dispõe no Theatro fica incrivel, desgosta os ouvintes, e não persuade: basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquencia, que chegue ao coração: as figuras, as imagens, (n'uma palavra) a verdadeira Poesia, hum estilo pathetico, sem que os olhos se perturbem com os espectaculos horrorosos.

Persuadidos assim de que para mover o terror, e a compaixão, não he preciso derramar o sangue no Theatro, fica menos difficultoso o conhecimento, e a contemplação desta doutrina, pois consegue assim a Tragedia o purgar-nos de semelhantes paixões pelo meio o mais suave, e o mais decoroso. Assim se mistura o util com o deleitoso; assim foge o Poeta de fazer inverosimil a sua acção, ou de dever mais a habilidade dos Actores á disposição das scenas, e tramoias, do que á boa economia da Fabula, e energica força dos seus versos.

Falta-nos examinar se comtudo persuade mais o que se vê, do que aquillo, que se ouve, como lembra Horacio. E se a narração basta para mover as paixões, quanto exige a

natureza da Tragedia. He esta huma dúvida, que certamente me abria o campo para huma larga Dissertação, se a angustia do tempo, e o respeito da Arcadia não acudissem á pobreza do meu discurso.

Não saberei negar de que mais individualmente ficarei capacitado, do que eu testemunhar com os meus olhos, do que aquillo, que simplesmente ouvir; mas esta vantajem, que sería precisa para eu dispôr de qualquer successo em hum Tribunal, não he necessario que assim seja no Theatro; ainda que bem conheço que a differença, que ha entre a Poesia Dramatica, e exageratica, consiste em que aquella obra, e esta conta. No Theatro não só escuto o que se diz; mas vejo o que se faz. Na Epopeia não vejo o que se faz, ouço o que se diz.

Devemos não perder de vista o fim da Tragedia, para mover a terror, e a compaixão. Se por exemplo me propõe o Poeta a desgraça de Oedipo, consiste a força desta persuasão em mostrar-me hum homem, que inviolavelmente commette hum parricidio, matando a seu Pai Laio; hum incestuoso adulterio, casando com sua Mái Jocasta. Usurpa hum Reino, irrita a Divina justiça; e depois cóm teimosa curiosidade procura indagar a origem de tantos males, até que chegando a conhecer-se réo dos mais abominaveis delictos, homicida de seu Pai, incestuoso com

sua

sua Mãi; Pai, e Irmão de seus filhos, desesperado, com as suas proprias mãos tira a si mesmo os olhos.

Abre-me a Scena, mostrando-me a mocidade de Thebas diante do altar profetico de Ismeno: o Summo Sacerdote sacrificando; na Cidade não se ouvem senão prantos, e suspiros: huma violenta peste devora aquelles miseraveis. Consulta-se o Oraculo, vem a resposta, descobrem-se alguns indicios, exige o Ceo, que o delicto original se expie com a morte do Delinquente. E em quanto se examina quem he o desgraçado, quantas vezes me assusto, receando não seja aquelle mesmo homem que eu vi, como Pai da Patria, chorar com os innocentes, jurar-lhe, que não deixará de solicitar o remedio daquella calamidade, ainda que seja á custa da sua vida; hum homem, que dissolveo o enigma da Esfinge: finalmente hum Rei clemente. Chega o reconhecimento, vejo que este mesmo Oedipo he o culpado: quanto me compadeço! Affirmo-vos, Senhores, que nunca li esta Tragedia de Sophocles, que não chorasse, quando vejo o miseravel Rei com os innocentes filhinhos, ora fazendo imprecações, ora chorando sobre elles lagrimas de sangue, e neste triste desamparo deixar a Mulher, a casa, e o Reino: ao mesmo tempo ouço a noticia de que Jocasta se matou. Ha mais terror! Ha mais compaixão! Eis-aqui como a

Tra-

Tragedia consegue o seu fim, sem me fazer inverosimil a sua fabula.

Pelo contrario, se eu visse este mesmo Oedipo metter os dedos pelos olhos até arrancallos, ou duvidaria do mesmo que estava vendo, ou a difficuldade, com que o Actor executasse este passo, me provocaria a riso. Por isso Horacio manda, que se passe por detrás da Scena, o que não deve apparecer no Theatro. Aristoteles diz, (1) que isto he que se chama golpes de Mestre; porque he preciso que a fabula seja composta de modo, que quem não faz mais do que ouvir as cousas que succedem, ainda que as veja, trema comtudo, quando lhas contarem, e sinta o mesmo terror, e a mesma compaixão, que se não póde deixar de sentir, quando se ouve a Tragedia de Oedipo.

Ficando pelo que toca á razão relativa desta regra, em que provado assim o que me atrevi a propôr-vos, devo examinar se a authoridade de Aristoteles, em que se fundou Horacio, padece no texto alguma dúvida, ou se tem sido contestada. He certo que muitos, e grandes homens tem interpretado mal as palavras do Filosofo, tirando dellas a errada consequencia de que o Theatro se deve ensanguentar, para bem se mover a terror, e a compaixão. O maior Tragico de França Mon-

(1) Arist. Poet. cap. 14.

Monſieur Corneille no exame do ſeu Horacio diz: Se he huma regra não enſanguentar o Theatro, não he certamente do tempo de Ariſtoteles, que nos enſina que para mover efficazmente são preciſos grandes deſgoſtos, feridas, e mortes em eſpectaculo. Varios traductores deſta inextimavel Obra, quero dizer, da Poetica de Ariſtoteles, traduzem o texto no meſmo ſentido (1) *mortes in aperto factam*; porém outros, a quem abona o ſabio Dacier, *mortes evidentes, e certas*; pertendendo que debaixo deſta expreſsão geral comprehenda Ariſtoteles as duas eſpecies de mortes que ſuccedem na Tragedia, as quaes ſe não vem, e as que ſe vem; porque huma Perſonagem póde vir acabar de morrer no Theatro, com tanto que nelle não tenha ſido ferido.

Vejamos, Senhores, ſe repetindo-vos o texto, conforme a traducção de Dacier, ſe comprehende melhor eſta verdade, ou ſe a traducção Franceza quadra melhor com o ſeu contexto. (2) Além deſtas duas partes da Fabula, que pertencem á materia, ha tambem huma terceira, que eu chamo Paixão: já ſe tem explicado o reconhecimento, e a peripecia. Chama paixão huma acção, que deſtroe alguma Perſonagem, ou que cauſa violentas dores, como são as mortes evi-



(1) Alexandre Paccio Florentin.

(2) Dacier Traducção de Ariſt. cap. 11. not. 14.

dentes, e certas; os tormentos, as feridas, e todas as outras cousas semelhantes. (1)

A palavra *Paixão*, de que se serve aqui Aristoteles, não significa huma paixão, que se move na alma por este, ou aquelle respeito; mas sim no sentido, em que ella significa padecimento, como quando dizemos (se he que se póde explicar huma cousa profana com os Mysterios da nossa Religião) a *Paixão de Christo*. Nesta significação se entende este termo: e para que esta paixão se ache em huma Tragedia, não he preciso que as feridas, as mortes, e os tormentos se exponhão no Theatro; basta que o auditorio fique certo que esta, ou aquella Personagem vai padecer infallivelmente aquella morte, aquelle tormento, e que depois com energia, e com facundia outra Personagem lhe conte este lastimoso caso, ajudando-o a compadecer-se com as reflexões, lamentações, e, se preciso he, com as lagrimas, como diz Horacio: *Que se o Poeta quizer que chore o Expectador, ha de elle chorar primeiro.* Aqui me lembra advertir, que esta paixão he tanto do caracter da Tragedia, que póde haver Fabula simples, isto sem peripecia, ou reconhecimento, como he o *Ajax* de Sophocles, e a *Hecuba* de Euripedes: mas não póde haver nenhuma sem paixão, pois sem ella, como já vimos, he impos-

(1) Arist. Poet. cap. 11.

possivel mover a terror, e a compaixão, que he o fim da Tragedia.

Daqui se infere incontestavelmente, que o Filosofo estabelece esta regra. Não he verosimil que hum homem, que apoiou toda a sua doutrina (1) na prática dos antigos, concebesse a idéa de fundar hum systema que lhe he contrario. O mesmo *Ajax* de Sophocles, com que os fautores da opinião contraria se tem allucinado, não se mata no Theatro, como elles pertendem; mas bem se percebe que esta fatalidade se passa em hum bosque vizinho: assim se excutão os clamores (2) de Agamenão; assim se ouve gritar (3) Clytemnestra, quando he ferida por Orestes; e os mais exemplos, que vós sabeis, e que eu julgo superfluo repetillos.

Finalmente, Senhores, não deixaria de ser culpavel a minha affoiteza, se eu me atrevesse a descutir mais huma materia, em que devia só consultar-vos. Basta que eu mostre o desejo que tenho de instruir-me, e que vos protesto sinceramente que não me dedico aos trabalhos Academicos, com outra esperança mais, do que com a idéa que tenho concebido, de que correndo por vossa conta



(1) Hedelin in Praxi Theatrica.
(2) Agamen. de Eschil.
(3) Sophoc.

a direcção dos meus eſtudos, algum dia ſaberei imitar-vos; e que então poderei ſem pejo fallar na voſſa preſença, e concorrer para a utilidade pública, para o credito do Reino, e para gloria da Arcadia.

DIS-

# DISSERTAÇÃO SEGUNDA

## SOBRE

## O MESMO CARACTER

## DA

# TRAGEDIA,

## E UTILIDADES RESULTANTES
da sua perfeita composição,

## RECITADA

## NA CONFERENCIA

## DA ARCADIA

# LUSITANA

*No dia 30. de Setembro de 1757.*

*Et quocumque volentes, animum auditores agunto.*

Horat. Art. Poet. v. 100.

# NOBILISSIMOS, SAPIENTISSIMOS, E AMANTISSIMOS

## SENHORES.

Omo estou seriamente persuadido de que vós não só soffreis, mas em certo modo approvais o meu trabalho com o projecto, certamente, de promovello; e de adiantar-me assim em materias de Literatura; tórno a fallar na vossa presença; tórno a mostrar quanto necessito das vossas lições; (1) tórno a implorar a vossa Indulgencia. E já que no congresso passado tratei a regra, que serve de limite á força com que a Tragedia move nós nossos animos o terror, e compaixão, sem largar de mão

o

(1) *Ille per extentum funem mihi posse videtur*
*Ire poeta; meum qui pectus inaniter angit*
*Irritat, mulcet falsis terroribus implet,*
*Magnus ut & modo me Thebis; modo ponit Athenis.*

o prumo, procurarei sondar este maravilhoso pélago, mostrando quanto he necessario que a Tragedia mova as paixões para conseguir o fim a que se dirige: qual he este fim, e se elle de sua natureza he capaz de concorrer para a bòa policia de huma República.

Horacio conhecendo profundamente a razão, e a força, e os admiraveis effeitos deste activo filtro da Poesia, propõe na sua Poetica a regra não só para a Tragedia, mas para todos os Poemas; advertindo-nos que não basta que elles sejão adornados de bellezas, mas que he preciso tambem que o Poeta mova nos corações dos ouvintes as paixões que lhe parecer, ou que exigir a natureza da sua composição. Este mesmo grande Crítico escrevendo a Augusto, lhe dizia: „ Que pa„ ra elle só era bom Poeta o que possuindo „ bem a difficil Arte de mover as paixões, „ lhe commovia o coração com poeticos fin„ gimentos; ora irritando-o, ora aplacan„ do-o, e finalmente enchendo-lhe o peito „ de terror, e de espanto: bem como hum „ Magico, que o transportasse huma vez a „ Thebas, outra a Athenas. „

Para conhecermos nós quanto esta regra não só he relativa á Tragedia, mas que incontestavelmente quadra com a sua natureza, e he como alma de todas as suas forças, será preciso trazermos á memoria a defini-

çáo

ção deste Poema (1) „ A Tragedia he pois
„ a imitação de huma acção grave, inteira,
„ e que tem huma justa grandeza, cujo es-
„ tilo he agradavelmente temperado; mas dif-
„ ferentemente em todas as suas partes, e que
„ sem o soccorro da narração pelo meio do
„ terror, e da compaixão acaba de purgar
„ em nós este genero de paixões, e todas as
„ outras semelhantes. „ (2)

He preciso que a Tragedia mova as paixões, e nisto se conforma com os mais Poemas. Deve especialmente mover (3) o terror, e a compaixão a que se affasta delles; e deve purgar-nos destas, e de outras paixões semelhantes: assim os excede; assim fica util; assim he maravilhosa.

Quanto he preciso para mover as paixões, he escusado que o examine, pois julgo que qualquer de vós trará continuamente nas mãos as melhores Poeticas, as Rhetoricas de Aristoteles, de Longino, de Demetrio Falereo, de Cicero, e de Quintiliano, além dos modernos, que excellentemente tem tratado esta materia. Agora bastará que vejamos qual he o melhor caminho de mover a terror, e a compaixão.

He certo que estas duas paixões nascem (4) da

(1) Arist. Poet. cap. 6. pag. mihi 72.
(2) Boileau. Poet. Cant. 3.
(3) Le Bossu Tract. du Poem. Epiq. chap. 9.
(4) Arist. Poet. 9.

da sorpreza. E isto he a admiração que nos causa hum successo inesperado, que quando menos o cuidamos, então nos assusta, e nos arrebata. Esta he a qualidade de tudo quanto he sublime, e admiravel; pois no que assim vemos succeder, achamos sempre hum caracter maior (1) do que nas revoluções que vem, quando nós as esperamos. Se hum homem nunca tivesse visto a luz do dia, que espanto lhe não causaria ver sahir do horizonte hum globo luminoso, que estendendo os seus raios pela superficie da terra, cubria tudo de côres, e de claridade? Mas para que a surpreza cause este bom effeito na Tragedia, he preciso (2) que as cousas nasção humas das outras contra a nossa esperança; não basta que os incidentes sejão (3) puramente furtuitos; mas he preciso que o Poeta com boa economia disponha de tal fórma a sua Fabula, que os Episodios, ou os incidentes, nascendo huns dos outros, conduzão a pessoa fatal do Drama ao reconhecimento; que deste reconhecimento nasça a peripecia; que a peripecia mostre a protogneste em huma catastrofe desditosa, contra o que promettião as circumstancias, e ideava a esperança dos espectadores: então he infal-

(1) Arist. Poet. 9.
(2) Ibi.
(3) Dacier. Not. 26.

fallivel a compaixão, e tambem he natural o terror; então me compadeço; então me assusto; então me transporto fóra de mim mesmo.

Aqui vemos que o maior segredo deste methodo de mover as paixões, consiste na surpreza, que nos causa hum successo tirado de incidentes nascidos huns dos outros, e que nos permittião o contrario. E porque esta circumstancia falta nos casos puramente surtuitos, por isso a surpreza, que procede delles, não chega a mover em nós estas paixões com a actividade que pede a natureza da Tragedia, falta-lhe a qualidade de maravilhosos. Com effeito nada tem disso hum naufragio, a cahida de huma casa, e outros desastres semelhantes: he verdade que então nos compadecemos, (1) mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquella, a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas nos incidentes que nascem huns dos outros, a idéa do espectador movida, e cheia do objecto, vê juntamente a causa, e fim daquelle horroroso successo; e desta duplicada, outra segue infallivelmente a surpreza, e as paixões: e por isso ha tanto de maravilhoso na Sagrada Escritura, onde são tão frequentes os successos extraordinarios produzidos sempre de incidentes, que nascem huns

(1) Dacier. Not. 27. á Poet. de Arist. cap. 9.

huns dos outros contra a expectação dos Leitores.

Para o Poeta conseguir o effeito que se propoz pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos (1) duas cousas: huma he o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou Leitores; e outra he fazer-lhas effectivamente sentir. Em quanto á primeira, he preciso que disponha os animos para lhes embutir as paixões; em quanto á segunda, deve não misturar paixões incompativeis (2): com effeito para transportarmos huma cousa, he preciso primeiro tiralla de donde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: assim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da Tragedia, que pouco a pouco vão crescendo os embaraços; e quando o expectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então he que o Poeta se deve de aproveitar desse instante para soltar os diques do terror, e da compaixão.

Por estar fóra desta regra, critíca (3) o Padre Le Bossu o Ajax dos metamorphoseos, pois Ouvidio fazendo comparecer este Capitão na presença de huns Juizes, que estavão em perfeita tranquillidade, principia o re-

(1) Le Bossu Tract. du Poem. Epiq. cap. 9. pag. 261.
(2) Idem ibi.
(3) Le Bossu já citado.

requerimento pelas figuras as mais violentas, e as mais patheticas. O que em lugar de inclinar os animos ao partido que pertendia Ajax, o dá a conhecer por hum homem colerico, desarrazoado, e que está fóra de si mesmo; caracter certamente mais proprio para ser aborrecido, do que para persuadir.

Ainda que esta doutrina seja mais propria para a Epopeia, e outros Poemas, no que toca á primeira parte; com tudo eu me lembro della, para que advertissemos, que ainda que a surpreza he a origem do maravilhoso, e que he da natureza da Tragedia; não devemos com tudo dispôr huma contextura de incidentes falsissimos, e de repente, sem que, nem para que, amontoarmos incidentes lastimosos, e funestos; (1) mas que devemos tirallos huns dos outros, com tal graduação que insensivelmente se vão dispondo os animos dos ouvintes para receber aquillo mesmo que não acceitárão, se dependesse de seu arbitrio a sorte do Protognista.

Em quanto á segunda parte, todos sabem que o amor, e o odio não podem estar juntos, e que assim mesmo seria impossivel que a reinarem em huma Dama diversas, e incompativeis paixões, além de cahirmos na Polymithia, ou perdermos a unidade da acção, seria difficultoso que huma paixão re-

pu-

(1) Boileau. Poet. Cant. 3.

pugnasse ao effeito da outra, e que por este modo se nos não fizesse impraticavel o mover os animos.

Alguns espiritos fracos não sendo senhores de huma fertil imaginação, tem cahido em outro defeito mais ridiculo, e mais estranho; quero dizer, procurão mover o terror, e a compaixão pelo meio das tramoias, e decorações, ou de incidentes monstruosos; por isso diz Aristoteles, que nascer o terror, e a compaixão da contextura dos incidentes he o melhor, e que a isto he que se chama *Golpe de Mestre*. (1) Eschylo cahio naquelle defeito nas suas Eumenides, não excitando o terror, e a compaixão mais do que com o espectaculo. Todos sabem a Historia do seu terrivel Coro das Furias, e os nocivos effeitos que produzio no seu auditorio. He notavel o parallelo que faz Dacier deste Drama com o Oedipo de Sophocles. *Quando nós* (diz elle) *lemos hoje as Eumenidas de Eschylo, não nos sentimos muito penetrados; porque o que havia de terrivel neste Drama, nascia da decoração; mas quando lemos o Oedipo, não podemos deixar de tremer, e de sentir os mesmos movimentos de terror, e de compaixão, que sentião aquelles, que havião representar no Theatro.*

Desprezando estas reflexões, e estas solidas

(1) Arist. Poet. cap. 14. pag. mihi 211.

das doutrinas, tinha o máo goſto adoptado o peior ſyſtema: Dragões, Magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, Patibulos, Demonios, e Eſpectros, erão os milagres do Theatro. Ha bem pouco que huma Corte polida fazia as ſuas delicias de ſemelhantes eſpectaculos. E Metaſtaſio, não obſtante alguns deſtes defeitos; teria, ſe quizeſſe, huma Eſtatua no Capitolio; He para ſentir, que hum homem como eſte, excellente Poeta, tenha innumeraveis vezes infringido as mais irrefragaveis leis da Tragedia. Outro defeito ha, que não he menos impio: com effeito, não ſó não move, mas he ridiculo. Deſte genero são as transformações, as ſerpentes, e outras puerilidades ſemelhantes, de que deve abſter-ſe hum bom Poeta, e de que não póde goſtar hum diſcreto expectador.

Tambem devemos notar, que para mover a terror, e a compaixão não he conveniente, como entendêrão muitos, eſcolher para aſſumpto das Tragedias os martyrios, quero dizer, os Martyres, não devem ſer Heroes de ſemelhantes Poemas. (1) Ariſtoteles diz, que a peſſoa fatal da Tragedia não deve ſer nem hum homem muito máo, nem muito bom; porque ſe virmos padecer hum grande infortunio a hum homem muito bom, eſ-

(1) Ariſt. Poet. cap. 13.

este espectaculo mais nos moverá á indignação do que a terror, e a piedade; e se for hum homem muito máo, isto he, hum impio, hum facinoroso, tambem a sua desgraça não fará em nós este effeito, pois he certo que o terror, e compaixão são paixões que nascem promptamente das desgraças dos nossos semelhantes: logo quem se ha de compadecer, ou atemorizar de ver em hum Patibulo hum famoso malfeitor? Huma péste da República? O amor proprio he base de todas as paixões, e por isso o martyrio do homem santo, e que nos he superior em virtudes, causa-nos horror, mas nunca compaixão, ou piedade; pois o horror as affugenta nestes casos tão fortemente, que ou ficão supitas, ou desapparecem. Corneille he de opinião contraria, talvez por ter dado ao público os seus Polyeutes antes de ter lido Aristoteles: apoiado em Menturno, que na sua Poetica decide que a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo póde ser materia de Tragedia.

Tudo isto he necessario para que a Tragedia chegue ao desejado fim a que se dirige, isto para que consiga o purgar em nós o terror, e a compaixão, e todas as outras semelhantes paixões. Platão, que lhe não attribuio tão util efficacia, a banio da sua República; e muitos pertendem que este effeito não seja mais do que huma chimera, tra-

ba-

balhando por mostrar, que a Tragedia em vez de purgar-nos das paixões, as suscita, e as promove. Porém estas accusações, como são fundadas em sofisma, não podem vencer a força da razão, e da verdade.

He certo que á primeira vista parece impossivel que a Tragedia haja de purgar-nos das paixões, que ella mesma influe nos nossos corações; mas em reparando em Dacier, como se deve entender este termo de *purgar as paixões*, conheceremos a razão. Os Academicos, e os Estoicos dizem: *Lançar fóra as paixões; desarreigallas da alma; isto he superior ás forças da Tragedia; isto não faz ella.* Mas os Peripateticos persuadidos que o excesso das paixões he que as faz viciosas, e que sendo reguladas, são uteis, e ainda necessarias, entendem por *purgar as paixões*, reduzillas a huma justa moderação. Eis-aqui o fim da Tragedia; eis-aqui o que ella he capaz de fazer; e não he pouco.

A Tragedia move em nós o terror, e a compaixão; expondo-nos no theatro as desgraças dos nossos semelhantes; desgraças, que merecêrão por culpas involuntarias. Assim nos familiariza com estes infortunios; assim nos ensina não temellos, ou toleralos com paciencia, e com constancia. O Emperador Marco Aurelio he da opinião de Aristoteles:

les: diz (1) „ Que as Tragedias forão pri-
„ meiro introduzidas para fazer lembrar aos
„ homens dos accidentes que succedem na vi-
„ da; para lhes advertir, que devem neces-
„ sariamente succeder; e para lhes ensinar
„ que as mesmas cousas, que os divertem na
„ Scena, lhe não devem parecer insupporta-
„ veis no Theatro do Mundo.

Não só a Tragedia purga, como temos visto, o terror, e a compaixão, tambem modera todas as outras paixões: obriga-nos a que examinemos a causa das desgraças que nos representa: e conhecendo nós qual foi a paixão, que por exemplo precipitou Oedipo em semelhantes desesperações, he impossivel que não cuidemos muito em nos abstermos de huma temeraria, e cega curiosidade, pois huma vez que se leia aquelle excellente Drama, facilmente se conhece, que estas duas paixões, mais do que o incesto, e do que o parricidio, forão a causa da desgraça de Oedipo. Desta sorte he que huma Fabula Tragica, com o disfarce das Alegorias, nos imprime na alma as proveitosas maximas da Ethica; assim nos fórma para a sociedade; assim nos dispõem para a virtude; assim nos ensina a obrarmos grandes acções; a ser util á Patria, e á Republica. Os Heroes de Athenas, de Thebas,

e

(1) Marc. Aur. art. 6. no liv. das Reflex.

e de Roma talvez que sejão Discipulos da Tragedia.

E com effeito, que frutos não colheria huma Républica, se nos Theatros se ensinassem as virtudes, e as grandes acções? Bem sei que na nossa Religião ha melhores Cadeiras, e Escolas da Ethica. Os Prégadores Evangelicos incontestavelmente farão sempre melhor progresso: mas a depravação dos costumes, e dos caprichos dos homens, obsta não poucas vezes a este santo projecto. Hum homem da Corte raras vezes vai ouvir os Prégadores, sem a prevenção de que elles hão de censurar-lhe o seu procedimento; e este pejo com que olhão para elles, como para seus inimigos, ou ao menos como para Juizes severos, embaraça notavelmente a persuasão. Aos Theatros concorre todo o Mundo com a idéa de que só vai divertir-se, e recrear-se. E se o Poeta tem a feliz Arte de obrigar a que os expectadores se transportem com o movimento das paixões, e neste transporte lhe inspira huma maxima de obra Ethica, o triunfo he infallivel. Assim para hum Menino enfermo beber o remedio se lhe costuma banhar com o mel a circumferencia do copo. Os bons Generaes usão muitas vezes de estratagemas. Não quero dizer nisto, que se levantem Theatros, e que se desamparem os Pulpitos: hajão humas, e outras Aulas. Deva-se a todas a boa educação da mocida-

de; a reforma dos costumes; as maximas da virtude; o aborrecimento dos vicios; o amor da Patria; e gloria da Nação.

Não he meu intento defender as Tragedias irregulares, e monstruosas, aquellas, em que só reina huma paixão criminosa; aquellas, que ensinão o adulterio, a aleivosia, e que atacão vigorosamente a castidade; que pintão os Cesares, os Brutos, os Eneas, não como homens, mas como Mancebos affeminados, e impertinentes amadores. Esta formidavel peste, que depressa se derrama não só pela Corte, mas pela Cidade; esta Tragedia ainda que tem mais fautores, he certamente a que deve subir á sentença de Platão; á censura dos Santos Padres, e á condemnação dos Concilios.

Não me atrevo a cansar mais a vossa paciencia: com argumentos tão treviaes acabareis de conhecer a debilidade do meu discurso; e permitta o nosso Numen Tutelar, que não desespereis do meu adiantamento, que eu da minha parte, para vos descobrir a sinceridade, com que me sacrifico aos trabalhos Academicos, vos confesso, que para obedecer-vos me tenho feito Plagiario, não fazendo nos meus discursos mais do que transcrever aquelles poucos Authores, que a má fortuna, que me persegue, me não póde arrancar das mãos.

DIS-

# DISSERTAÇÃO TERCEIRA

SOBRE

SER O PRINCIPAL PROVEITO

PARA FORMAR

HUM BOM POETA,

PROCURAR, E SEGUIR SÓMENTE

A IMITAÇÃO

DOS MELHORES

AUTHORES DA ANTIGUIDADE,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

*No dia 7. de Novembro de 1757.*

*Nec verbum verbo curabis reddere fidus*
*Interpres . . .*

Hor. Poet. v. 135.

# PRECLARISSIMOS, AMANTISSIMOS, E SAPIENTISSIMOS SENHORES.

SE assim como vós, ó Arcades, desejais formar em mim hum membro digno de tão illustre Sociedade, quizesse a Fortuna dar a mão a meus desejos, ajudando-me, ao menos, com a tranquillidade, de que necessita quem escreve, poderia eu de algum modo desempenhar vossa generosa eleição, e assentar-me menos envergonhado em hum lugar, que por sorte do Escrutino tocava a hum de nossos melhores, e mais distinctos Socios. Substituir às vezes de hum homem sabio, eloquente, e erudito; ás vezes de hum Elpino Nonacriense (*), não he pezo com que possão meus hombros. Para commetter tão ardua empreza, ne-

cef-

(*) *O Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva.*

cessitava de mais brilhantes armas. Longo estudo ; profunda erudição ; hum vasto conhecimento dos Authores mais versados , e de melhores tempos ; huma natural elegancia , e delicada pureza de linguagem , são predicados , e talentos que não descubro em mim , e os que só me podião desculpar a confiança , com que me sacrifiquei a tão difficil empenho. A gloria de obedecer-vos he a unica , e feliz circumstancia que me anima , e me promette a indulgencia , de que me fazia talvez indigno meu atrevimento. Senão satisfaço , ao menos obedeço.

Entre as solidas maximas , com que Horacio pertende formar hum bom Poeta , não he , como vós sabeis , menos importante a imitação : não fallo da imitação da Natureza ; mas da imitação dos bons Authores : daquella imitação , a qual deve a Arcadia sua grande reputação , e não pequena parte dos honrados Elogios , com que foi recebida de nossos mais prudentes , e doutos Patricios , e que ha de espalhar seu nome pelas Nações estrangeiras. Este foi em todos os seculos , e será em todas as idades , o maior segredo de tão divina Arte. Os Gregos , e os Latinos , que dia , e noite não devemos largar das mãos estes soberbos Originaes , são a unica fonte de que manão boas Odes , boas Tragedias , e excellentes Epopeas. Este he o verdadeiro genio , a que o vulgo chama *Veia*

*Po-*

*Poetica*, e os doutos *Enthusiasmo*. Muito póde o espirito humano! Mas nunca terá força para subir tão alto, senão for pela estrada que trilhárão os Antigos Poetas, e Oradores. Entre nós, depois que acabárão os bons dias da Poesia Portugueza, poucos forão os que penetrárão semelhante mysterio, do que são miseraveis testemunhas as Obras dos Seiscentistas. Guardava o Ceo para a Arcadia a honra, e a vaidade de erguer esta bandeira, e levar comsigo seus Compatriotas. Hoje todos desejão imitar os Antigos, todos estudão pelos Gregos, pelos Latinos, e pelos nossos bons Authores; mas fugindo de Scylla, quantos várão em Carybdes? Querem ser imitadores, e não passão de huns humildes Plagiarios.

Para evitar tão depravado extremo, nos recommenda Horacio o modo, com que devem ser imitados os Antigos; e ainda que neste lugar estabeleça outras regras para conseguirmos tão desejado fim; a mim me pareceo, olhando para o vicio mais commum, que devia escolher para assumpto as poucas, mas importantes palavras, com que tão grande Critico nos ensina a imitar, e nos mostra o perigo, de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem huma má traducção désta, ou aquella imagem de tão grande Poeta; e escravos de suas palavras, não passão de traductores. Não imi-

imitão, roubão, e despedação as Obras alheias: desfigurão o que lhes agradou, como se tomassem por empreza fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermão tantos, quantas são as Obras, que todos os dias apparecem cheias de lugares dos Poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. He tão forte a preoccupação, de que nascem tão lastimosas desordens, que muitos com vaidade, e com soberba apontão, e mostrão os pensamentos, ou idéas, que roubárão, ou traduzírão.

Esta epidemia, que talvez reinava no tempo de Horacio, lhe deo razão para advertir aos Poetas dos vicios de que devião fugir, quando quizessem imitar, recommendando-lhes, que não traduzissem palavra por palavra, como hum fiel Interprete: assim explicão este lugar os melhores Commentadores da sua Poetica. E não sei com que razão o Traductor Portuguez trabalha por mostrar, que Horacio nestas palavras dá regras para as traducções, julgo que a ninguem deixará de parecer obvio, e natural o sentido do texto, tão livre de anfibologia. Todos sabem que Horacio, ainda quando parece passar de humas para outras cousas, guarda o melhor methodo, e conserva o fio da sua doutrina. Dom, que não podia faltar em hum tão grande Lirico acostumado ás digresões, que parecendo-lhe alheias do as-

assumpto; nascem delle, e o deixão mais brilhante, magestoso, e sublime.

Não falta quem compare os Poetas com os Navegantes. A agulha, que lhes mostra os rumos, he a estrella que os guia, e leva a salvamento: sem ella serião mais frequentes os naufragios, e não poucas vezes os que demandassem remotas praias, não voltarião com a feliz noticia de novos Continentes. O Poeta, que não seguir aos Antigos, perderá de todo o norte, e não poderá já mais alcançar aquella força, energia, e magestade, com que nos retratão o formoso, e angelico semblante da Natureza.

Devemos imitar, e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horacio, no-lo dicta a razão, e o confessa todo o Mundo Literario. Mas esta doutrina, este bom conselho, devemos abraçallo, e seguillo de modo, que mais pareça que o rejeitamos, isto he, imitando, e não traduzindo. Os Poetas devem ser imitados nas fabulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita, deve fazer seu o que imita: se imito a fabula, devo conservar a acção, ou alma da fabula; mas devo variar de fórma os Episodios, que pareça outra nova, e minha: se imito as pinturas, não devo no meu Poema introduzir hum Polyfemo; mas do painel deste Gigante posso tirar as cores para hum Adamastor: se imito o estilo, não devo servir-me

das

das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem Portugueza termos equivalentes, energicos, e mageſtoſos, ſem torcer as fraſes, nem adoptar barbariſmos.

Olhando para a prática dos Latinos, e bons modernos, achamos religioſamente guardados eſtes preceitos. Aſſim imita Virgilio a Homero na ſua Eneida: aſſim imita a Teocrito na ſua Bocolica. Aſſim imitou Camões a Virgilio: Antonio Ferreira, a Horacio: Sophocles a Theocrito: Bion a Moſeo. Todos conhecem o Original que achou Ovidio em Euripedes para formar a ſoberba pintura do Carro de Faetonte; nos conſelhos com que o Pai encaminhou a reſolução do filho; do cuidado com que ſe aſſuſta; e da paternal miſericordia, com que prantea a deſgraça do atrevido Mancebo. Quando em idade mais adulta obſervamos mais attentamente eſtes formoſos Aſtros da Poeſia, ſenão foſſe irrefragavel a Chronología, ſenão conſtaſſe da Hiſtoria, poderiamos duvidar de quem era o Original; aſſim como tem havido quem ponha em problema, qual das duas Nações merece a primazia?

Se fallaſſe com homens menos inſtruidos, canſar-me-hia em confrontar as Cópias com os Originaes; os Latinos com os Gregos; os Portuguezes com huns, e outros. Mas na preſença de Arcades não me atrevo a moſtrar com o cabedal meu o que tem feito

tre-

trevial a innundação de Poeticas, e Rhetoricas; que já cansão o espirito mais ávido de erudição, e mais cubiçoso de sciencia.

Não pareça que levado desta doutrina, quero dizer, do muito que Horacio, e todos os bons Criticos recommendão a imitação dos Antigos, tiro por consequencia, que o Poeta não deve dar hum passo livre, e que não póde adornar seus Poemas com pinturas, de que não conheça Originaes. Bem será que não chegue a perdellos de vista; mas seguindo este rumo, póde largar as vélas á sua fantasia, e voar até descubrir novós Mundos. Feliz aquelle, que não só imita, mas excede ao seu Original. Virgilio não poucas vezes cortou esta palma, excedendo na concepção, e energía a abundancia do Poeta que imitava. Nas poucas palavras deste eméstichio *Jovis omnia plena*, abrangeo as circumstancias, com que Aracto descreve a Omnipotencia: outras vezes applicando, e vestindo de mais formosas cores a imagem que imitava, como nestes versos:

*Olli dura quies oculos, & ferrus urget*
*Somnus in eternam claudientur lumina noctem,*

nos quaes accrescentou magestade á magestade de Homero. Algumas vezes servindo-se dos Oradores Gregos, dava a seus pensamentos a luz, e pompa da Poesia, como neste verso:

Aut

*Aut furiis Caci mens effera, nequid inausum*
*Aut intentatum scelerisve dolive fuisset:*

que os Criticos conhecem ser imitação de outra semelhante sentença de Demosthenes, ou de Eschines. Esta generosa liberdade concede Horacio aos Poetas; e tanto se não envergonha, que se jacta de havella tomado, quando fallando dos Imitadores servís, disse de si mesmo:

*Oh imitatores servum pecus, ut mihi sæpe*
*Bilem, sæpe jocum vestri movere tumultus*
*Libera per vacuum posui vestigia princeps,*
*Non aliena meo pressi pede; qui sibi fidit*
*Dum regit examen.*

Solto de tão pezada escravidão, imita o mesmo Horacio o Lirico Grego, sendo em muitos lugares conhecidamente superior a Pindaro. Quantas vezes a simples mudança de huma palavra afformosea hum verso, de fórma, que parece não só outro, mas fica na verdade melhor. He bem conhecido o verso de Euripedes, que se lê em Sophocles, sem mais differença que a de hum vocabulo; mas tão differente, que nada tem Sophocles que restituir a Euripedes, nem Euripedes que pedir a Sophocles.

Eis-aqui o que não penetrão a maior parte dos nossos Poetas, pois adorão com tal superstição seus antigos Originaes, que queren-

rendo imitallos, não tem valor para mudar huma ſyllaba, quanto mais huma palavra. Sobem pela eſtrada, que pizárão noſſos bons Poetas; ſeguem as pizadas dos Latinos, e dos Gregos; mas tão cobardes, e medroſos, que tarde, ou nunca chegaráõ aonde elles ſubírão. Semelhantes ao deſgraçado caminhante, que em huma tenebroſa noite piza o caminho tão carregado de ſuſto, que finalmente tropeça, cahe, e ſe precipita.

O Poeta he ſenhor da materia de que trata: ſe a invenção he toda ſua, póde formalla como lhe parecer; ſe a pedio empreſtada a algum dos antigos Poetas, deve, quanto lhe for poſſivel, reduzilla a tão nova figura, que pareça outra, e que fique ſendo ſempre a meſma.

ORA-

# ORAÇÃO PRIMEIRA,

EM QUE INTIMA, E PERSUADE AOS

# ARCADES

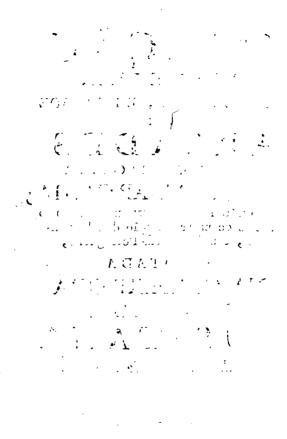
SE INTERESSEM EM CUMPRIR

AS LEIS DA ARCADIA;

QUE ERÃO EMPENHAREM-SE COM TODO o esforço na reſtauração da Eloquencia, e antiga Poeſia Portugueza,

RECITADA

# NA CONFERENCIA DA ARCADIA LUSITANA

*No dia* 8. *de Maio de* 1758.

# NOBILISSIMOS, E SAPIENTISSIMOS ARCADES.

SE a opulencia da materia póde fertilizar a idéa do Orador, se lhe póde dar força, energía, e elegancia para mover, para arrebatar, e para persuadir, certo estou eu, ó Arcades, de que hoje poderei com minha Oração dominar vossos animos, ganhar vossa attenção, e benevolencia.

Sois Arcades, sois Portuguezes. Falla comvosco hum compatriota, e não pertende mais, do que obrigar-vos a cumprir o que dispõem as leis da Arcadia; o que exige a vossa honra, e o que se deve á gloria da Nação, do Estado, e do Principe.

Já vejo que todos estais suspensos, e que talvez não falta quem diga: que ho-

mem he efte, que fempre excogita para affumpto das fuas Orações objectos fantafticos? Que nos accufa de crimes, que nós não commettemos, e que devendo aprender comnofco a Orar, tem degenerado em declamador? Mas tambem eu, ó Arcades, vos pergunto: e fe efte Declamador vos narrar factos inconteftaveis, fe produzir documentos authenticos, fe tratar de huma materia per fi mefma grande, magnifica, e capaz de levantar a reputação da Arcadia, chamar-meheis Orador? Confeffareis, que tenho aprendido comvofco? Que vos imito? E que mereço fer admittido a fallar em voffa prefença? Pois, Arcades, hoje não quero fenão moftrar-vos, que o pacifico, e profpero Reinado do noffo Clementiffimo Soberano eftá clamando, que cumpramos o que promettemos; quero dizer, que féria, e inalteravelmente nos appliquemos com todas as noffas forças ao honrado trabalho de reftaurarmos a Eloquencia, e Poefia Portugueza.

Sem a fundação de huma Arcadia fería impraticavel o magnifico projecto de reftaurar eftas duas Divinas Artes: Artes, em que fe apoia a duração da Sociedade; de que depende a memoria dos homens illuftres; e não poucas vezes, a confervação da Republica; ifto reconhecêrão os Medicis, as Criftinas, os Pedros Grandes; Luiz XIV. e D. João o V. Que importa que entre huma

ma congregação de homens, ou barbaros, ou ignorantes, haja hum Homero, ou hum Demosthenes? Isto fará que religiosamente se guarde a pureza da linguagem, a energía da dicção, ou verosimilidade de pensamentos? Persuado-me que este homem será obrigado a calar-se, a esconder as suas Obras, e a suspirar no seu gabinete, em quanto o resto da Nação prostitue o credito de todos, divulgando escritos de que os Estrangeiros ou zombem, ou se compadeção.

Corre o tempo; ateia-se a epidemía; desprezão-se os bons Authores; não vale o exemplo da Antiguidade; apaga-se a memoria da Arte; e finalmente se transforma o genio da Nação. Se no fim desta Epoca apparecesse huma Alma capaz de atalhar o damno, acha já com tantas forças o Inimigo, que ainda que adquira a honra de atacallo, raras vezes cólhe os louros do triunfo. São tão frequentes, e talvez tão domesticos os exemplos, que não devo respeitallos. Prouvera Deos, ó Arcades, que ainda hoje em Portugal não avultassem mais as ruinas deste geral destroço, do que as miseraveis reliquias da restituida Lisboa. Só huma Academia, huma Sociedade de homens sabios, zelosos do bem, e da honra da sua Patria, he o Alexandre que póde cortar este Nó Gordiano, he o Achilles de que pende a expugnação de Troia.

Vós mesmos, Senhores, conhecestes a força desta maxima; vós a adoptastes; e vós a tendes felizmente praticado. Mas não reparais, Senhores, que esta empreza he trabalho de hum Rei sabio, de hum Rei grande? Nós podiamos soffrer sobre nossos hombros pezo tão formidavel? Não, Senhores: a outro se deve a restauração da Eloquencia, e da Poesia. Hum Soberano, que Deos creou para Pai de seus Vassallos; hum Principe, que nós amamos, e que nos ama; hum Rei tão grande, que não necessita de conquistas para fazer respeitado seu Augusto Nome; hum genio clementissimo, amante da Paz, e das Sciencias: este foi o novo Astro, que influio tão gloriosa revolução no Portugal Literario. A Paz, santissima Paz, Dom Celestial: Tu que affugentas os vicios, que conservas a Religião, que produzes a abundancia, que defendes a honestidade, que animas as Artes, e Sciencias: a Paz, a ti, santissima Paz, devemos o felicissimo Reinado do Amabilissimo Augusto Portuguez: Tu no-lo conservas, Tu fazes gozar da pública tranquillidade, de que necessitão as Sciencias, e as Artes.

Não vos pareça, ó Arcades, que hum Soberano só protege as Academias: mandou-lhe passar hum Alvará, e huma Provisão Régia. Talvez que esta protecção não seja a mais efficaz. Enche de vaidade os Mem-

bros

bros da Academía ; e honrados com titulo, adormecem, desprezão a gloria, que só adquirem com o trabalho ; esquece-se a instituição, e se se ajuntão, não se colhe de suas Assembléas mais fruto do que o apparato. A verdadeira protecção consiste na tranquillidade pública, na Paz, e na abundancia.

Agora provar-vos-hei, ó Arcades, que devemos esta venturosa situação á sabedoria do nosso Augustissimo Soberano. Mostrarei que restaurou, ou para melhor dizer, que fundou o Commercio : aquelle admiravel apoio da Monarchia, de que pendem as forças da Nação, a magnificencia do Principe, e a reputação do Estado : aquelle negocio fundado na boa fé, e na verdade ; aquelle, que honrão as Leis ; aquelle, que tem feito gloriosas, e florentes tantas Monarchias, deverei provar, que este grande Rei para sustentar o novo Commercio lhe franqueou os meios de formarem tão importantes fundos ; que concedeo Privilegios, e que lhe deo Navios.

Vós não sabeis, ó Arcades, para que se fundou hum Tribunal de Commercio. Quem ignora a severidade, com que se prohibírão os contrabandos ? E a magnificencia com que se fundárão Fabricas ? Pois a que se dirigia todo este apparato ! Que desejava o Coração deste Amabilissimo Principe ? Não era a nossa tranquillidade, a pública abundancia,

e a segurança do Estado? E se faltasse este apoio ás Artes, e ás Sciencias; quem poderia restabelecellas? Qual sería o Alcides, que vencesse este trabalho? Se hum Principe imprudente, ou ambicioso, desejasse as Provincias alheias; se para devastallas, ou para possuillas levantasse numerosos Exercitos, lançasse pezados tributos, fizesse innumeraveis reclutas: se nos estrugisse a Artilheria; se nos incommodassem os quarteis; se nos algemassem os Inimigos, quem estudaria? Quaes serião nossos versos? Que força teria a Eloquencia Portugueza?

Sem revolvermos muitos livros, fictando a nossa contemplação unicamente na Historia das Letras, acharemos com facilidade, que os bons seculos nascêrão nos braços da Paz; durárão, em quanto durou a tranquillidade pública; e acabárão, tanto que se arvorou o Estandarte da Guerra. Grecia, Roma, Italia, França, e Portugal ainda nos offerecem em seus Annaes incontestaveis exemplos desta verdade. Quem fez emmudecer a lingua de Cicero, senão quem destruio a Paz, aquella mesma Paz, que talvez se devia em grande parte á Eloquencia do Orador. Finalmente, para que me canso em amplificar o que vós sabeis, e huma materia, que para ser grande, e magestosa, não necessita nem dos adornos, nem dos auxilios da Rhetorica.

Mas,

Mas, ó Arcades, se nós conhecemos esta verdade, senão somos tão ingratos, que neguemos este beneficio, para que nos esquecemos da nossa obrigação? Que esperamos? Que nos acobarda? Que nos prende? Não deixemos, Senhores, não deixemos passar inutilmente hum tempo tão precioso: agora, agora he que devemos honrar-nos de sermos Arcades, de cumprirmos o que devemos a hum Principe tão digno de ser honrado. He, Arcades, he tempo de lhe pagarmos tanto beneficio; não como nós devemos, mas como nós podemos. Trabalhemos seriamente em adiantar os progressos de tão illustres faculdades. Façamos tão glorioso, quanto he feliz o seculo de D. José o I.

Aquí deveria eu propôr-vos o methodo de conseguirmos esta empreza, e de verificarmos tão soberbas esperanças; mas eu fallo com Arcades, fallo comvosco, que bem sabeis qual he a estrada, que devemos seguir para adiantar o progresso de tão Illustre Sociedade.

Frequentar as Assembléas he sem dúvida a primeira pedra deste sumptuoso edificio; mas frequentar sem methodo, e sem proveito, he deixar a máquina sem alicerses. Qual seja, ou qual devia ser este methodo, he materia para que não bastão as minhas forças. Depende de que todos nos ajuntemos, de que cada hum com ingenuidade pro-

po-

ponha o seu arbitrio, de que se tome a mais prudente resolução; e de que se observe constante, e religiosamente o systema, que sahir approvado.

Mas para que me canso, ó Arcades? Quem dá ouvidos á Oração do Presidente? Ou quem lhe deo authoridade para deliberar? Basta fazer hum discurso em louvor da Academia; ou para melhor dizer, basta enganalla com detestaveis lisonjas; não he este negocio tão sincero, que mereça mais ponderação, do que soffrer hum Papel em prosa, que sempre he fastidioso; e muitos são de parecer que se devem supprimir, pois não servem de mais do que de fazer compridas as lições.

Ah, Senhores, que violento furor, que ira, que indignação me não possue, quando me lembro, que estes pensamentos nascem entre homens sabios, entre nós, entre Arcades! Queremos restaurar a Eloquencia, e não podemos soffrer que se exercite! Bastará ler Cicero, Quintiliano, e Aristoteles para se formar hum Orador? Sabe os nomes dos Tropos, e das Figuras, sabe o que he Exordio, e póde orar? E Cicero tremia, porque lhe faltava o exercicio.

Perdoai, ó Arcades, esta liberdade, que he filha do zelo, com que amo a vossa reputação, e o credito da nossa Arcadia: se quizerdes refrear o meu atrevimento, vede

que

que he ſincero, e juſto cumprir o que promettestes de ſer util á Nação, fazendo honra á Patria. A venturoſa Paz he o principal, digno objecto; pois nos conſerva noſſo clementiſſimo Rei, e por elle nos vem as felicidades de que gozamos, a tranquillidade pública, os preſentes, e futuros intereſſes para eſta Monarchia: tudo, Arcades, tudo iſto argue, e vos obriga, porque aſſim o promettestes; e quem não dirá não ſerdes obrigados a cumprir voſſa palavra?

Diſſe.

# ORAÇÃO SEGUNDA,

EM QUE DECLAMA CONTRA

A FALTA DA APPLICAÇÃO

DOS

# ARCADES AOS ESTUDOS,

NOTANDO-OS ESQUECIDOS

já das Leis da ſua Empreza, e obrigações dos ſeus Eſtatutos,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

# LUSITANA

*No dia 30. de Junho de 1759.*

# AMANTISSIMOS,

E

# SAPIENTISSIMOS

# SENHORES.

SE as circumſtancias do lugar, e a diſtinção dos ouvintes podem aſſuſtar alguma vez o animo do Orador, que cobarde, que temeroſo não venho hoje fallar na voſſa preſença? Não houve preceito que me obrigaſſe: não he a abundancia, que me deſculpa: nem o eſcrutinio, nem a voſſa eleição me nomeárão Preſidente. Quem deixará de accuſar a minha affoiteza, e o meu atrevimento? Parece-me, que ainda que a modeſtia, que governa as voſſas acções, vos obriga a dares-me attenção, não ſe livrará de eſtranhar a voſſa idéa, que hum homem deſtituido de todos os talentos, e tão pouco verſado em materias de Elo-

Eloquencia, não tenha pejo de frequentar huma Cadeirá, em que desmaiarião os Ciceros, e os Demosthenes. E quanto será mais pezada vossa reprehensão, se souberdes, ó Arcades, que me venho substituir?

Confesso-vos, Senhores, que esta reflexão me envergonha, e me confunde. O profundo conhecimento da Arte de Orar; a pureza, e energía da frase; a sublimidade dos pensamentos; a boa ordem; a vasta erudição do nosso sabio Pastor Matalezio Klasmeno, não são estes talentos humas das mais solidas Columnas, em que se apoia, e em que descança a gloria, e a honra da Arcadia? E se eu tenho que supprir a falta deste famoso Pastor; se voluntariamente tomei sobre meus hombros este formidavel pézo, como poderei conseguillo? Quem deixará de estranhallo? Ou qual de vós será tão indulgente, que se abstenha de reprehender-me? Assim he, ó Arcades. Mas se a importancia da materia póde, de algum modo, relevar a baixeza do estilo, a falta de disposição, e de vehemencia, procurando assim com minha Oração interessar-vos no adiantamento da reputação da Arcadia; se vos descubrir o caminho, que deveis trilhar para alcançardes maior Nome (se he possivel) e mais honrada fama, porque me não ouvireis? Quantas vezes não vemos nós em inexpertos praticantes governarem com felici-

da-

dade o mesmo leme, que tocaria os cachopos, na mão dos mais famosos Pilotos? Logo que fundámos esta nossa Sociedade, me interessei tanto nos seus progressos, como se a causa fosse só minha. Trabalhei comvosco quanto o permittião minhas débeis forças. Tentámos aquelles caminhos, que nossos Compatriotas ou desprezavão, ou não conhecião. Fizemo-nos famosos, conseguimos que o Menalo seja nomeado com admiração, e com respeito: que se leião, que se busquem, e que se estimem nossas Obras. Assim he, ó Arcades; mas seja-me licito perguntar-vos: e está assim satisfeita a nossa obrigação? Não era o nosso projecto restabelecer a boa Poesia, e a verdadeira Eloquencia pelo meio da mais severa crítica? A invenção da nossa empreza está verificada? Teve já a sua devida observancia entre nós? Sujeitámos á crítica nossos Escritos sem aborrecermos nossos Censores? Reina entre nós aquella sinceridade, com que reciprocamente devemos despir-nos de paixões particulares, e sacrificar-mo-nos, e nossos estudos á causa commua, á honra da Patria, e á gloria da Academia? Não sou eu, ó Arcades, tão lisonjeiro, que me atreva a dizer-vos, que está completo este grande Projecto; que pelejamos, e que vencemos. Não, Senhores, antes sinceramente vos confesso, que não levantando nunca de semelhante

 pon-

ponto a minha contemplação, cheguei a persuadir-me, que hum certo espirito de vaidade, huma quasi invencivel negligencia, huma certa cobardia, que nos ata, e que nos prende, nos precipita a cahirmos em reprehensivel lethargo, e reiterados absurdos. Parece-me que temos nas mãos a Planta de huma populosa Cidade; que abrimos n'uma parte hum profundo alicerse, que levantamos na outra huma soberba columna. Está cortada a pedra para a grande obra: não faltão os obreiros; e talvez sobejem os Architectos; mas a pezar de todo este magnifico apparato a Cidade não póde alojar os habitantès de huma Aldeia! E quem susterá o riso, vendo este ridiculo painel? Chamar-me-heis insolente, porque vo-lo ponho diante de vossos olhos? Assim o julgaria a malicia, ou a desconfiança, se eu não apparecesse na scena, senão fosse Actor da Tragedia.

Permitti-me, Senhores, que discorrendo em tão importante materia, possa fallar livremente, possa dizer o que entendo. O Projecto do estabelecimento da Arcadia foi grande, foi magestoso, foi util, e era necessario. Os Estatutos, com que ella se fundou erão sólidos, apoiados na razão, e na prudencia, e concernentes ao glorioso fim, a que se dirigio o nosso trabalho, e a nossa esperança. Os animos estavão dispostos, ou ao menos os semblantes: chegou a de-

se-

fejada occaſião, mudárão-ſe os Baſtidores, deſappareceo a ſinceridade, confundio-ſe a boa ordem, enchemo-nos de hum terror pânico, não pudemos ſoffrer a crítica; apoderou-ſe de nós a ſoberba, creſceo o odio, e ſenão ſe reformaſſe a lei, já então ficaria deſpovoada a Arcadia, o Menalo ſem Paſtores, e nós em vez de amigos, e de Companheiros, jurados inimigos huns dos outros.

Que fatal exemplo da inconſtancia, e da fragilidade dos homens! Serenou-ſe a tempeſtade, ficámos contentes, e ſatisfeitos; porque ficámos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo; livres da cuſtoſa obrigação de diſcernirmos o falſo do verdadeiro, ſenhores abſolutos do Parnaſo, com a ampliſſima faculdade de infringirmos, caſſarmos, ou derogarmos as mais precioſas Leis da Poetica, e da Rhetorica. E que fizemos? Clamavamos contra os miſeraveis Seiſcentiſtas, contra o máo goſto da Nação: choravamos pelos bemaventurados dias de Camões, de Bernardes, e de Ferreira: compravamos a todo o cuſto as ſuas Obras, como que foſſe o meſmo tellas, que imitallas. Entrámos a chamar Ode ao que era Idillio, e Idillio ao que era Satyra, Satyra ao que era Dithyrambo: n'uma palavra, corria com paſſos tão accelerados a noſſa decadencia, que já pareceia inevitavel a ultima

 rui-

ruina, ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio destes damnos.

Aquelles pomposos designios de domar o genio da Naçáo, fazendo que a crítica fosse recebida como conselho, e náo como offensa, aquella magnífica idéa de banir da Poesia Portugueza o inutil adorno de palavras empolladas; conceitos estudados; frequentes antitezes; metaforas exorbitantes, e hyperboles sem modo; introduzindo em nossos versos o delicioso, e appetecido Ar da nobre simplicidade, foráo os dous Pólos que primeiro perdemos de vista. Erguêráo a cabeça esses mesmos Vicios, que promettiamos, e juravamos reformar, ou reprimir, ficando tolerados ou por inercia, ou por cobardia, ao mesmo passo que o Podáo pintado em o nosso Escudo ameaçava, ou fazia rir aos estranhos.

Náo vos pareça, ó Arcades, que debaixo destas palavras em lugar de hum verdadeiro zelò, que me move, e que me atormenta, se encobre ou o veneno da Satyra, ou huma simulada malidicencia. Náo, Senhores, sou eu o primeiro que, a pezar destas desordens, conheço, admiro, e divulgo as rarissimas bellezas Poeticas, que brilháo em nossos Escritores; os sublimes talentos, de que sois dotados: confesso sem o menor espirito de adulaçáo, que muitas de vossas composiçóes podem dar aos nossos con-

tem-

temporaneos huma clara idéa da boa Poesia, e da verdadeira Eloquencia; mas isto, Senhores, não basta, nós promettemos mais, não nos ajuntamos para as cousas ficarem no seu antigo estado. Serdes vós grandes Poetas, e grandes Oradores, e ser eu mediocre em qualquer destas duas faculdades, he hum fenomeno, que appareceria, ainda que não houvesse Arcadia; e talvez que menos injuriosa me sería a minha ignorancia, se livre de funções de Academia, deixasse de expôr ao público a minha incapacidade.

Desta lastimosa falta, que eu lamento, e de que talvez se queixaráõ, outra nasce, e he, Arcades, da reprehensivel indolencia, que reina entre nós. Entregues a huma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias, como se não tivessemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como senão houvessemos de dar conta ao público do tempo, que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeitos, que nos arrastão, e nos constrangem a commettermos estes abusos. Se eu clamar, que approvei este, ou aquelle Poema, porque era do meu Amigo, ficará desculpado o Author? Haverá homem prudente, que approve o meu froxo procedimento? Se eu não quiz sujeitar á censura os meus Escritos, porque cheio de amor pro-

prio,

prio, e de soberba, julguei que não havia na Arcadia quem devesse ter o atrevimento de censurar-me haverá quem se não ria de mim? Será bastante Apologia divulgar que ninguem na Arcadia faz melhores os Versos do que eu? Não acharei quem me responda, que dahi o que se segue, he que todos somos pessimos Poetas? Certamente, que estes presagios não he preciso conhecer as Estrellas, para poder annunciallos.

A experiencia acaba de mostrar-nos, que se o uso da critica se tivesse conservado em seu vigor, serião dignos de honra, e de louvor os progressos da Arcadia. Quem foi tão barbaro, que deixasse de estimar, que o Collegio Censorio estivesse patente para rever, e purificar as Obras, que queremos imprimir? Não ficamos desenganados de que a censura não era o Patibulo? E que em vez de enfamia, resultava della maior credito a quem por este meio dava aos seus escritos o ultimo verniz? Reprovárão-me a minha composição, e que injuria me fizerão? Livrárão-me de ser eternamente a fabula do Povo; e de ter nos exemplares da collecção hum Espectro, que me vexasse, que me perseguisse, e que me atormentasse. Advertírão-me, como Amigos; e entre os estranhos acharia crueis, e innumeraveis Radamantos. Cahiria sobre mim a formidavel chusma de espiritos insolentes, e ociosos,

que

que se sevão, e parece que se nutrem de criticar, ou para melhor dizer, motejar, e detrahir quanto se escreve, que não perdoão huma virgula, e que sabem de côr as regras da Grammatica, e da Orthografia: aquelles, que tem na sua mão a craveira dos juizos, e que só approvão as Obras de seus Amigos.

Estareis talvez persuadidos, de que estou satisfeito de mostrar-vos, que a critica he o unico meio, que temos de conseguir, que cheguem á posteridade nossos Escritos, e que frequentando mais as censuras, poderemos atalhar estas desordens, e avançar a nossa reputação. Mas eu ainda olho para mais longe; ainda vos peço maior refórma. Não basta criticar o que se faz, he preciso ensinar o que se ha de fazer. Sim, Sapientissimos Arcades, he preciso que nos appliquemos com methodo, e com frequencia a explicar as regras mais difficultosas da Poesia, e da Rhetorica, de sorte, que qualquer de nossos Socios possa conceber huma clara idéa destas faculdades, e seguir huma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas composições de nossos Pastores a mesma pureza da lingua, e a mesma graça de estilo, a mesma magnificencia de imagens, a mesma perfeição d' Arte; n' uma palavra, o mesmo gosto, e até, se possivel fosse, o mesmo genio. Então seria

ría util a Academia, então poderiamos jactar-nos de sermos os Fundadores de tão sumptuoso Edificio; então confessarião nossos Compatriotas, que faziamos o seculo do nosso adorado, e Clementissimo Soberano mais distinto, e mais famoso do que o de Augusto, de Pedro Grande, e de Luiz XIV.

Para conseguirmos este glorioso fim, não será preciso que cada hum de nós componha huma Poetica, ou huma Rhetorica: as mesmas Dissertações, que os Arbitros repetem nas Conferencias, e a Oração de Presidente, havendo a providencia de lhe ter distribuido a materia por pontos, ou questões, que tenhão connexão humas com as outras, poderão conduzir-nos tão longe sem que cheguemos cansados, ou que desmaiemos no caminho. O fruto, que se deve esperar deste trabalho, he certamente inextimavel, e eu vos prometto que chegueis a colhello, se approvando o meu arbitrio, nos levantarmos do vergonhoso lethargo, em que jaziamos.

Não creio que haja entre nós quem me pertenda reclamar a liberdade, com que foi fundada esta Academia: circumstancia, com que ouvi já qualificar a sua excellencia, ou talvez arrogar-lhe a primazia. Quem não vê quanto he mais util, e proveitoso tratar com methodo esta, ou aquella faculdade, do que hoje disputar sobre a Tragedia, á ma-

nhã

nhã sobre a Historia; depois tratar das Eclogas, e logo de questões de Orador? Que mais poderia fazer quem tivesse o malvado designio de atormentar a memoria, e o juizo dos ouvintes? O agrado que traz comsigo a variedade, e que tem já passado o axioma, he a perniciosa origem de que nascem estas desordens. E que terriveis damnos não tem ella causado na República das Letras? Com tão exquisita doutrina se resolvêrão Poetas Dramaticos a misturar o Sôcco com o Cothurno: foi o berço da Tragicomedia, dos Acrosticos, e dos Labyrinthos, verdadeiros monstros, a que bem podemos chamar *Sonhos de hum doente*.

E que estes vicios reinassem entre o Vulgo, que fossem sustentados por medíocres Poetas, ou para melhor dizer, espurios Trovadores, não me admirára; mas que huma companhia de homens doutos, que se levantou para restaurar o *bom gôsto*, haja de adoptar os mesmos dogmas, e que não trabalhe quanto póde, e como deve para conseguir o que prometteo, he o mesmo que abrirem-se os montes, e sahir hum ridiculo ratinho.

Que General será tão louco, que emprenda tomar huma Praça sem dispôr o sitio, formar as linhas, montar as baterias, avançar os aproxes, bater a brécha, e escalar as muralhas; bastará dizer, que vai render

der Bergopzoom? Haverá quem o creia, vendo que o Exercito á vista dos muros ameaçados, consome os dias em jogos, e banquetes? Que reina no campo hum profundo socego, como se estivessem em segura paz; e que apenas ha quem se lembre do projecto?

Não adormeçamos, ó Arcades, ao som de huma aura popular, que hoje nos levanta ás estrellas, e á manhã nos ha de precipitar no abysmo, sendo a primeira, que cruelmente devore a nossa reputação. Estes applausos são nuvens, que qualquer Zefiro as dissipa. Cuidemos estabelecer a nossa memoria em mais solidas columnas, que resistindo á força do tempo, possão transmittillas á posteridade. Que proveito me resulta de que ou por ignorancia, ou por ceremonia, gavem alguma composição minha, se eu mesmo agitado de huma especie de recurso, desconfio dos applausos, e sinto as dores de que anda achacado o papel?

Evitemos este dissabor com o remedio da critica; e para que haja tempo, em que nem della necessitemos, tratai de formar hum systema de bom gosto pelas mais irrefragaveis regras da Poesia, e da Eloquencia. Illustremse os Aristoteles, os Demosthenes, os Longinos, os Horacios, os Ciceros, e os Quintillianos: seja este nosso trabalho, e nossa occupação. Ponhamos em mais socego as Mu-

sas;

ſas ; deixemo-las reſtaurar as forças , que eſtão canſadas de tão contínuas tarefas. Appareção depois mais fortes , mais engraçadas , e mais dignas de aſſiſtirem com novo alento á ſombra dos pinheiros do Menalo.

Eis-aqui , ó Arcades , as idéas , que ha muito revolvo na memoria ; até que inſtigado do zelo , com que eſtimo a voſſa reputação , não ſube guardar em ſegredo , perſuadindo-me que era culpavel hum ſilencio de que reſultava tanto prejuizo á gloria commua deſta Sociedade. Dar-me-hei por bem pago do meu deſejo , ou por abſoluto da minha audacia , ſe for tão feliz , que chegue a ver , que vós , compadecidos da minha incapacidade , entrais no projecto de inſtruir-me , e que o público reconhecendo que cumpris o que promettteſtes , vos honre com os ſoberbos titulos de *Bons Compatriotas* , de *Verdadeiros Sabios* , de *Reſtauradores do Credito* , e *Gloria da Nação*.

ORA-

# ORAÇÃO
## TERCEIRA,
EM QUE SE PERSUADE
OS BEM DEVIDOS LOUVORES
DO NOSSO
# SOBERANO,
SEMPRE AUGUSTO,
E
## FIDELISSIMO,
RECITADA
## NA CONFERENCIA
## DA ARCADIA
# LUSITANA
*No dia 4. de Março de 1763.*

Onfesso-vos, Illustrissimos, Sapientissimos, e Amabilissimos Senhores, que eu me vejo confuso, perplexo, e cheio de temor, todas as vezes, que tenho que discorrer na vossa presença. Conheço, que vós me puzestes neste lugar não só para sondardes a minha insufficiencia, mas tambem para me promoverdes a maiores estudos. Sei qual he para comigo a vossa indulgencia; que desculpais os meus erros, e que me haveis acudir com as vossas lições. Tudo isto sei, tudo vos agradeço; mas nada disto he bastante para vencer o meu justo receio: nada disto apaga a vehemente idéa, que tenho concebido da vossa erudição, dos vossos rarissimos talentos. Vejo-me na presença dos melhores Poetas, dos melhores Oradores, dos melhores Filosofos, dos melhores Criticos: n' uma palavra, na vossa presença.

Que

Que posso eu dizer, que seja digno de huma Assembléa tão conspicua? Não, Senhores, recitai as vossas composições, e contentai-vos de que eu as escute, que não farei pouco se comprehender bem todas as maravilhosas bellezas de vosso elegante, energico, e magestoso estilo. Se o vosso projecto he reformar a Poesia, purificar a lingua Portugueza, restaurar a Arte de Orar; estabelecer hum systema de bom gosto, pelo meio de huma prudente critica, com que póde contribuir para tão glorioso fim o meu fraco discurso? O meu depravado gosto? E o meu grosseiro estilo? Mas se em *fim*, Senhores, he indispensavel que eu cumpra as obrigações deste lugar; senão he licito subtrahir-me ao cargo de fallar hoje na vossa presença; se devo dizer alguma cousa, que seja digna da vossa attenção, resolvome a ministrar-vos materia para vossas composições. Corra por vossa conta o revestilla de sublimidade de pensamentos, de energia, de dicção, e de boa economia da Fabula, que erige a grandeza do assumpto.

Tendo nós a felicidade de vivermos debaixo de hum Governo o mais benigno, que tem desfrutado o Reino de Portugal, não sería, Amabilissimos Socios, feia a nossa memoria, se com ella não passasse á posteridade a noticia, de que não degenerando da filiação Portugueza, tinhamos, para mostrar-nos

agra-

agradecidos, trabalhado por fazer eternas as grandes acções, as heroicas virtudes de nosso Clementissimo Soberano. Que dirião os vindouros, se lessem nas nossas Decadas, que em Lisboa se tinha fundado huma Academia, que erão Portuguezes os membros della; que estava em ditosa Paz o Reino todo; que a Justiça brilhava incorrupta; que não se tolerava o Vicio; que se estimava a Virtude; que florecia o Commercio; que se conservavão as Conquistas; (ou para melhor dizer) que reinava o Augusto, o Pio, o Fidelissimo Senhor D. José I.? E que os Arcades se esquecêrão de cantar estas Virtudes? Que dedicárão as suas composições, e os seus estudos a objectos menos dignos, e menos magestosos? Que horrorosa conjectura! Que infamia para os nossos nomes, se os vissemos accusados de tão enorme ingratidão! Eu me envergonho só com a primeira idéa: gella-se-me o sangue, estremeço; parece-me que foge o tempo; que chegão os seculos futuros, e que ouço detestar tão abominavel tradição. Perdoai-me, Senhores, esta distracção; se aqui ha enthusiasmo, he a força da verdade, que me toca o coração, que me sorprende, que me arrebata.

He bem vulgar o axioma, de que os bens não são desejados, senão quando se perdem. Vivemos no centro da Paz: não conhecemos a nossa felicidade. Talvez que os

Soldados se queixem de não haver guerra: talvez que o Piloto murmure, de que não saião Armadas. Chamão a isto não sermos conhecidos no Mundo. Lembrão-se das expedições, que nos ganhárão tantas Conquistas. Trazem sempre na memoria o Campo de Ourique, Aljubarrota, as Linhas de Elvas; mas não computão a despeza de huma longa guerra; o sangue que custa qualquer victoria; os incommodos de huma contribuição; a violencia das reclutas; e as feias consequencias da licença Militar.

Póde-se interprender com justiça huma guerra: póde-se avançar o exercito com avantagens: tudo pende da fatalidade de hum dia: póde ser obrigado a retirar-se precipitadamente. Podiamos ver a nossa Capital cercada de Tropas Inimigas. Então tudo seria espanto, tudo confusão: todos detestarião a Guerra, e chorarião pela Paz, se fixarmos a consideração em huma scena tão funesta: se virmos alijar as bombas; cahir os edificios; atear-se hum voracissimo incendio; derramarem-se pelas ruas as afflictas Mais com os innocentes filhos, espavoridos do estrondo da Artilheria; as Donzellas desamparadas, cubertas de pó, e de sangue; os cansados Velhos não podendo fugir: finalmente, os nossos Esquadrões atropelando os seus mesmos Compatriotas: os Soldados Inimigos.... Basta, Senhores; não he preciso mais; ler

van-

vantemos os olhos para o nosso Clementissimo Rei, para aquelle Astro de Paz, de abundancia, que nos livra de tantas calamidades. Que Odes, que versos não merece? E se o soffrêra a nossa Religião, que Hymnos lhe não cantariamos? Que Altares lhe não erguieriamos? Não os merecia mais Augusto; nem Horacio tinha mais razão para jurar pelo seu Nome.

Se quem tem hum largo conhecimento da materia, que pertende expôr nos seus Poemas, lhe não falta a energia, nem a elegancia: quem desejará cantar as Reaes Virtudes de hum tão grande Rei, que não tenha fertilidade na fantazia, graça nas palavras, e força nos pensamentos? Que falta pois, Nobilissimos Socios, senão principiar? E que vos demora? Talvez com profundo respeito receais que no Augusto Coração não sejão bem recebidos os vossos louvóres? Dizeis-me, que entre as grandes virtudes deste bom Principe brilha a modestia: que he ella a que aparta do Throno a infame adulação. Assim he; mas a verdade, a verdade he que domina naquella grande Alma. Se nós para louvarmos o nosso Soberano nos fosse preciso tecer Elogios mentirosos, invectivas contra os vicios, seria justo o nosso receio. Mas cantar virtudes verdadeiras, acções notoriamente grandes; effeitos da clemencia, da justiça, da generosidade, não póde deixar de ser huma acção bem accei-

ta daquelle Animo justo, que não costuma deixar a Virtude sem premio.

Ha poucos tempos, que a Divina Providencia quiz que os Portuguezes soffressem os golpes de hum horroroso flagello. Chegou o grande instante: revolveo-se o pavimento da Cidade: cahírão com feio estampido as Torres, os Templos, e os Palacios. Tudo forão lagrimas, tudo espanto, tudo confusão! Que memoravel dia! Sahimos das ruinas das nossas casas, deixando alli tudo quanto he necessario para a commodidade da subsistencia da vida. Refugiámo-nos no campo, e insensivelmente se nos foi apresentando tudo quanto podia remediar-nos, e ajudar o nosso novo estabelecimento. Que impulsos de compaixão, de clemencia não movêrão o Augusto coração de hum bom Rei, quando poz os olhos na calamidade pública! Que ordens, que determinações não sahírão daquella grande Alma em soccorro dos afflígidos Portuguezes! Grande Rei! Rei sabio! Rei pacifico! Rei clemente!

Que mais heroico assumpto, Amabilissimos Socios? Certamente que não teve Horacio, nem Virgilio outro tão cheio de verdades maravilhosas, nem tão susceptivel de bellezas Poeticas!

Não he menos digna de Elogios a sabia eleição, que este Monarca faz de seus Ministros. Que excellentes Poesias se não podem

dem compôr, querendo moſtrar o augmento do Commercio! A nova economia das Conquiſtas! O grande projecto do eſtabelecimento das Fabricas! A diſciplina das Tropas! As Leis, que quotidianamente ſe eſtão promulgando, dirigidas todas a refrear os vicios, que fomenta o eſpirito da ambição, ou do letigio! Ellas ſós farão novo Codigo, que ſerá o Faſto da Hiſtoria Portugueza, em que melhor ſe veja, não ſem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de hum tão feliz governo, e ſabio Miniſterio.

Sim, Senhores, eu eſtou já vendo que nos voſſos corações faz huma notavel impreſsão eſte Diſcurſo, e que já eſtais reſolutos a ſacrificar todas as voſſas forças a tão honroſo trabalho. Parece-me que já eſtou ouvindo as ſingulares compoſições, com que moſtrais bem recebido o meu arbitrio.

Se a ſoberba dos Romanos edificou o Capitolio; ſe fez deſte Edificio o ſacrario da Heroicidade ſó para ſer agradecido aos valeroſos Capitães, que conſervárão por longo tempo a felicidade da Républica, e a gloria da Nação; nós que podemos levantar Eſtatuas mais duraveis aos noſſos Heroes, iſto he, que podemos fazer eternas as grandes acções, tranſmittindo-as á poſteridade nos noſſos eſcritos, com que inercia os deixaremos ſepultados em hum ingrato eſquecimento?

to? Se de justiça devemos este obsequio, se he acrédor delle hum Rei o mais amavel, e mais clemente, que nos ata? que nos demora?

Tem tanta força a justiça desta causa, que a mim me parece que já nos vossos semblantes descubro algum gésto, que me reprehende. A verdade não precisa de defensores. Vós, melhor do que eu, conheceis, e observais este magnífico assumpto. Ha muito, que premeditais expollo ao Mundo nos vossos elegantes Poemas. Não foi ingratidão, não foi descuido, se tardastes em intentar a grande Obra. Quizestes delineálla com prudencia, fundando-a nas sólidas bases da verdade; mas a modestia vos deteve os passos, não pensando que a Divina Providencia nunca tira dos thesouros da sua bondade as grandes almas, que fazem felices os Póvos, que são as delicias da sua Nação; sem formar espiritos capazes de serem Panegyristas de suas illustres acções, não deviamos conhecer hum Principe tão benemerito, sem tão excellentes Poetas. Não houve Achilles sem Homero, nem Augusto sem Virgilio.

ORA-

# ORAÇÃO

. . . . . . *Prima est haec ultio, quod se judice nemo nocens absolvitur.* . . . . . .

Ex Juvenal Satyr. 13.

NÃo creio, ó Arcades, que em vossos corações se pervertesse a antiga sinceridade de costumes com tão violenta metamorfose, que para reconciliar-me comvosco me seja preciso cantar a Palinodia. Vós estais offendidos? Eu ultrajei-vos? Haverá entre Nós algum espirito tão escravo da vangloria, que não possa, nem se atreva a soffrer a verdade? Chamar-me-heis atrevido, porque sou zeloso da honra, e do credito da Arcadia? Porque não sei lisonjear-vos com fantasticas esperanças; porque vos não attribuo, se possivel he, maior merecimento do que o vosso? Ou finalmente porque não me atrevo a divulgar com soberba jactancia, que restaurámos a boa Poesia, e a verdadeira Eloquencia? Que peleijámos, e que vencemos? Não, Arcades, não sou tão ingrato, que vos julgue destituidos de piedade, e de benevolencia. Tenho reiteradas provas de que sois indulgentes para comigo; e se em minhas Obras ha algum sólido merecimento, a quem de-

vo

vo esta vantagem, senão a Vós, ás vossas lições, e ao vosso exemplo? Mas como não ha Juiz mais recto, do que a propria consciencia; como não ha mais intoleravel castigo, do que o remorso, eu sou o mesmo que me accuso, e me condemno.

Confesso-vos, ó Arcades, que foi indiscreto o zelo, com que me atrevi a imputar-vos hum crime, que Vós não tinheis commettido; hum tão vergonhoso, como sería faltardes á vossa palavra, esquecer-vos da gloria da Nação, e desprezar os interesses da Patria. Estas erão as funestas consequencias, que traria comsigo qualquer desunião, que se levantasse entre Nós: Ou se possuidos de mais atrevidos desejos, desamparassemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno Theatro para nossos accelerados progressos. E quando eu via que os Arcades desejavão, que se não demorassem as Sessões, que se não negasse ao Público o gosto de ler os nossos Escritos; quando via crescer o numero dos Pastores do Menalo; quando achava de cada vez maiores, e mais extraordinarias bellezas Poeticas em vossos versos; quando ouvia orar com eloquencia, com força, e com energia, como me atreveria a proferir, que a Arcadia estava exposta á menor decadencia? Por ventura devia julgar-vos tão cobardes, que se pudesse esperar de Vós, que cedesseis aos prognosticos da inveja? Havia

via quem dissesse, que não havia Arcadia; mas havia Arcadia: Havia quem dissesse; que os Arcades emmudecêrão; mas os Arcades não emmudecêrão: Havia quem dissesse, que os Arcades já não se ajuntavão no Menalo; mas os Arcades ajuntavão-se no Menalo: Finalmente havia quem dissesse, que não podiamos tornar a ajuntar-nos; mas Nós quizemos ajuntar-nos, ajuntámo-nos; quizemos que houvesse huma Sessão, houve huma Sessão.

Deviamos dar ouvidos a quem desejava a nossa ruina, porque não podia ouvir a nossa fama; a quem queria que nos calassemos, porque não póde fallar como Nós fallamos; a quem desapprova os nossos versos, porque não tinhão consoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Teocrito, e Bion? A quem estranhava a nossa dicção, porque adoptavamos a de Camões, de Bernardes, e de Ferreira; a quem desapprovava a nobre simplicidade de nossos pensamentos, porque he escravo de Gongora; a quem finalmente não soffre nossas Orações, e Differtações, porque não discutimos nellas frivolos Problemas, ou porque guardamos austeramente as regras da Arte de persuadir? He certo que não. He certo que não ha entre Nós hum espirito tão humilde, que pudesse sujeitar-se a tão panicos terrores. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que

Que importa, que importa que alguns animos malevolos procurassem desatar os estreitos laços de felicissima união, e de nossa inalteravel tranquillidade, attribuindo sinistras intenções a nossas Criticas, e Apologias, se Nós as recebemos com sereno rosto, se as suscitamos, e as queremos. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que nos apontem para as Scylas, em que naufragárão tantas Academias, se a nossa dura, e durará á sombra da gloriosa paz, em que nos conserva o nosso Clementissimo Soberano. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que digão, que sacrificamos a particulares interesses, e domesticas paixões o estudo de tão Divinas Artes, se Nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos Gregos, dos Latinos, e dos Portuguezes; se os imitamos, se talvez os igualamos, e se algum de Vós chega a excedellos. E eu temi que se acabasse a Arcadia? Que importa que houvesse quem chorasse com simuladas lagrimas nossa desunião, e nosso esquecimento, se Nós continuamos as Sessões. E eu temi que acabasse a Arcadia? Que importa que haja quem se atreva com descuberta insolencia a zombar das nossas promessas, e de nossas esperanças, se vossos Escritos desempenhão com honrada gloria quanto promettestes; e se vosso distincto illustre merecimento vos fazem dignos da Real

Pro-

Protecção. E temi que acabasse a Arcadia? He preciso, Arcades, que sejais nimiamente indulgentes, se ainda soffreis que falle em vossa presença quem proferio tão estranho absurdo; he preciso que me risqueis do Catalogo dos Arcades, e que nos Troncos destes Pinheiros se apague o nome de Coridão. Porém, Senhores, se Vós antes de proferir a Sentença, examinardes a justiça da causa, achareis que no excessivo zelo da honra da Arcadia consiste todo o meu delicto: Achareis hum Arcade, que estima a reputação da Arcadia, e que teme que se arruine, porque a estima; tal he a fragilidade de nossos corações! Quando houve Avarento, que não fosse cobarde? Qualquer ruido lhe congella o sangue; a leve folha de hum Alamo meneado pelo fresco Zefiro, lhe parece hum trovão; e acostumado a temer, facilmente se persuade que ha quem lhe rouba os thesouros, que guarda com ambição, e disvelo. Se eu me não interessasse pela vossa gloria, e pelas vantagens da Academia, ouviria murmurar publicamente, murmuraria com elle. Acabaria a Arcadia, ficaria mais descançado; quebraria as pezadas algemas, que Vós me puzestes; e reclamaria minha antiga liberdade, isto he, zombaria das regras de Aristoteles, de Cicero, e de Quinctiliano; faria huma Tragedia com a mesma facilidade, com que Vós

com-

compondes huma Strofe; inculcar-me-hia por Poeta, por Critico, e por Orador; a toda a hora leria os meus versos aos mesmos, a quem mil vezes os tinha repetido; não cuidaria na pureza da Dicção, da harmonia do Verso, da magnificencia da Fabula, da igualdade dos costumes, da constancia dos caracteres; finalmente faria Versos sem Poesia, Orações sem eloquencia, ou, para melhor dizer, faria quanto Vós reprovais, e reprovaria quanto Vós fazeis: Se, por exemplo, me encarregasse de compôr huma Comedia, sem ler Aristofanes, Plauto, e Terencio, sem examinar no que consiste o verdadeiro Ridiculo; poria no Theatro Jesson, desembarcando em Colcos com os valerosos Argonautas, namorado de Medea, roubar o Velocino; e depois de atravessar os mares nunca de antes navegados; depois de ter quebrantado todos os encantos, de vencer Dragões, e conseguir tão precioso triunfo, entregar a hum simples Lacaio hum Thesouro tão inestimavel, só para que o Bufão pudesse dizer hum ridiculo equivoco; não cuidaria que o Protogonista fosse hum zeloso, ou hum avarento; e isto guardaria eu para huma Tragedia; sería hum Rei hum Capitão; os amores ainda que fossem attribuidos a hum Velho, ou a hum Catão, serião o Sal Attico das minhas Scenas; arderia Troya; apparecerião Exercitos, ainda

que

que os cavallos deitassem por terra os Bastidores ; e se pudesse introduzir no Theatro o apparato de huma Trincheira, que lançasse Bombas , e disparasse Artilheria , então ganharia huma nova Fama, a que não aspirou Sophocles , nem Euripedes. Eis-aqui a ruina , que eu temia , quando temia que acabasse a Arcadia; eis-aqui o perigo, a que me parecia que estava exposta a Poesia Portugueza.

EPI-

# EPISTOLA.

SE não te enjoas de comer ſem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre meza,
Onde não tine a rica porçolana,
Nem cança os olhos trémulo reflexo
De burnida colhér, de refulgente
Britanico ſaleiro; caro Amigo,
Sabio, illuſtre Sarmento; ou não te aſſuſta
O ſuſpeito convite de hum Poeta
Affeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde Tugurio Noto aſſouta,

E

E Africo lhe arrepia as leves telhas,
Hoje pódes cear na Fonte-ſanta:
Melhor que o de Falerno, o roxo ſumo
Por ſordidos Galegos trasfegado,
Na fertil margem do ceruleo Douro
Alegres beberemos: Na cozinha
Eſtala a ſecca lenha, brilha o fógo;
O negro bicho, ou negro cozinheiro,
Enroſcado no eſpeto fica aſſando
Hum lombo corpulento: Agora deixa
As ſérias reflexões, as eſperanças
Da branca Vara, da ſoberba Toga,
Das Raſcoas vizinhas, lumes fatuos,
Que obſervas com teu longo Teleſcopio:
A deſabrida noite nos convida
A que juntos paſſemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia:
Teremos bons Parceiros, cartas novas,
E em ruivos caſtiçaes de Pexisbeque
Arderão duas candidas bugias:
Já na meza fumega o precioſo
Natural Elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido,
Que o pão de cada dia, neſta Caſa:
Fóra huma cá lancemos; que não falta
Quem farte o mole ventre com garoſos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas:
Não me namorão fartos teſtamentos,
Opulentas heranças; a meus Filhos
Baſta ſó que lhes deixe para exemplo

A

A nobre tradição, de que descendem
De hum Pai, que detestou a vil lisonja
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho;
Que abrio novo caminho para o Pindo;
Que leu, e que estudou; e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;
Que illustres bons Amigos o buscavão,
Como allivio da barbara tortura
De conversar com Geras, e Tapuyas.

ODE.

# ODE.

NÃo fabulosa Tea de mentido
Gentilico Hymeneo, Illustres Noivos;
Mas sagrada união d'hum Sacramento
Vos prende, e vos ajunta.

Com catholico Rito abençoada
A ditosa alliança, nos promette
Dos Mellos, dos Noronhas, e Menezes
Heroica descendencia.

'As illustres acções, que a Fama espalha,
Repetidas veremos: Torna torna
A boa idade de ouro! A boa idade
Do Nome Lusitano.

Nas respeitadas Campas dos honrados
Vossos claros Maiores subir vemos
As palmas, e loureiros, que regados
C'o sangue illustre forão.

Dentre a copada rama se levanta
Estranho Simulacro! Reverbera
No lizo peito de aço o roxo Febo,
Que immensa luz espalha.

Levanta o forte braço a grande espada;
E da folha os relampagos assustáo
As soberbas muralhas de Bizancio,
De Tangere, e de Arzilla.

Mas que gentís Guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvillo! Alli lhe ensina
O Tatico Systema: Alli lhe mostra
As Avitas façanhas.

Serrados Esquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo as torpes Luas,
Eclipsadas vacillão! No ar ondêão
As sacrosantas Quinas.

Esta a Prole será, que a Patria espera
De tão ditoso Thalamo, que as Musas
Já desejão cantar: Já lhe preparão
Alegres Epinicios.

ORA-

# ORAÇÃO

*Para se recitar no acto do juramento de Bandeiras do Regimento de Infanteria, sendo Coronel delle*

O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez das Minas.

Nobilissimos Senhores Officiaes; Nobres, e honrados Camaradas.

Empre a gloriosa reputação das Armas dependeo da disciplina Militar. Os Póvos, que mais religiosamente observaváo as leis da guerra, fundáráo Reinos, conquistáráo Imperios, e chegáráo a ser Senhores de quasi todo o Mundo. Assyrios, Gregos, e Romanos, em cujas Decadas lemos ainda hoje os mais illustres exemplos de valor, náo commettêráo facções pasmosas fiados na força, e numero de Falanges, e Legiões; mas sim no estudo, com que á sombra da mais profunda paz aprendiáo os vastissimos preceitos da Arte da guerra. Que náo fizeráo poucos Portuguezes em Africa, Asia, e America! Se talláráo Campos, arrazáráo Cidades, e subjugáráo ferocissimas Nações, foi sempre a disciplina quem pizou, e submetteo a desordenada multidáo dos Barbaros. Esta incontes-

testavel tradição vos põe diante dos olhos a mais clara idéa das honradas obrigações de hum Soldado; e não será muito que em corações Portuguezes inspire hum ardentissimo desejo de solemnemente ligar-vos com tão santo juramento; juramento, de que depende toda a fortuna da guerra.

Neste público, e solemne acto, em que juramos as Bandeiras, se obriga o Regimento, e nos obrigamos todos a servir como leaes Vassallos ao nosso legitimo Rei, e Senhor; a guardar suas Reaes Ordens; a obedecer cégamente aos Commandantes; a defender as Bandeiras; a não evitar a morte; a sustentar o terreno; a ganhallo; a não desertar; a arrostar-nos sem susto com o mais formidavel inimigo; finalmente a derramar gloriosamente o sangue pela defensão da Patria, pela honra, e gloria de nosso Clementissimo Soberano.

Que Portuguez, ou que Vassallo de tão bom Rei, deixará de abraçar com gosto, e de observar religiosamente tão honrados preceitos? Quem haverá tão cobarde, que na reserta das armas, e no ardor dos conflictos, alçando os olhos, e pondo-os nas Bandeiras de seu Regimento, não haja de abalançar-se ao mais vivo fogo, não obre prodigios de valor, e de fidelidade, se lembrado de tão santo juramento, vir que Deos, que o Rei, que a Patria, e que seus Maiores lhe estão

na-

naquellas Bandeiras bradando pelo desempenho da sua palavra; pela obrigação de seu Officio; e pela honra de toda a Nação?

Não fora estranha exaggeração dizer, que nas Bandeiras se representa o Soberano. Quem levar em seu coração bem gravada tão magnífica idéa, commetterá com sereno rosto as mais arduas emprezas. Quem haverá, que figurando hum breve instante em sua imaginação; que vê cercado de inimigos hum Rei, delicias de seus Vassallos, Pai da Patria, Pio, e Magnífico; que observa recrescer os Esquadrões; que ouve o tropel dos cavallos, o fragor da Artilheria; que vê brilhar as Armas; e finalmente, que vê travar a peleija; não sinta inflammar-se em hum generoso, e indomito furor; não arranque a espada, e não tema, que algum se lhe adiante, e lhe roube a gloria de vencer, ou de morrer primeiro? Quem haverá, que penetrado da mais nobre fidelidade, tema as sibilantes rociadas de Mosquetaria, ou não rompa os mais cerrados Batalhões? Hum Soldado Portuguez deve olhar para as Bandeiras de seu Regimento como para hum Painel, que a toda a hora, e a todo o instante lhe apresenta aos olhos esta pintura.

A este glorioso juramento, o qual abrange todas as obrigações da vida Militar, deveo a Républica Romana o respeitado poder de suas armas; o pasmoso progresso de suas

ſuas victorias; e a incrivel vaſtidão de ſeus Dominios. Poucas Legiões forão o inſtrumento de tão avantajados ſucceſſos. Tanto póde a boa diſciplina! Na guerra nunca a multidão deſordenada atropelou o pequeno numero bem diſciplinado. Que farião, ou que podião tentar os Romanos contra a eſpantoſa multidão dos Galos ſem diſciplina? Quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos? Quem os aconſelharia a deſprezar o poder, e arrogancia dos Hiſpanos? Quem os levaria a contraſtar os eſtratagemas, e a riqueza da Africa? Quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte, e prudencia dos Gregos, ſe não a boa diſciplina, alcançada pelo continuo exercicio, pelo incanſavel eſtudo da arte da guerra, e pela religioſa obſervancia do juramento?

Tão honrado era o nome de Soldado, e tão ſantas as obrigações Militares nos bemaventurados dias daquella famoſa gente, que era quaſi ſacrilegio pegar nas armas, e ſervir na guerra quem antes com ſolemne juramento não houveſſe ſido inſtallado na ordem da Milicia! De Catão ſe conta, que licenciando Pompilio huma Legião, na qual militava o Filho daquelle grande Patricio; e querendo o generoſo Mancebo ficar no Exercito, o velho, e ſizudo Pai, zeloſo dos antigos coſtumes das Leis Militares, e

da

da severidade da disciplina, foi o primeiro, que protestou pela observancia, escrevendo a Pompilio, que não consentisse seu Filho na Trópa, sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta solemnidade lhe não era licito peleijar com o inimigo. Eis-aqui o pezo, que tão grandes Homens davão ao juramento das Bandeiras. A estes religiosos costumes, e santas maximas de guerra deveo Roma a antonomasia de Cidade, e a gloria de Capital de todo o Mundo. A disciplina lhes infundio valor; e o valor de seus grandes Capitães, e de seus obedientes, e intrepidos Soldados levou as Aguias Romanas ás mais remotas Provincias do Mundo.

Os Soldados Portuguezes, ainda mais que os Romanos, estão obrigados a defender com valor, constancia, e fidelidade as Bandeiras de seu Corpo, e o Guião do Exercito. Quasi todas estas Insignias apresentão aos olhos as sagradas Quinas de Portugal; ou ao menos as cores tiradas de hum Brazão dado pelo mesmo Deos, quando para si fundou tão glorioso Imperio. Que Soldado haverá tão infame, e tão perjuro, que antes não quizesse derramar o sangue, e perder a vida, que ver na mão dos inimigos abatidas, e arrastadas tão sagradas Bandeiras? Quem escolheria antes hum captiveiro affrontoso, que huma morte honrada? Quem teria valor para tornar a ver os seus Amigos,

gos, e Parentes, infamado de táo horrenda cobardia? Como se atreveria a alçar o collo trilhado do jugo, ou que pertenderia obrar com as máos calejadas da Soga?

Nobres, e muito honrados Camaradas, em vossos semblantes estou vendo a feroz indignação, com que detestais táo abominavel, e feio procedimento; e talvez me reprehendeis de lembrar-vos o que náo ignorais. Assim he; mas o zelo do serviço de Sua Magestade, o amor da Patria, me fizeráo esquecer de que fallava com Portuguezes, e com Soldados disciplinados por hum Coronel, em cujas illustres acções, e generosas virtudes tendes a mais propria doutrina da honra, do zelo, e do fervor, com que deveis cumprir com as obrigaçoes de Soldado.

Continuai pois com incansavel animo no exercicio das Armas: Deste trabalho depende o bom successo das Batalhas. Deos, El-Rei, e Portugal vos entregáo hoje aquellas sagradas Bandeiras limpas da menor mancha de cobardia, e infidelidade; e vede que ante táo grandes Juizes haveis de dar conta da gloria, com que vo-las entregáo. Aprendei a peleijar, e a náo temer o perigo; quem deseja a paz, prepara-se para a guerra. Náo vos esqueçais de qual he a obrigaçáo, a que vos liga este juramento: E se trouxerdes presente sempre na memoria, a gra-

gravado em vossos corações o solemne acto deste próspero dia, sereis verdadeiros Soldados, Vassallos de tão bom Rei, e Filhos de tão honrada Patria.

Disse.

ODE.

# O D E.

OH mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoſo Inverno alegre paſſa!
Que de hum pequeno campo,
Que elle meſmo cultiva, ſe alimenta
Apaſcentando as vacas,
Que da mão paternal ſómente herdou
C'os dourados novilhos,
Em quanto ſobre a terra ſe reclina
Dormindo deſcançado
Ao ſom das freſcas aguas de hum regato,
Horroroſos cuidados
O não vem perturbar no brando ſomno.
A ſordida cobiça
Lhe não faz conceber vaſtos projectos;
Não penſa, não intenta
Atraveſſar o cabo tormentoſo,
Soffrer chuvas, e ventos,
Ouvir roncar as denigridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a Lua ir eſcondendo
O macilento roſto,
Por ir commerciar c'os pardos Indos,

E

E Chinas engenhosos.
A sede insaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah illustre Soeiro, doce Amigo,
O ouro de que serve,
Se os annos vão correndo tão velozes?
Se a morte não consente
Que a enrugada, e pálida velhice
Com passos vagorosos
Nos venha coroar de niveas cans?
O Senhor oppulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando soberbos Edificios,
Arranque as oliveiras,
O chopo, que sustenta as roxas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murta, de cheirosas plantas.
O campo, que ondeava
Com as uteis, e pálidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espeço cedro, do frondoso louro,
Alegre vá passando
No seio das delicias, e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres Filhas da noite, as ímpias Parcas,
Gyrando os leves fusos,
Lhe acabão de fiar os curtos dias.
Que a morte inexoravel

Se chega ao rico leito, em que descança,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão, com que lhe péga.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos annos.
Só tu, filha do Ceo,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

ODE.

# ODE.

Ainda que o Ceo ſereno, o dia claro
Doce prazer inſpire
Aos miſeros mortaes, aos namorados;
Pezada eſcura ſombra
O coração me cobre; feias trévas,
Onde a memoria paſma,
Mais longa a ſaudade repreſentão.
Nem ſe quer falſos ſonhos
Com doce engano aquella luz me fingem,
Por quem ſempre ſuſpiro.
Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos
Me trazes Sol, e dia;
Em teus formoſos olhos me amanhece
A mais gentil Aurora;
Em teus formoſos olhos vem os raios,
Que dourão eſtes montes;
Que a ſecca terra cobrem de mil flores,
Que no meu peito accendem
Doces deſejos, doces eſperanças,
Finiſſimos amores.
Mas já Favonio freſco brandamente,
Dos alamos as folhas

Com

Com ſeus ſonoros ſopros levantando,
A vinda me annuncía
Dos vencedores olhos, por que eſpero;
Dos olhos, por quem morro:
Ah! que já chega Marcia, ſocegai-vos,
Meus cançados deſejos;
Socegai, eſperanças, que já vejo
Naſcer o meu bom dia.

ODE.

# ODE.

De grande nome barbaro desejo
Se o rico Templo da triforme Deosa
A poucas cinzas reduzindo espera
Impia memoria.

He menos torpe, menos detestavel
Tão feio crime, que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar ás aguas
C'o precipicio.

Ora sereno, como o Sol dourado,
De alegres cores todo o Mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da serra.

Mas outras vezes rápido parece,
Aquilão Thracio, que nos Ceos batendo
As negras azas, terra, e mar envolve
Espessa chuva.

Sem-

Sempre ſublime no Parnaſo colhe
O digno louro, que lhe adorna a téſta,
Immenſo genio com ditoſos voos
Pindaro alcança.

Ou cante a freſca nova Primavera
Dos groſſos freixos ſacudindo o gello,
Serena a Lua, as graças vem dançando
Com Citherea.

Em quanto ardendo na árida officina
Ao ſibilante fuzilar da forja
Moſtrão os çujos amarellos roſtos
Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil diſçordia
As mãos vermelhas com Latino ſangue,
Cala-ſe o Povo, pálida triſteza
Muda os aſpectos.

Ou branco Ciſne livre já da Eſthigia,
Sinta naſcer-lhe rude pello, ſinta
Já já nos dedos, ſinta já nos hombros
Candidas pennas.

Sobre as Cidades voa, já deſcobre
Do tormentoſo Bosforo bramindo
Parthos, e Scitas, Eperborios campos,
Libicas Syrtes.

Ou

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o vestal fogo Roma Capitolio
Tinha esquecido.

Eu vi inteiros nossos Estandartes,
As armas limpas, Centuriões Romanos
C'o as mãos atadas, Regulo dizia,
Vi em Carthago.

Oh grande Horacio, sempre grande, e forte,
Sempre sublime, rápido te eleva:
A nossos olhos súbito se esconde
Entre as Estrellas.

# ODE.

DOrmes, Jerusalem? Acorda, acorda,
Que chega a tua Luz: o Sol Divino
As trévas dissipando, já scintilla,
Já em ti nasce.

Opaca, e negra sombra te cubria;
A gloria do Senhor brilhantes luzes
Derrama sobre ti, sobre teu Povo:
Acorda, acorda.

Estende a vista por teus largos campos,
Vê, vê a immensa gente, que te cérca:
Todos o grande instante suspiravão,
Todos o esperão.

Olha as fortes Nações, que vem buscando
O resplendor, que espalhas: Denso fumo
O Incenso de Sabá ardendo exhala
Em teus Altares.

Qu-

Ouro, e Myrrha, Monarcas humilhados
Já com prodiga mão alli te offrecem;
Os olhos baixos, curvos os joelhos,
Teu Templo adorão.

Abertas tuas Portas já recebem
Dos mais remotos climas os tributos;
Já os rebanhos de cedar alvejão
Nas altas ſerras.

Tudo porém ſe cala; que profundo,
Reſpeitoſo ſilencio! Vem, já chega
O Principe da Paz, Deos admiravel
Filho do Eterno.

Huma Virgem pario: Fez-ſe Deos Homem:
Do Tronco de Jeſſé rebenta a Vara:
Lá deſce ſobre a rama abrindo as azas
Myſtica Pomba.

Já vem o Salvador annunciado
Por Divinos Oraculos; abaixão
Já no Lybano os ramos incorruptos
Os altos Cedros.

Denſa nuvem de Incenſo em Saron ſóbe:
O cume do Carmelo Ambar reſpira:
Já ferve a branca eſcuma, que rebenta
De aridas penhas.

# CANTIGAS

*Feitas ao Divino Espirito Santo, no anno, em que servio de Emperador hum Filho do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. José de Alencastro.*

I.

ALmo Espirito Divino,
Deste Imperio Protector,
Inflamma os devotos peitos,
De que foste Creador.

II.

Tu Paraclyto te chamas;
Fonte viva, e sempiterna;
Incendio de caridade;
E Dedo da Mão Paterna.

III.

Do Estellante Empyreo desce,
Nas azas de Serafins:
Anjos, Thronos te acompanhem,
Potestades, Cherubins.

IV.

IV.

Já com vozes inceſſantes
Tres vezes Santo te acclamão:
E de tua immenſa Gloria
A Mageſtade proclamão.

V.

Abrão-ſe as Portas do Ceo,
Enche de luzes a terra:
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os deſterra!

VI.

Venhão em noſſo ſoccorro
As celeſtes Legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

VII.

Mil coriſcos vomitando
Caia o Dragão furibundo,
Que accezas fauces abrindo
Deſeja tragar o Mundo.

VIII.

Derrotadas as catervas
Do caliginoſo bando,
Em noſſas roxas bandeiras
A victoria eſtá brilhando.

IX.

IX.

Sobre a dourada Coroa
Do devoto Imperador,
Vemos fuzilar os raios
De teu divino esplendor.

X.

Em quanto de nossos olhos
Teu lume santo for guia,
Confessaráõ os Infernos
Deste Imperio a soberania.

XI.

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Dissipando as densas trévas
O ruido dos tambores.

XII.

Em triunfo campeando
Cantaremos a victoria,
Té ver de Sião os muros
Cubertos de immensa glória.

XIII.

Seguindo tuas bandeiras
Em teu serviço alistados,
Fuliões, e Imperador
Somos de Christo soldados.

XIV.

Armados do lume teu,
 Rutilante escudo forte!
 Esperaremos constantes
 A curva foice da morte.

XV.

Se nossos votos te agradão,
 Se escutas nossos clamores,
 Sobre a Casa d'Alencastro
 Chovão os teus resplendores.

XVI.

Entre candidas virtudes
 Com illustre heroicidade,
 Esmalta os brazões do sangue
 Magnanima caridade.

XVII.

Qual o Pelicano terno, (*)
 Que o peito de ouro rasgando,
 Está c'o sangue das veias
 Os filhos alimentando.

XVIII.

(*) Allude ao Pelicano de ouro, que a Familia dos Alencastros tem por tymbre de suas Armas.

## XVIII.

Assim a grande alma illustre
Em celeste amor acceza,
O coração rasgará
Para acudir á pobreza.

## XIX.

Nos solios da eternidade,
Que occulta tanto Mysterio,
A desejão ver croada
Os Vassallos deste Imperio.

## FIM.

# INDICE

## DAS POESIAS, QUE SE CONTÉM neste Livro.

## SONETOS.



Fa-

Ca-

## ODES.

## DITHYRAMBOS.



## SATYRAS.



## EPISTOLAS.



## ROMANCE

### HENDECASYLLABO.



## MOTES.



CAN-

# CANTIGAS.



# ENDECHAS.



# DISSERTAÇÕES.



# ORAÇÕES.



EPI-

## EPISTOLA.



## ODES.



## CANTIGAS.



## ORAÇÃO.



ER-

# ERRATAS.

| Pag. | *Erros.* | *Emendas.* |
|---|---|---|
| 1. | á vergonhosa pena . . | a vergonhosa pena . . . . . |
| 6. | Pedregosos . . . . . . | Pedragosos . . . . . . . . |
| 16. | ou beire o vento . . | ou brame o vento . . . . . |
| | divertimento . . . . | contentamento . . . . . . |
| 22. | A luz, que as tuas horas | A luz, que tuas horas . . |
| 24. | Sereno tornas . . . . | sereno torna . . . . . . . |
| 26. | o esfaimado nariz o coice atura . . . . . | o entupido nariz o embate atura . . . . . . . . . |
| | com hum rodeiro maço | com hum rodeiro malho . . |
| 37. | silvada . . . . . . . | silvando . . . . . . . . . . |
| 50. | Lacaios, e mulheres, filhos, criadas . . | Lacaios, mulher, filhos, e criadas . . . . . . . . |
| 51. | o Longroom . . . . | o Long Room . . . . . . |
| 70. | titubiantes . . . . . . | titubantes . . . . . . . . |
| 86. | com as Luziadas . . | com os Luziadas . . . . . |
| 91. | reduz . . . . . . . . | reluz . . . . . . . . . . . |
| 100. | c'os tremulos reflexos da prata . . . . . | c'os tremulos reflexos; . . De prata não se accendem . |
| 103. | indomitos . . . . . . | indomitas . . . . . . . . . |
| 104. | Mostarda . . . . . . . | Mostrando . . . . . . . . . |
| | anciães . . . . . . . | anciões . . . . . . . . . . |
| | péga . . . . . . . . | pégão . . . . . . . . . . |
| | com mão pezada aballa . | com mão pezada abola . . |
| 105. | da Cidade . . . . . . | da idade . . . . . . . . . |
| 106. | de fouce nem relogio . | de foices, e relogios . . . |
| 112. | affaga . . . . . . . . | afaga . . . . . . . . . . . |
| 113. | ó Maclean . . . . . . | ó Macbean . . . . . . . . |
| 114. | cava porçolana . . . . | côva porçolana . . . . . . |
| 124. | illustre Maclean . . . | illustre Macbean . . . . . . |
| 125. | vivo . . . . . . . . . | viva . . . . . . . . . . . . |
| | de Venoza . . . . . | de Venuza . . . . . . . . . |
| 127. | Zefira . . . . . . . . | Zefiro . . . . . . . . . . . |
| 131. | Tempo . . . . . . . . | Templo . . . . . . . . . . |
| 143. | Ursos . . . . . . . . | Urcos . . . . . . . . . . . |
| 144. | te deo . . . . . . . . | te dou . . . . . . . . . . |
| 146. | c'a importuna . . . . | c'o a importuna . . . . . . |
| 149. | que diga . . . . . . | que o diga . . . . . . . . . |
| 150. | te valerá . . . . . . | te valêra . . . . . . . . . |
| 154. | dos antigos, errados interesses. . . . . | dos antigos errados interesses . . . . . . . . . . . |
| 158. | transmigridas . . . . . | transmigradas . . . . . . . |
| 165. | o Regio throno . . . . | do Regio throno . . . . . |
| | o acaso defender dos vicios . . . . . . . | o acesso defender aos vicios |
| 188. | na Betesga . . . . . . | na Bitesga . . . . . . . . |
| 232. | maximas do estado . . | maximas de estado . . . . |
| | tão casara . . . . . . | tão çafara . . . . . . . . |

239.

# ERRATAS.

| Pag. | *Erros.* | *Emendas.* |
|---|---|---|
| 239. | que a Barbas roxas | que a Barba roxa |
| 262. | o tragico cathurno | o tragico cothurno |
| 264. | para aqui | por aqui |
| 268. | mil gemmas | mil gommas |
| 298. | e capacltado pois | capacitado pois |
| 299. | exiga | exija |
| | da ſua natureza | de ſua natureza |
| 300. | os cataſtroſes funeſtos | as cataſtrofes funeſtas |
| 305. | as quaes ſe não vem | as que ſe não vem |
| 307. | ſe excutão | ſe executão |
| 310. | *Et quocumque volentes animam auditores agunto* | *Et quocumque valent animum auditoris agunto* |
| 313. | a que ſe afaſta | aqui ſe afaſta |
| 315. | e deſta duplicada, outra | e deſta duplicada viſta |
| 316. | ſe deve de aproveitar | ſe deve aproveitar |
| 317. | eu me lembro della | eu me lembrei della |
| 323. | de obra ethica | de boa ethica |
| 324. | ſubir á ſentença, &c. á cenſura, &c. e á condemnacão | ſubir a ſentença .... a cenſura .... e a condemnação |
| 327. | do Eſcrutino | do Eſcrutinio |
| 328. | não devemos largar das mãos eſtes ſoberbos originaes | não devemos largar das mãos; eſtes ſoberbos originaes |
| 332. | com o cabedal meu | como cabedal meu |
| 352. | que me venho ſubſtituir | quem venho ſubſtituir |
| 361. | paſſado o axioma | paſſado a axioma |
| 362. | Bergopzoom | Bergabzum |
| 368. | que erige a grandeza | que exige a grandeza |
| 370. | com avantagens | com ventagens |
| | pela paz, | pela paz: |
| | ſcena tão funeſta: | ſcena tão funeſta, |